

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Gisele Regina Paes de Arruda

**Movimentos Sociais no Ciberespaço:  
Uma Investigação sobre o Ciberativismo.**

**MESTRADO EM TECNOLOGIA DA INTELIGÊNCIA E DESIGN DIGITAL**

**São Paulo**

**2011**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Gisele Regina Paes de Arruda

**Movimentos Sociais no Ciberespaço:  
Uma Investigação sobre o Ciberativismo.**

**MESTRADO EM TECNOLOGIA DA INTELIGÊNCIA E DESIGN DIGITAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Nelson Brissac Peixoto.

**São Paulo**

**2011**

**Banca Examinadora**

---

---

---

Para Jonas, filho querido.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço o apoio e o incentivo recebido pelos professores do Programa de Pós Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, em especial ao Prof. Nelson Brissac Peixoto, pela dedicação e confiança.

Aos amigos e professores da PUCSP, em especial à Professora Sônia Maria Alegretti pelo impulso inicial.

A Herbert Souza, pela preciosa ajuda com as traduções.

A Edna Conti, Marta de Souza e Natália Condez pelo apoio, troca de experiências e idéias.

A minha família pelo carinho e paciência.

## **Resumo**

Esta dissertação apresenta uma contextualização das mudanças que ocorreram nos Movimentos Sociais, sobretudo a partir dos anos 90, década que marcou o crescimento do uso das tecnologias da comunicação e informação, trazendo consigo uma horizontalização dos movimentos sociais por meio do ciberativismo. Assim, a pesquisa procurou traçar a evolução da internet, ilustrada mediante imagens e mapas retirados do Atlas do Ciberespaço de Martin Dodge e Rob Kitchin, simultaneamente, analisando como o ciberespaço influenciou na configuração desses novos movimentos sociais ao se apropriarem dessas novas tecnologias. Por meio da comparação e análise de alguns movimentos sociais representativos, desenvolveremos um estudo sobre o papel da internet como forma de disseminação e formação do ciberativismo na implementação de campanhas, divulgação de causas e mobilização da sociedade.

**Palavras-chave:** Ciberativismo, Movimentos Sociais, Tecnologias da Comunicação e Informação

## **Abstract**

This paper shows a contextualization of changes which has happened in relation to the Social Movements, specially from the 90s, the decade that marked the growth of communication and information technologies usage, bringing a horizontalization of social movements through cyberativism. Thus, the research intended to feature the internet evolution, illustrated by images and maps picked from “The Atlas of Cyberspace” by Martin Dodge and Rob Kitchin, simultaneously analyzing how the cyberspace has influenced on configuration of these new social movements when it approached these new technologies. Through a comparison and an analysis of some representative social movements, it will be develop a study on the internet role as a way of cyberativism formation in advertisement implementation of causes and society mobilization.

**Keywords:** Cyberativism, Social Movements, Communication and Information Technologies.

## **LISTA DE FIGURAS**

- Figura 1 – Casa das caldeiras – pg. 11
- Figura 2 – Esboço de Mapas ARPANET – pg.35
- Figura 3 – ARPANET –Mapa Lógico– pg.37
- Figura 4 – ARPANET – Mapa Geográfico – pg.38
- Figura 5 – Gráfico Grande do MBone – topologia da rede – pg. 39
- Figura 6 – Fluxo de dados USENET – pg.40
- Figura 7 – O Mundo dividido por tecnologia – pg.41
- Figura 8 – Mapas da Conectividade Internacional – pg. 42 e 43
- Figura 9 – Matrix Net – Mapas do Mundo– pg.44
- Figura 10 – Gráfico de Conectividade– pg.46
- Figura 11 – Relatório internet e tempo– pg.49
- Figura 12 – NORDUnet – mapa da rede de tráfego– pg.50
- Figura 13 – Mapas UUNET do Backbone – pg.51 e 52
- Figura 14 – CMI – Centro de Mídia Independente – Brasil – pg.57
- Figura 15 –Gráfico internet núcleo – pg.62
- Figura 16 – Círculo geográfico das redes de comunicação – pg.67
- Figura 17 – Topologias 3D – visualização hiperbólica da Internet – pg.70
- Figura 18 – EZLN – Exército Zapatista da Libertação Nacional – site – pg.79
- Figura 19 – Facebook Enlace Zapatista – site – pg.82
- Figura 20 –MST – Movimento dos Trabalhadores sem Terra – site – pg.83
- Figura 21 – MST – Movimento dos Trabalhadores sem Terra – twitter – pg.84
- Figura 22 – Avazz – campanha – pg.99
- Figura 23 – Avazz – estatísticas – pg.99
- Figura 24 – acessos ao site Avaaz pelo índice Google insights, no período de 2006 à 2011– pg.101
- Figura 25 – Índice Alexa de visitas ao site Avaaz – pg.102

## **LISTA DE QUADROS**

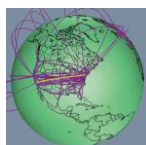
- Quadro 1 - Recorte geográfico e histórico dos movimentos sociais – pg.24
- Quadro 2 – Conceitos gerais – cronologia dos movimentos sociais – pg.25

# SUMÁRIO



|                            |             |
|----------------------------|-------------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b> | <b>p.10</b> |
| 1.1 – Objetivos .....      | p. 12       |
| 1.2 – Metodologia .....    | p. 12       |

## **2. MOVIMENTOS SOCIAIS E CIBERATIVISMO: REFLEXÕES.**

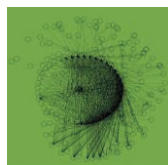


|                                                                                   |       |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-------|
| 2.1 – Movimentos Sociais: Das Revoluções Sociais as Revoluções Tecnológicas ..... | p.15  |
| 2.1.1 – O Movimento Operário e o Manifesto Comunista .....                        | p. 17 |
| 2.2 – Histórico dos Movimentos Sociais .....                                      | p. 23 |
| 2.2.1 – Novos Conceitos de Movimentos Sociais .....                               | p. 27 |

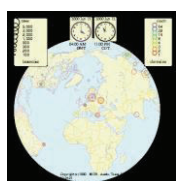
## **3. CIBERATIVISMO – A ERA DA CONEXÃO:**

|                                                                                                                                        |       |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| 3.1 – A Constituição do Ciberespaço: surgimento e expansão da internet .....                                                           | p. 32 |
| 3.1.1 – Ciberespaço .....                                                                                                              | p. 45 |
| 3.1.2 – A Sociedade Conectada e a Cibercultura .....                                                                                   | p. 49 |
|  3.2 – A Sociedade Conectada e a Cibercultura ..... | p. 54 |
| 3.2.1 – Compressão espaço e tempo .....                                                                                                | p. 63 |
| 3.2.2 – Ciberativismo em Territórios Recombinantes .....                                                                               | p. 70 |

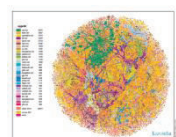
#### 4. CIBERATIVISMO – ESTUDOS DE CASO.



|                                                     |       |
|-----------------------------------------------------|-------|
| 4.1 – O EZLN .....                                  | p.75  |
| 4.2 – O MST .....                                   | p. 83 |
| 4.3– O MST e o EZLN – Objetivos e Semelhanças ..... | p. 87 |
| 4.4 – AVAAZ .....                                   | p. 96 |



|                                   |               |
|-----------------------------------|---------------|
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b> | <b>p. 103</b> |
|-----------------------------------|---------------|



|                        |              |
|------------------------|--------------|
| <b>WEBGRAFIA .....</b> | <b>p.105</b> |
|------------------------|--------------|

|                           |              |
|---------------------------|--------------|
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b> | <b>p.111</b> |
|---------------------------|--------------|

# INTRODUÇÃO

O estudo dos movimentos sociais é tema complexo e extenso de ser abordado. A proposta dessa dissertação é identificar quais as características das novas formas de organização dos movimentos sociais, considerando o aumento crescente das tecnologias da informação e da comunicação na articulação e organização dos movimentos sociais, bem como a possibilidade de formação de formas diferenciadas de ativismo, cada vez mais estruturadas sobre a lógica de redes agregando grupos que compartilham determinados valores. A partir de exemplos, identificar-se-á a emergência de um ativismo social que incorpore as novas tecnologias da informação e da comunicação.

Meu interesse pelo ciberespaço se deu no início da minha graduação em Geografia, a partir de 2003. A princípio, o interesse inicial era a construção do espaço urbano, sobre o possível uso das áreas degradadas ou abandonadas (**Figura 1**), também conhecidas como brownfields, e a possibilidade de reutilização dessas áreas em prejuízo do uso das remanescentes áreas verdes encontradas na cidade. Essas áreas abandonadas ou rugosidades, reminiscências de um período anterior, que perderam sua função ou são subutilizadas, são foco de interesse, visto que se apresentam como opção ao uso urbano em detrimento de áreas não urbanizadas. Suas características, formas de identificação e apresentação, possibilidades de requalificação ou refuncionalização, o tratamento que é dado a questão por países que já desenvolvem estratégias de reutilização por intermédio de iniciativas público-privado. Era o início de um turbilhão de descobertas, entre elas como se dá constituição e a apropriação do espaço urbano, a produção espacial pelas relações de produção capitalista e, conseqüentemente, da especulação imobiliária e da segregação espacial, bem como os movimentos de resistência ante a distorção dos valores humanos, ocasião em que o sistema se mostra profundamente opressor.



**Figura 1:** Casa das caldeiras - área degradada recuperada. Foto por: André Schneider Prietsch em <http://www.flickr.com/photos/andresp/>

Essas considerações levaram a me debruçar sobre uma nova forma de espaço: o ciberespaço. Na sociedade informacional, as novas tecnologias se tornaram, assim, importantes instrumentos de articulação e mobilização dos coletivos sociais, bem como possibilitaram novas formações de movimentos sociais e diferentes formas de ativismo.

A questão que então surgia era se esse novo espaço de atuação reproduziria as relações e contradições sociais do espaço urbano. Para responder a essas indagações, primeiramente, este estudo procurou identificar quais as características e formas dos movimentos sociais, enfocando as organizações sociais mais recentes, quando os movimentos sociais se apropriaram das novas tecnologias da comunicação e informação, passando a se organizar em redes, constituindo uma geração de ativistas conectados à rede mundial de computadores, conhecida popularmente como Internet.

A partir de considerações e análises de alguns exemplos, pretende-se identificar quais são as novas formas de cultura organizacional dos movimentos sociais e sua apropriação das tecnologias de informação.

## **1.1 – Objetivos.**

Esta pesquisa tem como tema o estudo sobre o desenvolvimento dos movimentos sociais, sobretudo após a década de 90, com o surgimento do ciberespaço e da sociedade informacional como uma das dimensões do espaço geográfico.

O objetivo central da pesquisa é demonstrar que a apropriação das Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC podem se apresentar como oportunidade de mudança nas relações culturais, como forma de resistência aos mecanismos de dominação ou de enfraquecimento da democracia mediante o ciberativismo.

Os objetivos específicos abrangem:

- a) Discutir a crise pós-industrial e a fragmentação social, reconhecer as possibilidades e usos da estética de cibercultura como forma de resistência cultural em suas variadas formas, em especial, do ciberativismo;
- b) Levantar uma amostragem no ciberespaço de movimentos sociais, redes virtuais e defesa de cidadania e analisar seu histórico e campo de atuação;
- c) Analisar como os movimentos sociais têm se apropriado das novas tecnologias da informação e o papel do ciberativismo para reverter a apropriação desigual da tecnologia e da informação.

## **1.2 – Metodologia.**

Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se por, inicialmente, compreender a dinâmica dos movimentos sociais.

Também foi necessário abordar as conceituações de ciberespaço e como se configuram as relações culturais ali estabelecidas, bem como os conceitos de Movimentos Sociais.

Para organizar as informações, escolheu-se uma amostra significativa de alguns

entre os vários tipos de movimentos sociais no ciberespaço e as ações desenvolvidas. Estabelecidos esses pontos, partiu-se para a fundamentação teórica do tema e contextualização pelo levantamento de fontes.

Para o levantamento bibliográfico necessário que direciona a pesquisa, escolheu-se, fundamentar os conceitos de movimentos sociais a partir de autores como Gohn, Castells, Melucci Marx e Scherer.

Também foi preciso identificar conceitos como o da supermodernidade (aceleração do tempo e do espaço pela revolução industrial e tecnológica); a relação entre fixos e fluxos, formando a percepção de espaço; a questão do ciberespaço como lugar ou não-lugar; e a aceleração dos meios de comunicação, se fundamentou em autores como Augé, Virilio, Lemos e Negroponte.

Objetivando o conhecimento do universo virtual, procurou-se contextualizar a pesquisa por meio de um panorama de desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, em especial, da Internet e do ciberespaço, para, então, chegar-se ao ponto mais específico da pesquisa: o ativismo social em rede. Para ilustrar a evolução do espaço virtual, foram utilizados mapas retirados do Atlas do Ciberespaço de Martin Dodge e Rob Kitchin.

Como aplicação da pesquisa, selecionaram-se os seguintes estudos de caso: EZLN – Exercito Zapatista da Libertação Nacional no México, o MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra no Brasil e a Rede Avaaz de ciberativismo. A escolha dessas comunidades como objeto de estudo se deve justamente a sua diversidade, possibilitando visualizar a abrangência e propiciando o uso crítico do ciberespaço.

Os estudos de casos selecionados foram analisados por meio de levantamento bibliográfico e consulta aos seus sítios na rede mundial de computadores.

Com essa breve descrição do caminho escolhido para fundamentação teórica, pretendeu-se traduzir as ideias centrais abordadas no decorrer da pesquisa.

## 2. MOVIMENTOS SOCIAIS E CIBERATIVISMO – REFLEXÕES.

A história dos movimentos sociais está atrelada à luta do homem pela ampliação dos seus direitos e, em geral, tem sido identificada a ideais revolucionários.

De acordo com Heberle, para que uma ação possa ser considerada um movimento social, é necessário que haja consciência grupal, sentimento de pertencimento ao grupo, solidariedade de identidade (Heberle apud Gohn, 2000). Já para Manuel Castells, os movimentos sociais podem ser: conservadores, revolucionários ou nenhuma das duas coisas:

*Não há movimentos sociais ‘bons’ ou ‘maus’. Todos eles são sintomas de nossas sociedades e, todos eles causam impacto nas estruturas sociais, em diferentes graus de intensidade e com resultados distintos (CASTELLS, 2003).*

Para Castells, os princípios de Touraine<sup>1</sup> podem ser pensados da seguinte maneira: identidade seria a definição do movimento, o que e a quem ele serve; por adversário podemos entender como o principal inimigo a ser enfrentado; e o objetivo compreende o modelo social buscado pela ação coletiva promovida. Para ele, na era da informação, há uma “luta para mudar os códigos de significado das instituições e na prática da sociedade, é a luta essencial no processo de mudança social no novo conceito histórico (...) o que caracteriza os movimentos sociais na sociedade em rede é que eles têm que preencher o vazio deixado pela crise das organizações verticalmente integradas, herdadas da era industrial” (Castells, 2003).

Para Castells os movimentos sociais significativos deviam ser simultaneamente atrelados ao contexto local, porém voltados para um impacto global, ou seja, é necessário a legitimidade amparada em grupos locais, contudo sem permanecer localizados, ou seja: pensar localmente de acordo com os interesses e identidade locais e agir globalmente.

Dito isso, passar-se-à para as definições e histórico dos movimentos sociais.

---

<sup>1</sup> Alain Touraine define movimento social de acordo com três princípios: identidade do movimento, o seu adversário e a visão ou modelo social do movimento, que denominamos como objetivo. (CASTELLS, 1997)

## 2.1 – Movimentos Sociais: Das Revoluções Sociais às Revoluções Tecnológicas.

Com a Revolução Industrial, houve uma transformação na qualidade das relações de trabalho. Até então, os artesãos dominavam todas as etapas do trabalho de forma integral, conscientes do tempo gasto na produção, da habilidade específica requerida e, conseqüentemente, do valor real da sua força de trabalho. Com as inovações tecnológicas, a partir do século XVIII, as máquinas a vapor aceleraram o processo de fabricação, e os artesãos se transformaram em operários, especializando-se cada qual em uma única área de todo o processo industrial, a partir de então, o trabalhador não teria mais o conhecimento do valor da sua produção. Essa alteração nas relações de trabalho, a formação da burguesia, que, ao acumular capitais, passava a controlar os meios de produção, as terras e o acesso as matérias-primas, aliadas às más condições de trabalho e os salários baixos incentivaram revoltas entre os trabalhadores e o aparecimento das primeiras greves dando origem aos movimentos sindicais.

Com as Revoluções Industriais que aconteceram a partir do século XIX, a sociedade ocidental passou a experimentar uma aceleração nos processos de produção, bem como na comunicação e nos transportes. Também foi com a sociedade moderna que a razão passou a sobrepujar a fé. Entretanto, a efetivação dessa nova forma de perceber o mundo, apesar de já ter acontecido em termos de consciência com a Revolução Francesa, só se deu, em termos materiais, com a Revolução Industrial. De acordo com Kumar (1992), a modernidade, aliada à industrialização formaram toda uma civilização mundial.

*É difícil saber [...] se, sem a tecnologia industrial a superioridade do Ocidente sobre todos os demais países teria se tornado tão manifesta (Kumar, 1992).*

Kumar (1992) aponta que, naquele momento, a sociedade, para ser moderna, deveria, necessariamente, ser uma sociedade industrial e que a condição industrializada era entendida como a salvação da Humanidade.

A primeira fase da Revolução Industrial se iniciou, na Inglaterra, em 1780, e a sua

primeira inovação tecnológica foi o motor hidráulico, utilizado na indústria têxtil. Essa fase se estendeu até 1815, quando surgiu o motor a vapor, revolucionando os meios de transporte com as locomotivas e os navios a vapor. Esse período, conhecido como a segunda vaga, estendeu-se até 1915, quando a terceira vaga trouxe consigo diferentes inovações tecnológicas, como a eletrificação de fábricas e o desenvolvimento das grandes indústrias químicas e siderúrgicas.

No período da terceira vaga, entre 1918 e 1940, houve uma fase depressiva, que determinou à expansão da motorização dos transportes; nesse período, a matriz rodoviária foi priorizada, em detrimento da matriz ferroviária, e de outros meios de transporte, para, dessa forma, alavancar a economia do petróleo e a difusão dos bens de consumo como os eletrodomésticos.

A fase expansiva da terceira vaga coincidiu com as indústrias formatadas a partir do modo de produção fordista. A sua fase depressiva se deu em 1973, quando a economia entrou em recessão. A partir de então, a economia mundial se lançou à globalização neoliberal. Porém, na década de 90, surgiram as inovações ligadas às tecnologias da informação e comunicação, difundindo e ampliando as economias centrais. Castells (1999), na sua conhecida trilogia *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, defende que se vive um período histórico tão importante quanto a Revolução Industrial de século XVIII. Para ele, está se presenciando um processo histórico inédito na história humana em que a mente humana é uma força direta na produção e não apenas mais um elemento decisivo no processo produtivo.

*Computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos e como pensamos é expresso em bens, serviços, produção material e intelectual, sejam alimentos, moradia, sistemas de transporte e comunicação, mísseis, saúde, educação ou imagens (Castells 1999).*

### 2.1.1 – O Movimento Operário e o Manifesto Comunista

Para compreendermos o histórico dos Movimentos Sociais, vamos analisá-los a partir da sua ideologia. O Movimento Operário trazia consigo a crença na possibilidade de libertar a sociedade da destruição capitalista. Na Inglaterra a agitação operária percorreu todo o século XVIII e a partir do século XIX o movimento se internacionalizou, com a industrialização avançada nos EUA, Japão e na maioria dos países europeus.

No seu trabalho sobre a formação da classe operária inglesa, Edward Thompson apontou que a revolta dos operários durante a Revolução Industrial foi o fator determinante a contribuir com o conservadorismo da burguesia inglesa, de acordo com ele:

*Nas décadas após 1795, houve uma profunda separação entre as classes na Inglaterra, e os trabalhadores foram lançados a um estado de apartheid cujos efeitos nos detalhes da discriminação social e educacional - podem ser sentidos até hoje. É nisso que a Inglaterra diferia de outras nações europeias: o fluxo de sentimentos e disciplinas contra-revolucionárias coincidiu com o fluxo da Revolução Industrial; na medida em que avançavam novas técnicas e formas de organização industrial, recuavam os direitos sociais e políticos. A aliança "natural" entre uma burguesia industrial impaciente, com idéias radicais, e um proletariado em formação, rompeu-se tão logo chegou a se formar. A fermentação entre os industrialistas e comerciantes ricos dissidentes de Birmingham e as cidades industriais do norte pertence principalmente aos anos de 1791 e 1792; o auge da "inimizade" entre artesãos e assalariados em Londres, Norwich e Sheffield - causada seja pela fome, seja pela agitação jacobina - pertence a 1795.*

O movimento operário se desenvolveu com o início do capitalismo industrial, quando as jornadas de trabalho chegaram até 20 horas diárias sem descanso semanal. As

condições de trabalho eram terríveis e os acidentes de trabalho comuns, devido ao cansaço e as pesadas e inseguras máquinas que existiam na época.

A princípio a quebra das máquinas e as greves eram os únicos artifícios encontrados pelos operários para defender os seus interesses, esse movimento conhecido como ludismo, ganhou projeção a partir de 1811. O nome do movimento deriva de Ned Ludd, um dos líderes do movimento, que revoltado, destruiu uma oficina têxtil. O luddismo não limitou-se a Inglaterra, há registros semelhantes na Bélgica, Renânia, Suíça e Silésia. Para Hobbsbawm o luddismo "foi uma técnica de sindicalismo no período que precedeu a Revolução Industrial e nas suas primeiras fases". Já Marx, tinha outra idéia do movimento, de acordo com ele, no Manifesto Comunista:

*(Os operários) não se contentam com dirigir os seus ataques contra as relações burguesas de produção, e dirigem-se contra os próprios instrumentos de produção: destroem as mercadorias estrangeiras que lhes fazem concorrência, quebram as máquinas, incendeiam as fábricas, tentam reconquistar pela força a posição perdida do artesão da Idade Média.*

Em junho de 1836 um grupo de artesãos londrinos constituíram a London Working's Men Association e enviaram uma petição, escrita pelo radical William Lovett, intitulada 'Carta do Povo', ao parlamento solicitando uma Reforma política. O movimento cartista se pautou no programa que a 'Comissão de Reforma' em Westminster tinha rascunhado 58 anos atrás, ao contrário do que estava sendo feito na França onde os programas políticos já estavam sendo criados a partir das idéias socialistas. O cartismo iniciou um novo estágio no desenvolvimento do movimento operário, em diversos países, quando sociedades secretas passaram a ser sociedades operárias de massa, segundo Bert Andreas:

*A Liga dos Justos devia alguns traços de sua organização secreta às sociedades secretas neobabuvistas com as quais as comunas da Liga em Paris tinham estreitas relações. Os membros da Liga estavam obrigados a difundir os princípios, fazer novos*

*recrutamentos, fundar associações oficiais de operários e artesãos... Foi somente nos grandes centros da Liga, em Paris e Londres, e mais tarde em Genebra, que as comunas tiveram uma existência e uma atividade contínuas, apoiando-se sempre em associações operárias paralelas.*

Foi decisiva a influência do movimento cartista no surgimento do comunismo operário impulsionado pelos alemães Karl Marx e Friedrich Engels. Com base no programa democrático o movimento cartista organizou manifestações e greves, e mudanças efetivas como a primeira lei de proteção ao trabalho infantil (1833), a lei de imprensa (1836), a reforma do código penal (1837), a regulamentação do trabalho feminino infantil, a lei de supressão dos direitos sobre os cereais (em aliança com os liberais e a burguesia industrial), a lei permitindo as associações políticas e a abolição das taxas alfandegárias em 1846.

A Revolução Industrial demorou a acontecer na França e até a primeira metade do século XIX os ofícios artesanais predominaram sobre os industriais.

Como a Revolução Operária em 1830 não atendeu as demandas reivindicadas, em 1831 novo levante se sucedeu com a insurreição dos tecelões de Lyon. Nesse período a França contava com 150 sindicatos, 80 mil operários e uma tiragem de 30 mil exemplares do jornal A voz do povo. As revoltas operárias na França foram mais violentas, com a insurreição de Lyon os operários ocuparam a cidade durante dez dias. Mas a repressão não foi capaz de sufocar o movimento. Em 1833 a Associação Tipográfica foi criada e a partir de setembro o movimento grevista se espalha por toda a França através das sociedades secretas.

O movimento operário que então surgia, baseava-se nas tradições revolucionárias sindicais dos séculos anteriores. Engels rastreou as origens dessas tradições, chegando nos primeiros levantes europeus, na época da Reforma e da Revolução Camponesa:

*Na época da Reforma e das guerras camponesas na Alemanha, a tendência dos anabaptistas e de Thomas Münzer; na grande revolução inglesa, os levellers; e, na grande Revolução*

*Francesa, Babeuf. E esses levantes revolucionários de uma classe incipiente são acompanhados, por sua vez, pelas correspondentes manifestações teóricas: nos séculos XVI e XVII, surgem as descrições utópicas de um regime ideal de sociedade; no século XVIII, teorias já declaradamente comunistas, como as de Morelly e Mably. A reivindicação da igualdade não se limitava aos direitos políticos, mas também às condições sociais de vida de cada indivíduo. Já não se tinha em mira abolir apenas os privilégios de classe, mas acabar com as próprias diferenças de classe.*

A Revolução Francesa, no final do século XVIII também deixou sua herança radical: A ‘Conspiração dos Iguais’, encabeçada em 1796 por Gracchus Babeuf. O movimento propunha um programa de propriedade comunal, como uma forma de socialismo agrário, mas foram derrotados.

O Movimento Operário tomou para si as antigas formas dos movimentos populares (dos escravos, artesãos, camponeses e plebeus) que o precederam, reformulando-as: A organização do movimento operário se deu pela percepção dos trabalhadores das contradições de classe, e como tal é uma luta política. A primeira vitória da classe operária foi a conquista da jornada de trabalho de 10 horas.

Em 1848, o Manifesto comunista, com as palavras de ordem: ‘Proletários do Mundo Uni-vos’, já expressava a tendência do movimento em se constituir em uma classe sem fronteiras. No manifesto comunista Marx e Engels expressaram o papel desempenhado pela nova classe:

*À medida que cresce a burguesia, quer dizer, o Capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, que não vivem senão na condição de encontrarem trabalho e que só o encontram se o seu trabalho aumentar o capital. Estes operários, obrigados a vender-se dia a dia, são uma mercadoria, um artigo de comércio como*

*qualquer outro, sujeito, portanto, a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado. O emprego crescente das máquinas e a divisão do trabalho, fazendo perder ao trabalho do proletário todo o caráter de autonomia, fizeram, conseqüentemente, que ele perdesse todo o atrativo para o operário. Este se converte num simples apêndice da máquina e só se lhe exige as remunerações mais simples, mais monótonas e de mais fácil aprendizagem. Portanto, o que custa o operário reduz-se pouco mais ou menos ao custo dos meios de subsistência indispensáveis para viver e perpetuar a sua descendência. Mas o preço do trabalho, como o de toda a mercadoria, é igual ao seu custo de produção. Por conseguinte quanto mais fastidioso é o trabalho, mais baixos são os salários. Mais ainda, quanto mais se desenvolvem a maquinaria e a divisão do trabalho, mais aumenta a quantidade de trabalho, quer mediante o prolongamento da jornada de trabalho, quer pelo aumento do trabalho exigido num tempo determinado, pela aceleração das cadências das máquinas, etc(...)*

*(...) Por toda parte a revolução de então foi obra da classe operária; foi esta que levantou as barricadas e que pagou com a vida. Mas só os operários de Paris tinham a intenção bem definida, derrubando o governo, de derrubar o regime da burguesia. Mas, embora profundamente conscientes do antagonismo fatal que existia entre a sua própria classe e a burguesia, nem o progresso econômico do país nem o desenvolvimento intelectual das massas operárias francesas, contudo, tinham atingido ainda o grau que teria tornado possível uma reconstrução social. Em última análise, portanto, os frutos da revolução foram colhidos pela classe capitalista. Nos outros países, na Itália, na Alemanha, na*

*Áustria, os operários, desde o princípio, não fizeram mais do que levar a burguesia ao poder.*

Nos primeiros anos da década de 60 o recrudescimento das lutas operárias na Europa levou os ativistas socialistas a pensarem em uma organização a favor dos trabalhadores, resultando na criação em 1864 da AIT – Associação Internacional dos Trabalhadores em Londres.

## 2.2 – Histórico dos Movimentos Sociais

De acordo com Gohn (2004), movimentos sociais são “fenômenos históricos decorrentes de lutas sociais que colocam atores específicos sob as luzes da ribalta em períodos determinados. Com as mudanças estruturais e conjunturais da sociedade civil elas se transformam”. Gohn (2004) também afirma que não há teoria, concepção e tipo único de movimento social: “há várias teorias formadas em paradigmas teóricos explicativos”.

É importante lembrar que não existe uma teoria completamente pronta sobre os movimentos sociais, por sua característica fluída, fragmentada e perpassada por outros movimentos sociais. Os **Quadros 1 e 2** demonstram um comparativo entre os tipos de Movimentos Sociais, a partir dos quais é possível perceber que EUA e Europa criaram suas próprias teorias; já a América Latina apresenta posturas metodológicas híbridas, orientadas por teorias criadas em outros contextos, como é o caso dos NMS - Novos Movimentos Sociais.

**Quadro1:** Recorte geográfico e histórico dos movimentos sociais.Fonte: Paiva

| PARADIGMAS /TEORIAS                                                                                                                             | CATEGORIAS BÁSICAS                                                                                                                                                             | CONCEITOS E NOÇÕES                                                                                                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Paradigma Norte Americano</b><br>Teorias clássicas sobre ação coletiva.<br>Movimentos Revolucionários.<br>Movimentos Políticos.              | Sistema, organização, ação coletiva, comportamentos organizacionais,integração social                                                                                          | Escolhas racionais,mobilização de recursos,institucionalização de conflitos, ciclos de protestos, frames, oportunidades políticas. |
|                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                    |
|                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                    |
| <b>Produção teórica européia – (no plural)</b><br>Novos Movimentos Sociais - NMS (foco mais conjuntural, nos microprocessos da vida cotidiana). | Cultura, identidade, subjetividade, atores sociais, interação política.                                                                                                        | Identidade coletiva, solidariedade, redes sociais.                                                                                 |
| Teorias marxistas de análise dos movimentos (processo histórico global de contradições e lutas de classes).                                     | Classes sociais, contradições, lutas, consciência.                                                                                                                             | Experiência coletiva, projeto político, cultura política.                                                                          |
| <b>Paradigma latino-americana.</b>                                                                                                              | 70 (marxismo): hegemonia, contradições urbanas e lutas sociais 80 (NMS): autonomia e identidade.<br>Releitura: novos sujeitos históricos, cidadania coletiva, exclusão social. |                                                                                                                                    |
| Movimentos sociais no Brasil.                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                    |
| Brasil nos anos 90 e a globalização.                                                                                                            |                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                    |

Quadro 2: Conceitos gerais – cronologia

| <b>Décadas<br/>(séc. XX)</b>      | <b>Paradigmas</b>                         |                                             |                          |
|-----------------------------------|-------------------------------------------|---------------------------------------------|--------------------------|
|                                   | <b>EUA</b>                                | <b>EUROPA</b>                               | <b>América Latina</b>    |
| Antes 20                          | Funcionalismo                             | Marxismo x Distúrbios Populares             | Marxismo                 |
| 20-40                             | Teoria Clássica                           | Marxismo                                    | Marxismo                 |
| 50                                | T.Clássica/ M. Revolucionários            | Marxismo<br>(na Inglaterra ações coletivas) | Marxismo                 |
| 60<br>(maior visibilidade dos MS) | M. Revolucionários                        | Novos Movimentos Sociais /<br>Neomarxismo   | Marxismo                 |
| 70                                | M. Revolucionários                        | Novos Movimentos Sociais /<br>Neomarxismo   | Marxismo                 |
| 80                                | M. Populares<br>(MR + Novos Mov. Sociais) | Novos Movimentos Sociais /<br>Neomarxismo   | Novos Movimentos Sociais |
| 90                                | M. Populares                              | Novos Movimentos Sociais /<br>Neomarxismo   | Novos Movimentos Sociais |

Há uma variedade grande de teorias que se detêm a analisar os movimentos sociais, com uma expressiva pluralidade de interpretações.

Nas abordagens clássicas sobre coletivos sociais, Pasquino (1992) expõe que os movimentos sociais podem ser divididos em dois tipos: (i) a erupção significativa das massas suscetíveis; e (ii) a manipulação do comportamento coletivo. Aproximam-se dessa abordagem, os trabalhos de Le Bon, Ortega y Gasset e Tarde.

Outros tipos de abordagem dos movimentos sociais, embora com visões distintas, são as abordagens de Marx, Durkheim e Weber, para os quais os movimentos sociais seriam uma forma singular de ação social, as quais abririam caminho a sociedades complexas (Durkheim), às mudanças sociais do tradicionalismo para o tipo racional-legal (Weber) ou poderiam marcar o início de um processo revolucionário (Marx). É importante ressaltar que esses autores clássicos falam de “comportamento coletivo” ou “ação social”, ou seja, a relação aos coletivos sociais é apenas indireta, apesar de sua considerável importância.

Dentre as diversas abordagens clássicas sobre os movimentos sociais, cita-se Smelser (1989), para quem os comportamentos coletivos acontecem onde há tensão antes que os meios sociais se mobilizem para atuar de modo eficaz. Para ele, os movimentos sociais seriam definidos como não-institucionalizados. Essa interpretação de Smelser procura abordar os movimentos sociais em face de sistemas sociais e políticos que não seguem o mesmo dinamismo que suas respectivas sociedades. Entretanto, em seu enfoque identificado com velhos e contestados pressupostos funcionalistas, não levou em conta os contextos históricos específicos em que se dá a ação social.

Até os anos 1960, predominaram as abordagens clássicas, que associavam as transformações sociais às rápidas mudanças da sociedade industrial. A concepção de que o sistema político era aberto, fazia com que a ação coletiva extrainstitucional fosse interpretada como antidemocrática e desestabilizadora (Gohn, 2004). Essas ações eram relacionadas a tensões sociais existentes e vistas com grande desconfiança ideológica.

Na atualidade, ainda são vastas as dificuldades para se entender a importância e a natureza de ação dos movimentos sociais. De acordo com Tarrow, o campo dos movimentos sociais é um dos mais indefiníveis que existem (Tarrow apud Melucci, 1999). Essa visão também é compartilhada por Castells que opta por definir

movimentos sociais como ações coletivas, que, dependendo do seu êxito ou fracasso, transformam valores e instituições (Castells 2001). Já para Melucci (1996), a maioria dos autores, na tentativa de definir movimentos sociais, apenas isola aspectos empíricos de fenômenos coletivos, acentuando as diferenças, o que inviabiliza a comparação entre eles, assim, o conceito de movimento social “será sempre objeto do conhecimento construído pelo analista, pois não coincide com a complexidade empírica da ação” (Melucci, 1996).

### **2.2.1 –Novos Conceitos de Movimentos Sociais.**

Durante muito tempo, até os anos 1970, os movimentos sociais estiveram relacionados a ações de caráter revolucionário e radical, em contexto geral, vinculados às relações de produção e o desenvolvimento das forças produtivas. Nesse período, os movimentos sociais eram identificados como fruto da ação histórica da sociedade e das contradições do sistema capitalista. Essa forma de interpretação dos movimentos sociais está presente nas abordagens marxistas estruturalistas, mas, à medida que os movimentos sociais se tornaram mais complexos, com estrutura e linhas de ação diversificadas (ambientalistas, feministas, direitos dos animais, entre outros), essa abordagem passou a não ser suficiente para entendê-los.

Os novos movimentos sociais passaram a ir além das reivindicações classistas, das associações e movimentos sindicais ou de camponeses. Hoje, a maior parte dos movimentos sociais está estruturada no meio urbano, inclusive muitos deles articulam algum tipo de parceria com o sistema político e econômico vigente. Essa diversificação de movimentos sociais só aconteceu nas sociedades capitalistas ocidentais. No Bloco Soviético, logo após a abertura política, surgiram cerca de mil organizações, agremiações políticas e diversos tipos de coletivos civis.

A partir da década de 1990, o ativismo passou a ser horizontal. Durante muito tempo, a concepção de movimentos sociais esteve atrelada à ideia de movimentos de caráter revolucionário de ação política. Até os anos 1970, movimentos sociais poderiam ser considerados sinônimos de luta de classes, e os movimentos sociais eram vistos, predominantemente, como produção da ação histórica da sociedade perante as contradições do sistema capitalista. Essa abordagem, basicamente marxista

estruturalista, passou a se mostrar antiquada à medida que os movimentos sociais passaram a proliferar e adquirir complexidade e maior alcance, surgindo coletivos e organizações das mais variadas causas. A partir de então, o termo novos movimentos sociais passou a ser usado para designar esses movimentos que se colocavam, de alguma forma, como oposição à ordem predominante. Esses novos movimentos, na sua maioria, eram defensores de causas diversas como: pacifistas, feministas, ambientalistas e, em oposição e experiências nucleares, direitos civis e outros, todos os movimentos de base urbana, afastados do sindicalismo e dos movimentos camponeses e, em algumas vezes, até mesmo atuando em conjunto com o sistema político econômico vigente. Essa diversidade de movimento só foi possível em sociedades democráticas e capitalistas. Nas sociedades ‘sem classes’ socialistas, a repressão dos regimes impedia que manifestações ou tensões sociais pudessem ser manifestadas.

*Os movimentos Sociais Brasileiros só tiveram reconhecimento em meados de 1960, quando surgiram os primeiros movimentos de luta contra a política vigente, ou seja, a população insatisfeita com as transformações ocorridas tanto no campo econômico e social (Lisboa, 1988).*

Nesse período, o Brasil vivia o processo de industrialização e o desenvolvimento do capitalismo; o êxodo rural, a modernização do campo, o crescimento desordenado das cidades, o trabalho assalariado e o desemprego alavancaram os primeiros movimentos sociais. A princípio, esses movimentos da classe operária exigiam melhores condições de trabalho e salário. Nesse período, qualquer reivindicação social, para ganhar força, necessariamente, precisava se unir a um movimento de classe, subordinando-se à ideologia dessas associações. Na sociedade contemporânea, os movimentos sociais ocorrem na forma de associativismo civil.

Observa-se que o recrudescimento dos Novos Movimentos Sociais se deu a partir da década de 1980. Esses novos movimentos se caracterizaram pela facilidade de articulação com ideologias renovadas; dessa forma, esses sujeitos, em geral, organizaram o trabalho em linhas de ação, sem um foco pré-determinado, mas

construindo em conjunto, possibilitando uma identidade híbrida e aberta, possível de abrigar diversos gêneros sociais, sem prejuízo da sua ideologia, e motivo de ação.

Na América Latina, é possível observar que alguns dos novos movimentos sociais possuem uma carga cultural fundamentada nas etnias, como é o caso dos movimentos indígenas em países como México, Bolívia e Equador. No Brasil, um dos movimentos sociais de maior relevância política é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Já no México, o movimento social de relevância é o EZLN – Exército Zapatista da Libertação Nacional.

O que se percebe em comum em todos os casos mencionados tem referência com as estratégias de mobilização. Se, anteriormente, as divulgações das causas se concentravam nas praças públicas ou nos bloqueios ao acesso às estradas, hoje, os novos movimentos sociais se apoiam nas novas tecnologias para melhor se articularem. Quando se analisam os movimentos sociais pelo viés do marxismo, é possível observar que o modo de produção e o grau de evolução tecnológico estão diretamente ligados ao grau de consciência de uma classe, ou seja, o progresso tecnológico e a produção científica, ao modernizarem as formas de produção, também permitiram o desenvolvimento social.

Mas, apesar das alterações nas formas de apresentação dos movimentos sociais as relações entre os coletivos sociais, instituições, corporações e governos ainda são permeadas por conflitos.

Com a emergência da sociedade global, as fronteiras culturais se configuram cada vez mais ambíguas. Há uma situação difusa e indefinida entre governos locais e globais, assim, as decisões de governos locais não afetam somente o Estado a que se referem, mas, por vezes, englobam situações que estão além do seu espaço de controle. Assim, está cada vez mais complexa a articulação de ações que precisam abarcar parcerias e alianças entre os vários envolvidos, o que leva a gerar novas conexões.

As grandes corporações, por sua vez, estão cada vez mais fora do controle dos governos e, conseqüentemente, do alcance dos movimentos sociais. Nesse caso, o uso da mão de obra, o respeito às leis trabalhistas e ambientais, entre outros, por vezes, encontram uma zona cinza, ou seja, fora do controle de jurisdições e reivindicações dos coletivos sociais. Mas, se, por um lado, as decisões que afetam a vida das pessoas são tomadas em espaços juridicamente indefinidos, por outro lado, esse mesmo cenário

possibilita níveis de organização, intercâmbio e ação, progressivamente mais complexos por parte de pessoas ou de coletivos sociais de maneiras impossíveis de serem imaginadas tempos atrás. As ferramentas tecnológicas contribuíram para potencializar as ações dos coletivos sociais.

Essas possibilidades e conquistas geram conflitos de difícil mediação que, em um espaço desterritorializado, como é o caso do ciberespaço, convivem com formas de ativismo pacífico e outras formas de ativismo mais radicais, que beiram ações criminosas. Dessa forma, com o aumento dessas, por vezes, os movimentos se tornam nebulosos, e ativismo político, crime e engajamento em causas sociais podem se confundir.

Nesse contexto surge a AGP-Ação Global dos Povos, uma das primeiras organizações a declarar a sua oposição ao OMC-Organização Mundial do Comércio. O sucesso do primeiro encontro se repetiu, em 1997, na Espanha e, em 1998, em Genebra, onde se constituiu uma coordenação mundial de resistência contra o mercado globalizado e a favor da construção de alternativas locais de empoderamento do povo.

Na primeira reunião da AGP - Ação Global dos Povos, em 1996, foram elaborados três documentos que estabeleceram os cinco princípios de sua organização e o seu manifesto. Esses documentos foram modificados no encontro de agosto de 1999, em Bangalore no Índia, quando o antiliberalismo da AGP - Ação Global dos Povos, deu lugar ao anticapitalismo, cuja a tônica é a oposição do capitalismo como sistema de dominação.

Dessa forma, a AGP Ação Global dos Povos, se propõe a lutar contra todas as formas de capitalismo e os seus efeitos e não somente as instituições e acordos que os regulam. Em 2001, novamente, esses documentos foram alterados na conferência de Cochabamba, defendendo que qualquer pessoa pode participar da rede AGP - Ação Global dos Povos , podendo, também abandoná-la a qualquer momento. Essa é uma característica marcante nos movimentos em rede. Não mais a rigidez ideológica partidária, mas, sim, o princípio da livre adesão.

*Na sessão final, os cinco objetivos, propostos pela AGP são:*

*1. Uma rejeição muito clara ao capitalismo, ao imperialismo, ao feudalismo e a todo acordo comercial, instituições e governos que promovem uma globalização destrutiva.*

- 2. Rejeitamos todas as formas e sistemas de dominação e de discriminação incluindo, mas não apenas, o patriarcado, o racismo e o fundamentalismo religioso de todos os credos. Nós abraçamos a plena dignidade de todos os seres humanos.*
- 3. Uma atitude de confronto, pois não acreditamos que o diálogo possa ter algum efeito em organizações tão profundamente antidemocráticas e tendenciosas, nas quais o capital transnacional é o único sujeito político real.*
- 4. Um chamado à ação direta, à desobediência civil e ao apoio às lutas dos movimentos sociais, propondo formas de resistência que maximizem o respeito à vida e os direitos dos povos oprimidos, assim como, a construção de alternativas locais ao capitalismo global.*
- 5. Uma filosofia organizacional baseada na descentralização e na autonomia.*

Podemos verificar que há certos pontos em comum entre os princípios da AGP - Ação Global dos Povos e alguns movimentos libertários, como, por exemplo, a desobediência civil, a ação direta e autônoma e a descentralização. Não há entretanto afinidades com as obras clássicas de anarquistas como Kropotkin ou Bakunin, mas a influência anarquista está presente na estrutura organizacional, uma vez que esses movimentos repudiam toda e qualquer forma de autoridade e hierarquia

A partir de Gênova, os Dias de Ação Global mudaram de configuração, em que a ênfase passou do protesto para uma segunda fase, mais propositiva, configurada pelos FSM-Fórum Social Mundial.

### **3. CIBERATIVISMO – A ERA DA CONEXÃO.**

#### **3.1 – A Constituição do Ciberespaço: Surgimento e Expansão da Internet.**

Na busca humana de encontrar equipamentos e processos que pudessem simular ou simplificar as atividades mentais humanas e de potencializar as formas de comunicação, chegou-se à constituição do ciberespaço. Um marco decisivo para se chegar ao que se conhece hoje como ciberespaço foi o surgimento dos computadores, que, no início, eram equipamentos absurdamente gigantescos e de uma capacidade muito limitada que, se comparados com equipamentos que se tem hoje se pareceriam apenas com uma gigantesca calculadora ou um banco de dados bem simples. Entretanto, com o tempo, os tamanhos das máquinas diminuíram e a capacidade de efetuar operações complexas se tornou possível, bem como a velocidade dos processos foi ampliada. Desse modo, o computador, que a princípio era pensado como equipamento para órgãos do governo ou grandes corporações, possibilitou um marco na comunicação ao ser disponibilizado para uma grande parcela da população, por meio do computador pessoal.

*O gigante computador central, conhecido como mainframe, já foi substituído por microcomputadores em quase toda a parte. Vimos os computadores mudarem-se de enormes salas com ar condicionado, para os gabinetes, depois para as mesas e agora para nossos bolsos e lapelas (Negroponte, 1997).*

Mesmo nesse ponto de desenvolvimento tecnológico, os computadores pessoais ainda se apresentavam como máquinas de escrever e de calcular um pouco mais desenvolvidas. Quando, finalmente, toda a capacidade dos instrumentos de comunicação em massa - como telégrafos, rádio, telefone, rádio e satélites - convergiram para a tecnologia dos computadores pessoais, assistiu-se à formação do ciberespaço.

O processo de digitalização foi outro elemento importante e decisivo na

constituição do paradigma ciberespaço. Foi a digitalização, a redução ao código binário 0/1, por intermédio de infinitas combinações, que tornou possível o processamento de todo o acervo simbólico humano.

*Um bit não tem cor, tamanho ou peso e é capaz de viajar à velocidade da luz. É um estado: ligado ou desligado, verdadeiro ou falso, para cima ou para baixo, dentro ou fora, preto ou branco. Por razões práticas consideramos que o bit é um 1 ou um 0 (Negroponte, 1997).*

Com o ciberespaço, o agrupamento de indivíduos de espaços geográficos distantes podem se encontrar e construir novas territorialidades.

*Dentre as mudanças de comportamento do homem urbano contemporâneo, provocadas pela inserção das Teorias da Informação e da Comunicação em seu cotidiano, está a vivência de aspectos importantes da vida, no território virtualizado da Internet. De fato, a popularização da rede e a ampliação e diversificação de ferramentas e websites disponíveis gratuitamente online, permitem que, mesmo sem perceber, partes do habitar das pessoas se desenvolvam mais e mais no espaço virtual. Da criação de laços de sociabilidade ao acesso de serviços públicos, de transações comerciais ao desempenho de tarefas diárias diversas, um número crescente de atividades faz desse novo lugar eletrônico uma extensão necessária e socialmente aceita dos espaços físicos (...) comumente chamadas de comunidades, essas associações formadas através de redes telemáticas mostram que as TIC podem desempenhar não apenas o papel que costumeiramente se lhes atribui de vetores de segregação e alienação social, mas também,*

*contrariamente estimulando o compartilhamento de idéias, sentimentos solidários e laços de coesão social (Tramontano e Requena 2007).*

O que se conhece como Internet originou-se com uma rede de computadores montada a partir da ARPA - Advanced Research Projects Agency-, em setembro de 1969. Formada em 1958, pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o objetivo da ARPA era realizar pesquisas militares e tecnológicas que sobrepujassem as conquistas tecnológicas da extinta União Soviética. Dessa forma, surgiu o programa ARPANET, que visava compartilhar informações *on line*, naquela empresa.

A ARPANET se utilizou da tecnologia desenvolvida por Paul Baran, na Rand Corporation, e por Donald Davies, no British National Physical Laboratory.

*O projeto de Baran de uma rede de comunicação descentralizada, flexível, foi uma proposta que a Rand Corporation fez ao Departamento de Defesa para a construção de um sistema militar de comunicação capaz de sobreviver a um ataque nuclear, embora nunca tenha sido o objetivo por trás do desenvolvimento da ARPANET (Castells, 2003).*

Nesse contexto, muitos consideram que o desenvolvimento das redes se deu por iniciativa para desenvolvimento de tecnologia militar, entretanto isso não é totalmente verdade, Castells refuta essa origem totalmente militar.

*Antes de mais nada, a Internet nasceu da improvável intersecção da big science, da pesquisa militar e da cultura libertária (Castells, 2003).*

A ARPANET foi inaugurada em 1969, e três universidades foram conectadas.

Dois anos após, já eram 15 pontos de conexão, a maioria em universidades e centros de pesquisa.

Em 1973, Robert Kahn, pesquisador da ARPA, e Vincent Cerf, da Universidade de Stanford, publicaram um artigo em que explicaram a necessidade de se criar protocolos padronizados para redes de computadores. Em 1973, Vint Cerf apresentou, em um seminário em Stanford, em conjunto com Gerard LeLann e Robert Metcalfe, um projeto de transmissão TCP. Em 1978, esse protocolo de transmissão se tornou inadequado, assim foi dividido em dois, somando um protocolo intrarrede e também o IP, gerando assim, o atual protocolo padrão TCP/IP.

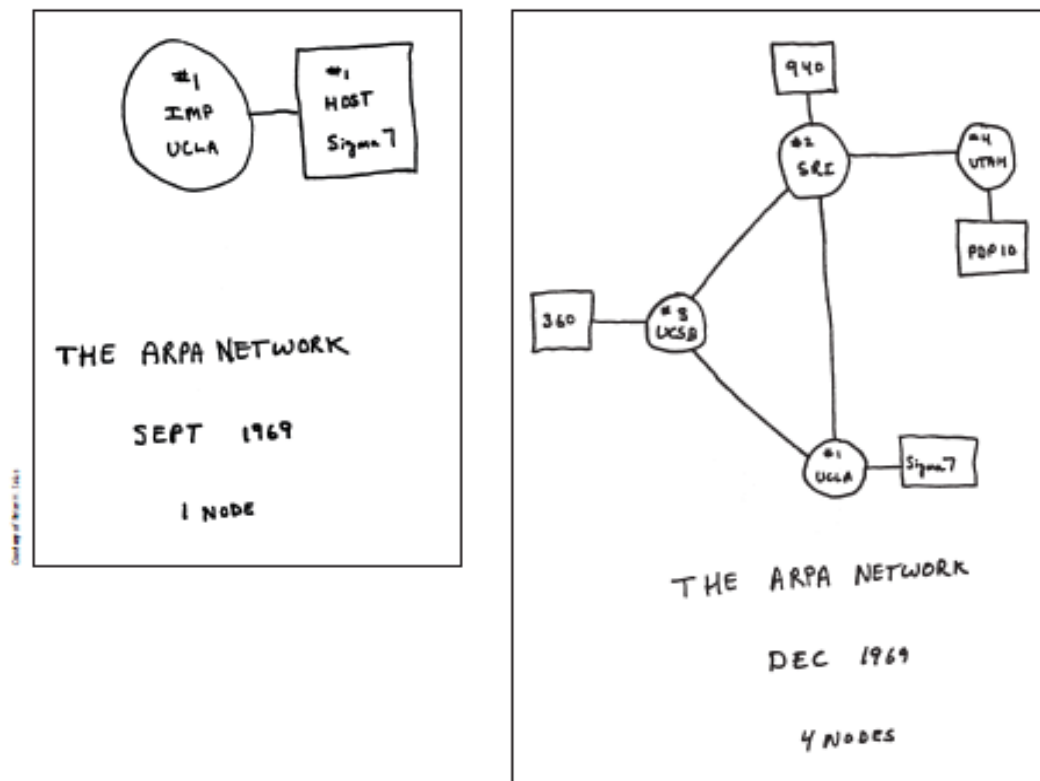


Figura 2: Esboço de mapas ARPANET em setembro e dezembro 1969

cartógrafo-chefe: desconhecido ARPANET cientista / engenheiro.

objetivo: gravar a estrutura inicial topológica de ARPANET.

forma: em preto-e-branco: desenho de linha de arco e nós.

técnica: desenho à mão, estilo de esboços.

datas: setembro e dezembro de 1969.

mais informações: Centro de Computação do Museu de História

<<http://www.computerhistory.org/timeline/topics/networks.page>>

Em 1975, a ARPANET foi transferida para a DCA - Defense Communication Agency. Em 1983, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos criou o MILNET, que seria responsável pelas aplicações militares, e a ARPANET, uma versão menor, que ficaria para a área de pesquisa e desenvolvimento. Em 1984, a NSFNET passou a ser o *backbone*, usando a Arpa Internet como estrutura e, em 1990, a Internet foi retirada do seu ambiente militar passando a ser administrada pela NSF, que tratou de privatizar a rede. Essa privatização aconteceu por meio do financiamento do Governo do EUA, que providenciou computadores com protocolos que permitiam a conexão em rede.

De acordo com Castells:

*No início da década de 1990, muitos provedores de serviço montaram suas próprias redes e estabeleceram suas próprias portas de comunicação em bases comerciais. A partir de então, a Internet cresceu rapidamente como uma rede global de redes de computadores. O que tornou isso possível foi o projeto original da ARPANET, baseado numa arquitetura de múltiplas camadas, descentralizada, e protocolos de comunicação abertos (Castells, 2003).*

# ARPANET LOGICAL MAP, MARCH 1977

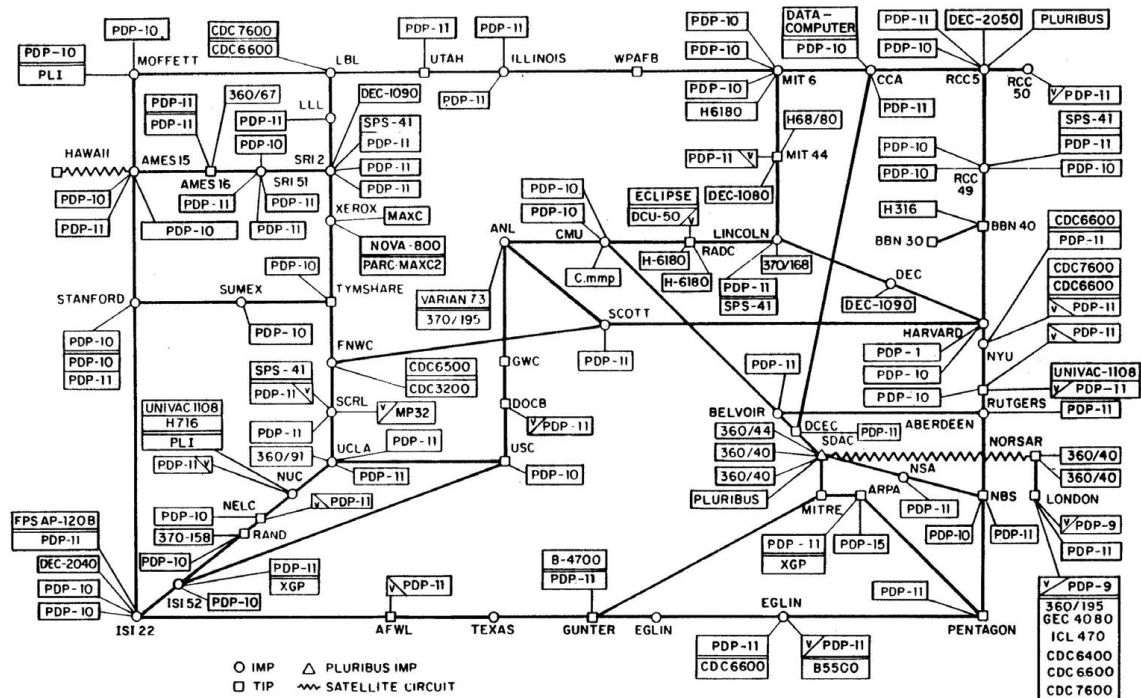


Figura 3: ARPANET Mapa Lógico, março 1977

cartógrafo-chefe: designer gráfico desconhecido (Bolt Beranek and Newman).

objetivo: exibir a topologia de conexões da ARPANET no início de 1977

forma: semelhante a um diagrama de fiação de um circuito elétrico.

técnica: preto-e-branco - desenho de linha no papel.

Data: Março de 1977

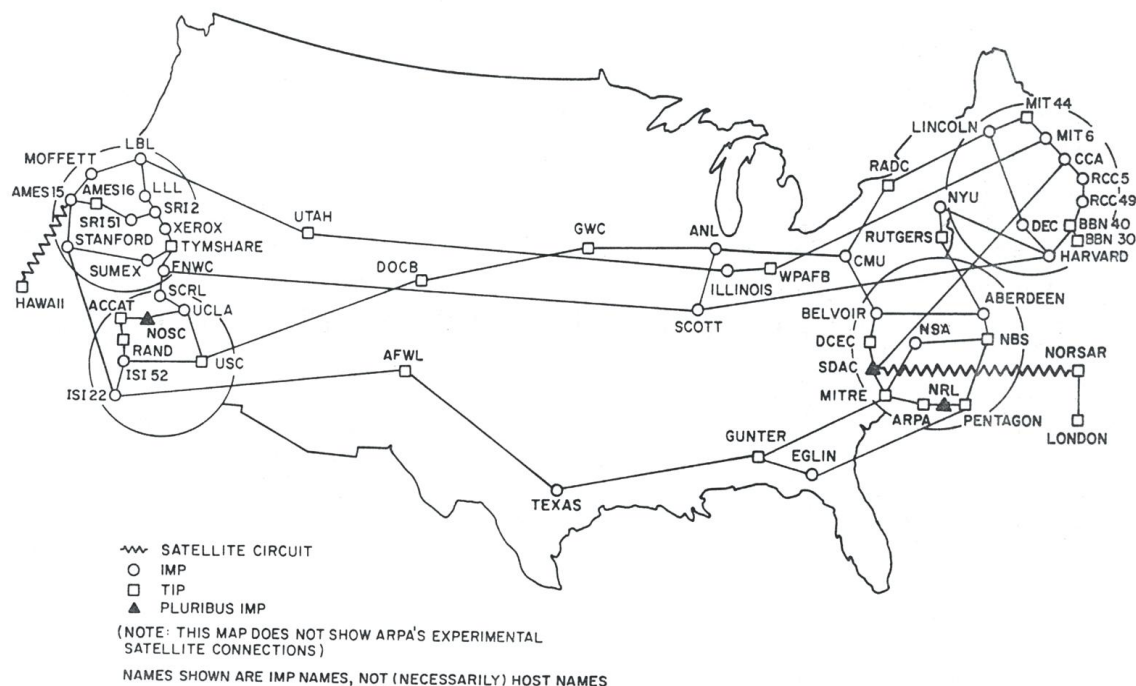


Figura 4: ARPANET Map Geográfico, Junho 1977

cartógrafo-chefe: desconhecido

objetivo: demonstrar a topologia geográfica da ARPANET no verão de 1977,

forma: Contorno dos EUA, com representação da rede através de arcos e nós.

técnica: desenho sobre papel

Data: Junho de 1977

Para saber mais: Where Wizards Stay up Late: The Origins of the internet, by Katie Hafner and Matthew Lyons

(Simon and Schuster, 1996). Inventing the internet, by Janet Abbate (MIT Press, 1999). Casting the Net: From

Arpanet to Internet and beyond.. by Peter H. Salus (Addison-Wesley, 1995)

Com o surgimento da Internet, outras tecnologias surgiram como o MODEM e o BBS - Bulletin Board System - serviço de troca de informações em forma de textos ou arquivos que abrigaram os primeiros fóruns científicos. Já o desenvolvimento da www - world wide web - foi feito pelo programador inglês Tim Benners Lee. Ele implementou o software que possibilitava obter e acrescentar informações a qualquer computador conectado através da net HTTP, MTML, URI (mais tarde URL), da CERN - European Organization for Nuclear Research. Em 1990, Tim Benners Lee, com a colaboração de Robert Calliau, desenvolveu um programa navegador/editor denominado de www - world wide web.

Outro marco importante foi o lançamento da Free Software Foundation, liderada por Richard Stelman, programador do laboratório de inteligência artificial do Massachusset Institute of Technology - MIT, que passou a defender o que ele chamou de 'copy left', ou seja, o incentivo à utilização do *software* livre. Em 1991, Linus

Toewards, da Universidade de Helsinki, desenvolveu um novo sistema operacional baseado no UNIX, que recebeu o nome de LINUX, e o distribuiu gratuitamente pela rede.

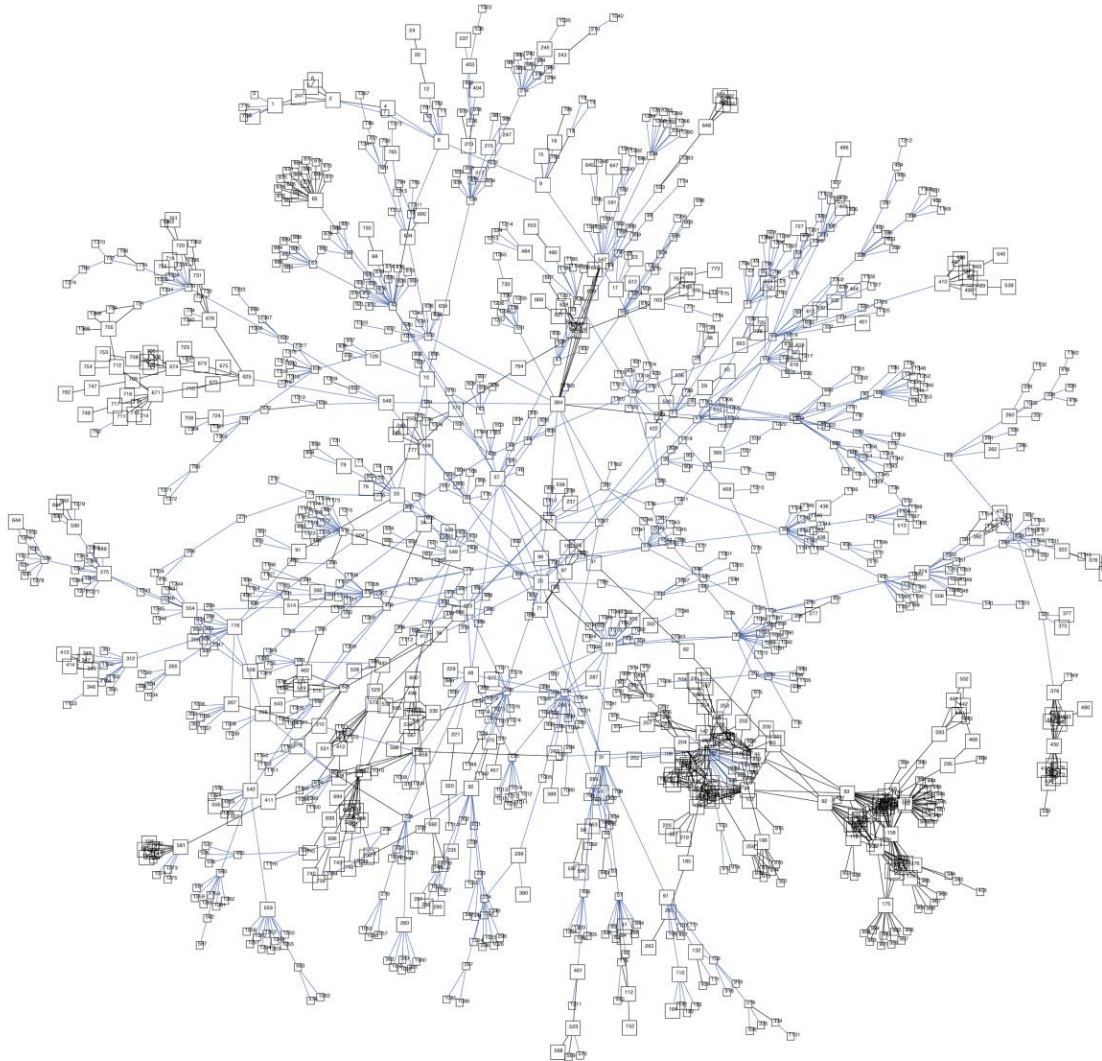


Figura 5: Gráfico Grande do MBone Topologia da Rede

cartógrafo-chefe: Amir Elan (enquanto na Divisão de Ciência da Computação, Universidade de California, Berkeley).

objetivo: para visualizar a estrutura topológica do MBone.

forma: um gráfico complexo de aparência orgânica, dispostas em um espaço abstrato.

técnica: 2-D - gráfico criado usando software postscript Amir Carta.

data: agosto de 1996.

mais informações: <http://www.cs.berkeley.edu/~elan/mbone.html>

Para a sociedade, entretanto, o uso da Internet foi disponibilizado a partir de 1995, e, desde então seu uso tem crescido de forma rápida, porém desigual. Dessa forma o impacto cultural da Internet não pode ser generalizado, mas sim observado de acordo com a realidade de cada país.



Figura 6: Fluxo de dados Usenet

cartógrafo-chefe: Brian Reid (Research Labs, EUA).

objectivo: Mostrar o Fluxo de Informações da Usenet no Mundo, entre os sites de pessoas físicas

forma: mapa do mundo em preto-e-branco sobreposto com um arco convencional e nós

representando uma Rede, com a espessura das linhas representando uma proporção de Fluxo de informações

técnica: criado com software de Reid Netmap e saída como um mapa digital Postscript.

Data: Maio de 1993.

Mais informações: uma série de mapas Reid está disponível em formato Postscript em

<<ftp://gatekeeper.dec.com/pub/maps/>>; homepage Reid está em <http://www.reid.org>

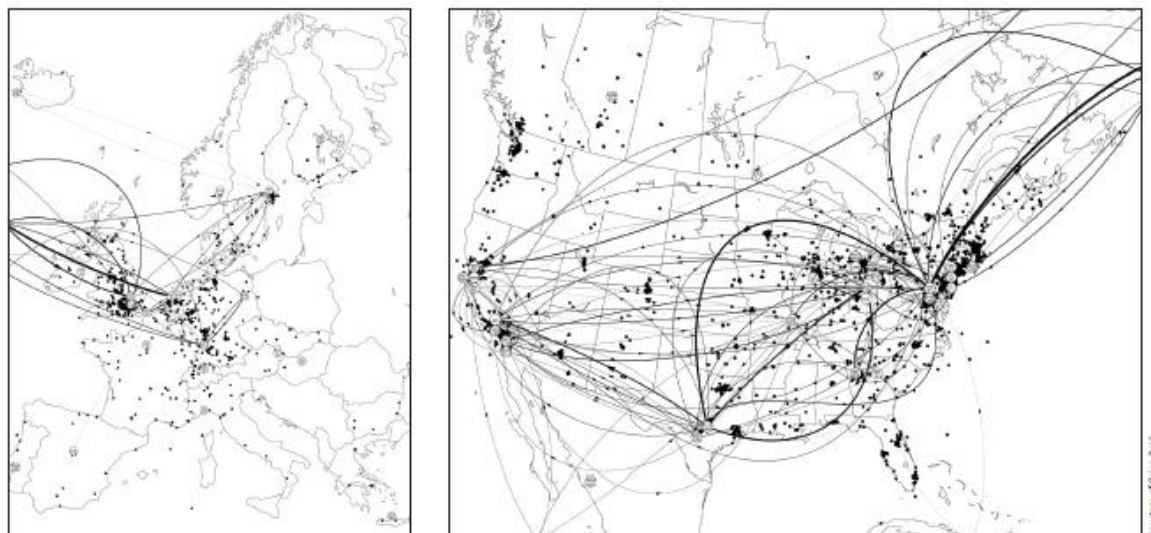
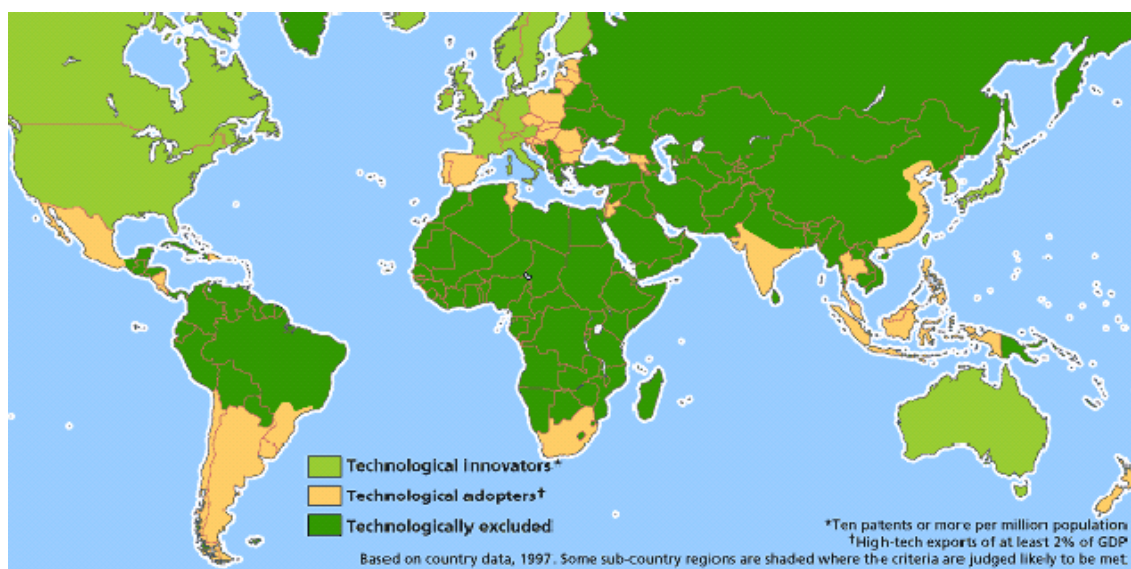


Figura 6 - detalhe

Outra consideração a ser feita aqui é quanto ao uso criativo e inovador da tecnologia (Figura 7), então, à disposição. O que se percebe, no momento, é que os limites de acesso à tecnologia da comunicação amplia o fosso digital entre os países ricos e os destituídos, e um novo mapa se configura: o mundo também é dividido pelo uso da tecnologia.



**Figura 7:** O mundo por tecnologia - localização espacial das indústrias de alta tecnologia.Fonte:

<http://www.tamandare.g12.br/ciber/xegal.pdf> (acesso em dezembro/2010)

Cerca de um terço da população mundial está desconectada, e essa forma de divisão precisa ser revista principalmente entre os defensores do livre comércio, pois, se não houver mudanças as diferenças tendem a aumentar: menos de 1% dos usuários online vive na África, e se forem excluídos os números da África do Sul, a porcentagem cai drasticamente; EUA e Canadá respondem por quase três quintos de usuários na Internet; menos de 5% dos países conectados à Internet estão entre países em desenvolvimento. Tudo isso permite concluir que a maior parte da população mundial não tem probabilidade de colher os benefícios trazidos pelas novas tecnologias, em um espaço curto de tempo. Reverter essa tendência exige políticas públicas voltadas para a tecnologia da informação e comunicação. Alguns países, como China, Malásia, Tailândia e Filipinas, conquistaram seu mercado e diminuíram a desigualdade por meio da construção de computadores, semicondutores e equipamentos de processamento de dados.

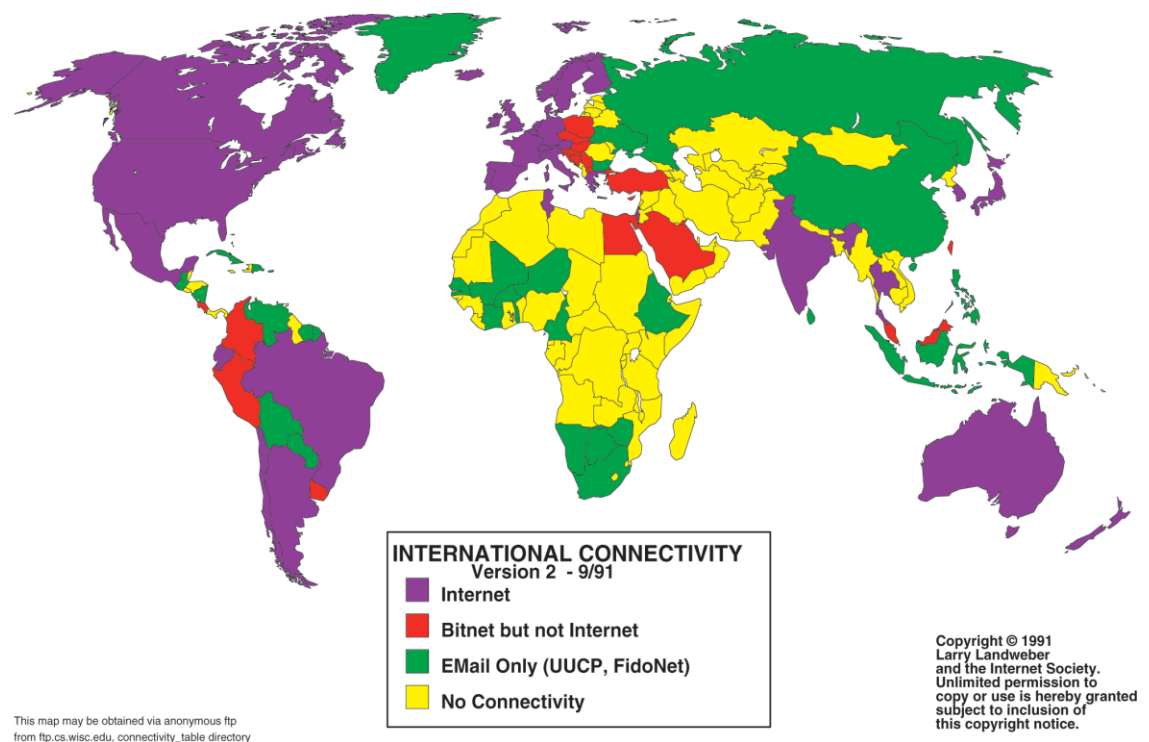


Figura 8: Conectividade Internacional

A Índia também apresenta um crescimento significativo; sua indústria de *software*, na década de 1990, passou por um crescimento de mais de 50% gerando milhares de empregos e talentos de primeira linha. Entretanto nenhum país entrou na era digital sem educação e capacitação básicas.

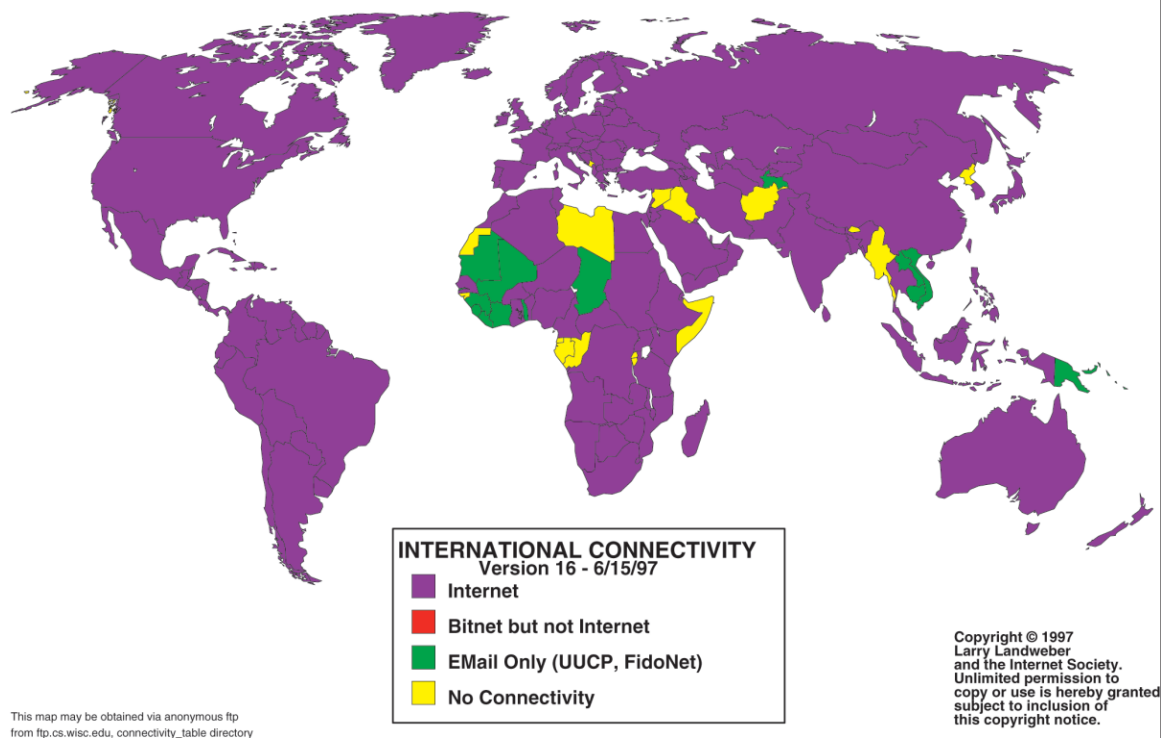


Figura 8: **Conectividade Internacional**

Mapas da conectividade Internacional

cartógrafo-chefe: Larry Landweber (Computer Science Department, University of Wisconsin-Madison).

objetivo: mapear a disseminação global de conectividade de rede

Meta: mapear o Crescimento da conectividade da Rede mundial

forma: mapas em que os países são sombreados, segundo os quais, uma das quatro categorias de conectividade de rede eles se encaixam.

técnica: mapas digitais disponíveis como imagens bitmap e Postscript.

datas: o primeiro mapa foi criado em setembro de 1991 e o último em junho de 1997.

mais informações: todos os mapas e tabelas de dados de suporte estão disponíveis a partir

[ftp://ftp.cs.wisc.edu/connectivity\\_table](ftp://ftp.cs.wisc.edu/connectivity_table)

A tecnologia *wireless*, ou sem-fio, ao permitir o acesso a comunidades rurais e remotas apresenta-se como uma possibilidade animadora de integração, dependendo da forma como for desenvolvida e utilizada.

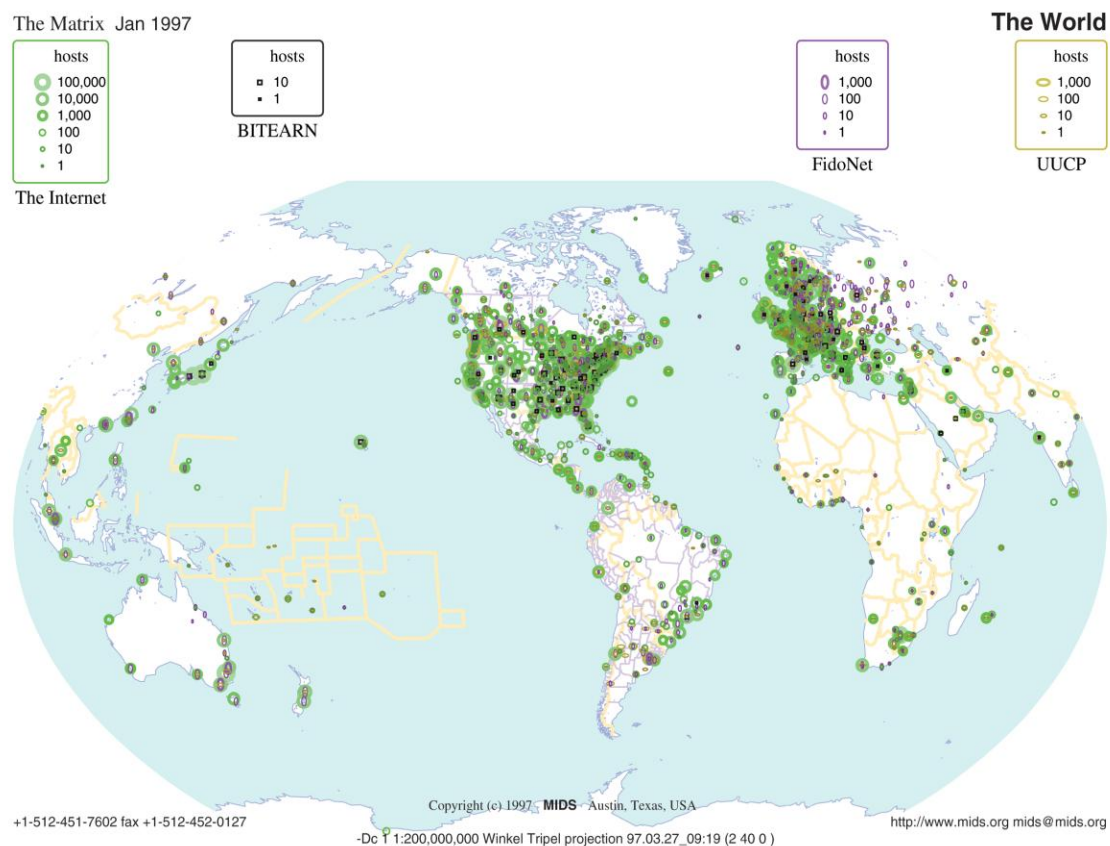


Figura 9: Matrix.Net - mapas do mundo

cartógrafo-chefe: John S. Quarterman e seus colegas (Matrix.Net, Inc., Austin, Texas).

objetivo: mapear a extensão geográfica da Internet como uma função do volume de computadores ligados em rede.

forma: mapa do mundo com computadores em rede representada por um símbolo circular.

técnica: mapas digitais como bitmaps e Postscript gerado usando software sob encomenda e aplicativo de mapeamento.

datas: Janeiro de 1997, janeiro de 2000.

mais informações: homepage Matrix.Net em <http://www.matrix.Net>

### 3.1.1 – Ciberespaço

Nesse universo de bits e bytes, a palavra ciberespaço foi utilizada pela primeira vez em 1984, por Willian Gibson, no seu romance de ficção científica “*neuromancer*” e, a partir de então, seu uso foi disseminado.

*Para Gibson o ciberespaço é um espaço não físico ou territorial composto por um conjunto de redes de computadores através dos quais, todas as informações (sob as mais diversas formas) circulam (LEMOS, 2004).*

De acordo com Gibson, o ciberespaço não é físico ou territorial, mas sim compõe uma região de livre circulação de informações, viagens, sons e textos, ou seja, tudo que componha uma produção simbólica e comunicacional entre pessoas de diferentes lugares do Planeta, de forma globalizada.

É importante ressaltar que, na busca para incrementar as transações comerciais e a rotação de capitais, o ciberespaço se desenvolveu apoiado nas forças produtivas do sistema capitalista. E esse atual estágio de produção é expresso nas redes de computadores, bem como em todos os aparatos que possibilitam sua conexão como satélites, cabos de fibra ótica e demais inovações tecnológicas, sejam em hardware ou software.

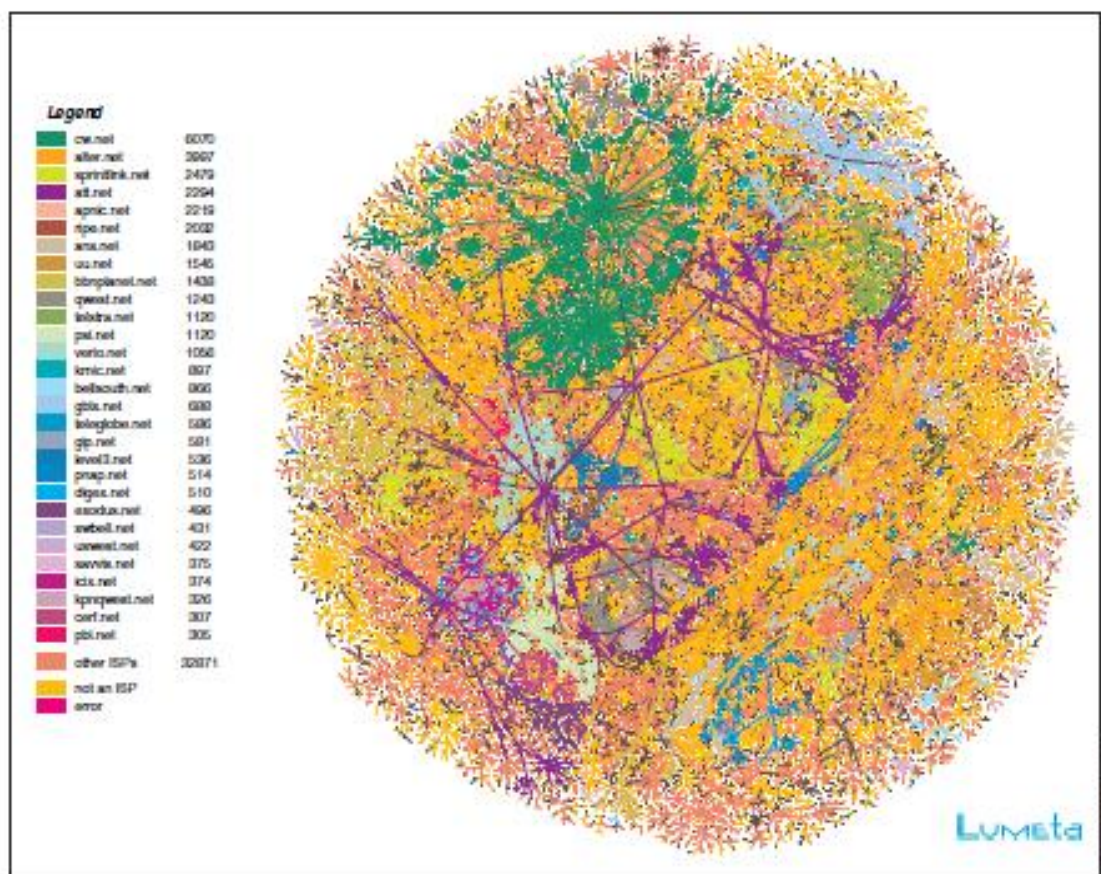


Figura10: Gráfico de conectividade

cartógrafos chefe: Hal Burch e Bill Cheswick (Lumeta).

objetivo: visualizar o núcleo da Internet em um único gráfico.

forma: um gráfico impressionante que tem sido descrito como a asa de um pavão, um pulmão ou um recife de coral. Tem um aspecto orgânico de complexidade fractal. Codificação de cores identifica as redes de grandes operadoras

técnica: estrutura da Internet - medida diariamente e processada utilizando mapas customgraphdrawing software que leva muitas horas para expor a imagem final.

Data: Dezembro de 2000.

mais informações: <http://www.lumeta.com>

Internet <http://www.cs.bell-labs.com/MappingProject/~ches/mapa/index.html>

Peacock Mapas <<http://www.peacockmaps.com>

*Atualmente, o ciberespaço pode ser compreendido por meio de duas perspectivas: 1) como via expressa de informação, através da conexão de computadores em rede 2) como realidade virtual.*

Na primeira perspectiva, o ciberespaço é vivenciado como uma autoestrada na qual um número grande de pessoas viaja, a todo o momento, por meio da Internet. Na segunda perspectiva, o ciberespaço é associado a um ambiente virtual projetado para ser capaz de proporcionar ao ser humano vivenciar uma situação real ou imaginária, propiciando uma imersão em um determinado ambiente em um espaço tridimensional. De acordo com Lemos (1996), “estamos caminhando para uma interligação total dessas duas concepções do Ciberespaço, pois as redes vão se interligar e, ao mesmo tempo, permitir a interação por mundos virtuais em três dimensões”.

Para se acessar essa via expressa de informação, é necessário todo um aparato que viabilize a conexão, que inclui computador, linha telefônica, protocolos de acesso, enfim, formas estáticas que permitem a conexão virtual. Por virtual, o senso comum pode entender como a ausência da existência física ou da realidade. Filosoficamente, o virtual pode ser compreendido como algo que existe potencialmente, mas não efetivamente em ação, ou seja, como uma extensão do real ou um real latente. Já para Lévy, o virtual não se opõe ao real.

*Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes (Lévy, 1996).*

Para Lévy, o virtual torna possível a desterritorialização, e o ciberespaço é o lugar do virtual, onde se percebe uma mudança antropológica fundamental: “As tecnologias intelectuais não se limitam a ocupar um setor entre outros da mutação antropológica contemporânea; elas são potencialmente sua zona crítica, seu lugar político” (Lévy, 1998). Segundo Lévy (1999),

*em algumas dezenas de anos, o ciberespaço suas comunidades virtuais, suas reservas de imagens, suas simulações interativas, sua irresistível proliferação de textos e signos, será o mediador essencial da inteligência coletiva da humanidade.*

O ciberespaço se apresenta como um ambiente que apresenta inúmeras possibilidades; primeiramente, há a sensação de abolição do espaço e das referências do lugar, o que remete à questão: “lugar e não-lugar” (Marcondes Filho, 1996).

Como lugar se entende a associação de uma materialidade, mediada por uma identidade pelo grupo social que ali se encontra; já o não-lugar é marcado justamente pela ausência de identidade. Como exemplo de não-lugares, podem-se citar os *shoppings centers* e os aeroportos (Augé, 1994). Como exemplo de não-lugar, Augé ainda inclui os lugares de passagem,

### 3.1.2 – A Sociedade Conectada e a Cibercultura.

Vivenciamos na atualidade, o que Castells convencionou chamar de Sociedade Informacional, a qual não abrange apenas as novas tecnologias, mas permeia todas as manifestações culturais, bem como a organização política e econômica da sociedade.

No ciberespaço, assim como em outros locais de encontro social, depara-se com confrontos de interesses e disputas que se concentram no potencial das tecnologias emergentes.

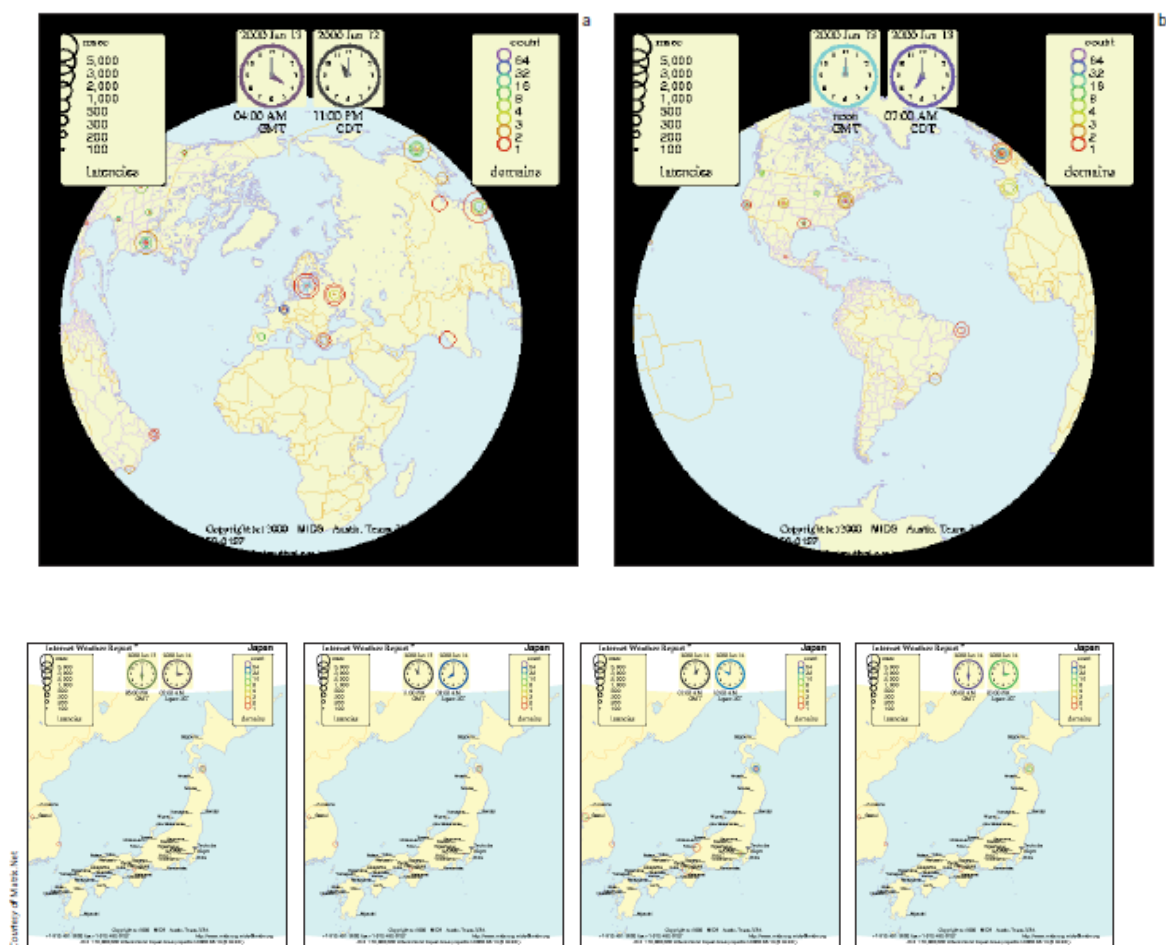


Figura 11: Relatório Internet Tempo (IWR)

cartógrafos chefe: John Quarterman e colegas (Matrix.Net).

objetivo: mostrar a Internet "tempo" (performance / congestionamento) em centenas de locais em todo o mundo.

forma: mapas geográficos, com formas circulares codificados por cores mostrando mudança nos padrões de latência.

técnica: medição seis vezes por dia a partir da base da empresa Matrix.Net em Austin,

Texas. Software personalizado que gera mapas diários de animação para diferentes regiões e países.

Data: exemplos retirados de Junho de 2000. IWR está em operação desde 1993.

mais informações: ver <http://www.matrix.net/isr/weather/>

Se na sociedade capitalista o atrito social se manifesta pelo confronto de interesses econômicos, na sociedade informacional, esse embate está registrado pela maior ou menor apropriação dos recursos tecnológicos e a expansão do mercado global. Mas, se, por um lado, a apropriação da tecnologia ainda acontece de forma assimétrica, por outro lado existe a possibilidade de usos diferenciados e interativos, viabilizando o uso de novas tecnologias por comunidades com interesses distintos, em diversas regiões do mundo. De outra forma, pode-se dizer que o uso das Tecnologias da Comunicação e informação fugiu do controle hegemônico de alguns países, diferentemente do sentido pensado por Lévy, *Local da prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária ... como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual o ser humano pode participar e contribuir* (Lévy, 1999).

Desse modo, é possível perceber a constituição de uma nova sociedade civil em que as tradicionais práticas de mobilização social estão incorporando recursos e construindo novas relações: na sociedade emergente, na qual as novas Tecnologias da Informação e Comunicação são as ferramentas de atuação social. E utilizando as palavras de Martin Barbero: pode-se considerá-las como um sistema comunicativo distinto.

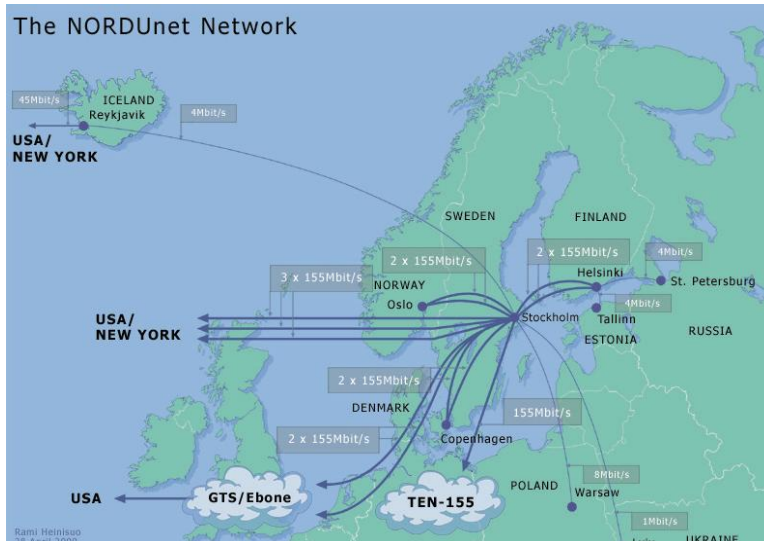


Figura 12: NORDUnet mapa da rede de tráfego  
cartógrafo-chefe: Rami Heinisuo (NORDUnet).

objetivo: mostrar a carga de pico de tráfego diário percentual em links individuais na rede. Além disso, fornece um índice para as estatísticas de tráfego mais detalhadas.

forma: mapa topológico da rede, com ligações com códigos de cores pela densidade de tráfego. Os nós são mostrados pelos quadrados rotulados.

técnica: custom-written software (NORDstat) para a medição de rede e os criação do mapa de tráfego interativo em uma base diária.

Data: mapa exemplo de 13 de Junho de 2000.

mais informações: homepage NORDUnet em <http://www.nordu.net>

A informatização da sociedade é, com certeza, um dos fatores de análise das novas formas de socialização atual. As novas tecnologias da comunicação e informação permeiam a vida e as relações, mas, apesar disso, constata-se que a informatização e o cotidiano conectado em redes se disseminam rapidamente. O telefone celular, por exemplo, demonstrou como se dá a popularização das Tecnologias da Informação e da Comunicação. Isso, anteriormente, aconteceu também com outras mídias, como o rádio e a televisão, demonstrando como o barateamento da tecnologia torna acessível a utilização por um número maior de pessoas.

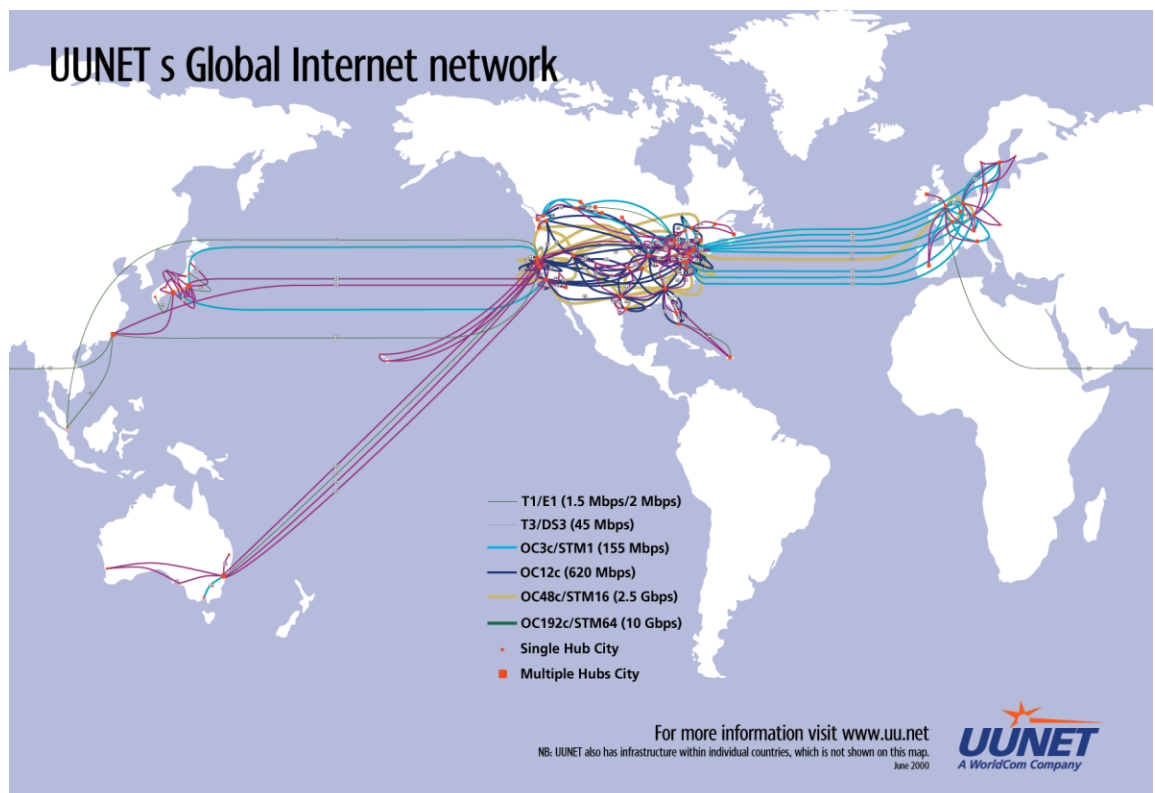
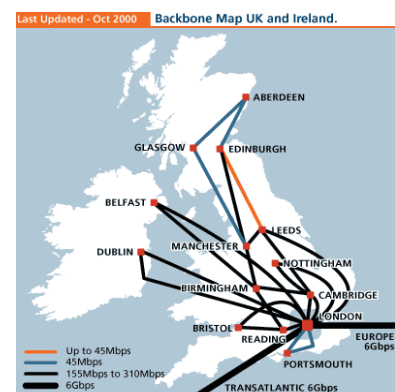
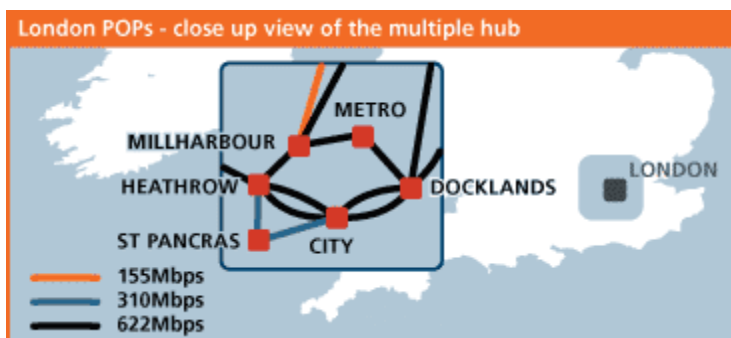


Figura13: mapas UUNET do backbone de marketing em quatro escalas diferentes.



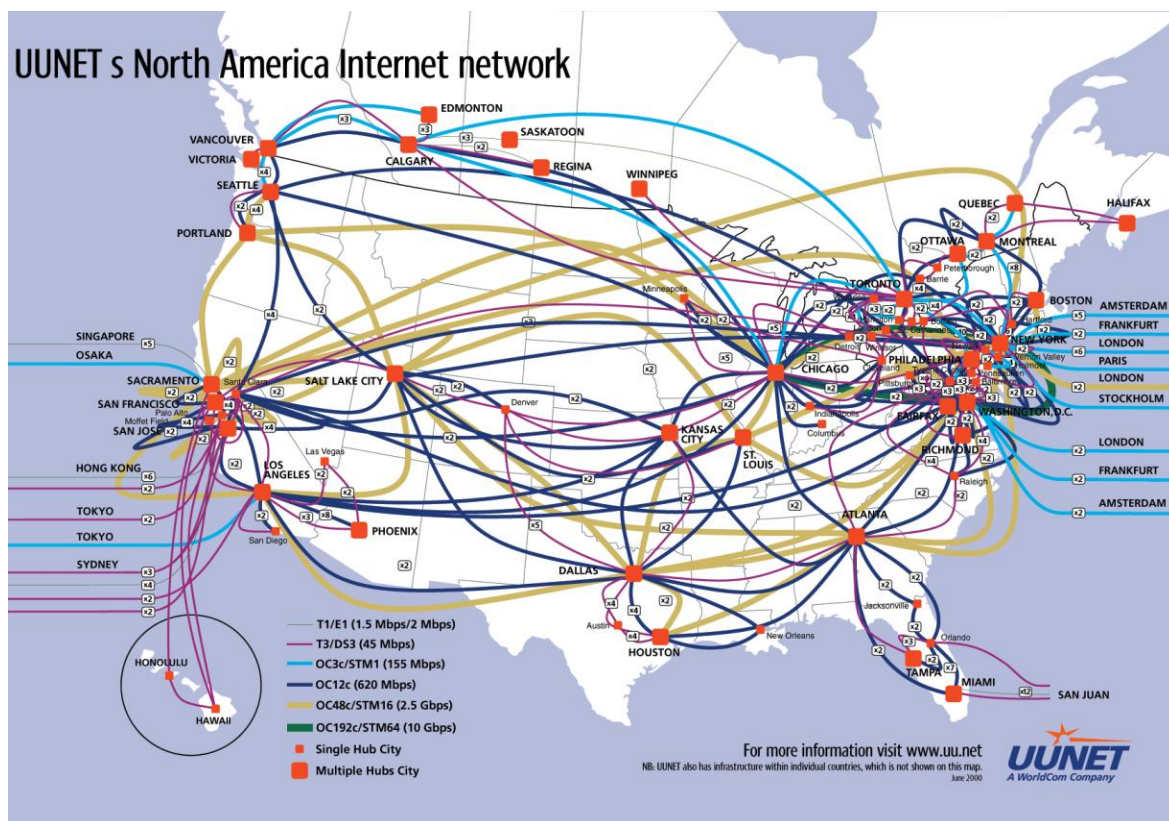


Figura13: mapas UUNET do backbone de marketing em quatro escalas diferentes.

cartógrafo-chefe: Henry Ritson (UUNET), Reino Unido artwork mapa por Mark Watts.

finalidade: fornecer mapas de marketing para promover a rede a empresas e potenciais clientes, demonstrando a extensão geográfica e a capacidade da infraestrutura.

forma: Diferentes mapas em escalas variadas, revelando mais detalhes sobre a topologia da rede e capacidade.

Técnica: mapa artesanal, atualizado trimestralmente, de informações pormenorizadas sobre engenharia de rede.

Data: global - Junho de 2000; América do Norte - Junho de 2000; UK / Londres - Outubro de 2000.

mais informações: página inicial Rede UUNET em <http://www.uu.net/network>

Atualmente, as fontes de informação e comunicação estão cada vez mais mediadas por dispositivos de transmissão à distância, que, por sua vez, estão se tornando mais interativos. São exemplos de equipamentos que estão informatizando o nosso cotidiano, os sensores de presença, as câmeras de vigilância, *ipods*, câmeras digitais e *webcams*.

Benjamin (1980) menciona que, até meados do século XX, havia dois tipos básicos de cultura nas sociedades ocidentais: a cultura das elites e a cultura popular; entretanto, com a miscigenação das culturas de elite e popular, mediante os meios técnicos informacionais, houve grande impacto nessa divisão. A chamada cultura de

massas, constituída de mídias como o jornal o rádio e a TV, mesclaram o popular e o erudito, com isso, as novas formas de comunicação extinguíram as fronteiras entre a cultura popular e de elite, mas, em contrapartida, tornaram a cultura massificada, em que uma pequena minoria manipulava a informação para ser divulgada a uma grande massa, que, até então, não dispunha de meios para interferir na informação divulgada. Esse contexto, na atualidade, é invertido, com a possibilidade de que os usuários obtenham e produzam a informação de forma interativa, e o crescente número de *blogs*, *web sites*, provedores e redes de relacionamentos apontam para uma produção cultural ativa e crítica.

Para Santaella (2003), há uma diferença entre cultura de mídias e a recente cultura digital, pois cultura digital se refere a diferentes mídias (TV, vídeo, Internet), enquanto a cultura de mídias possibilita a convergência de mídias diferentes, assim, texto, som e imagem, por meio da digitalização e da compressão, se formatam em uma linguagem única, universal, podendo ser armazenados, manipulados, reproduzidos, distribuídos em uma única forma: bits.

Pode-se assegurar que essa forma de produção informacional interativa que o ciberespaço possibilita se iniciou a partir da década de 1970, quando equipamentos, como máquinas de reprografia e gravadores de áudio e vídeo, apontavam para uma forma rudimentar de interatividade e manipulação de imagens, signos, informações e, a partir da década de 1980, foi incrementada a produção de diferentes mídias e equipamentos desde *walkmans* até celulares e *games*. Assim, a cultura digital veio acompanhada de uma revolução na forma de produção e distribuição da informação. Cabe considerar como o uso criativo dessas novas tecnologias está se configurando, pois, se existe, no ciberespaço, uma produção cultural ativa, é imprescindível descobrir formas de se socializar.

### 3. 2 – A Sociedade Conectada e o Ciberativismo.

*O ciberativismo (ou “ativismo on-line”) transcende uma simples transposição das práticas de mobilização coletiva tradicionais para a internet. Os movimentos de democratização das comunicações, no contexto da desmaterialização do trabalho, deram origem a um sujeito coletivo politicamente ativo que anteriormente não se havia se autonomizado, pois estava envolvido em movimentos políticos de outros focos temáticos. As práticas ciberativistas começam pela garimpagem e organização de informações politicamente relevantes, dispersas na internet. Passam da disseminação de conhecimentos para a formação da opinião pública, dão suporte a novas e antigas formas organização política, alcançando a produção de algoritmos para driblar os dispositivos de controle biopolítico (Neves, Bráulio de Britto, 2010).*

O nome ciberativismo pode parecer estranho, mas a grande parte de usuários da internet, em algum momento já, receberam um e-mail ou link, solicitando um clique contra a fome ou pela luta contra o câncer. Essas modalidades de ciberativismo podem ainda ser ampliadas, possibilitando aos mais engajados, marcarem, via email, um local de protesto por meio de flash mobs, ou mesmo envio de emails em massa para reivindicar uma causa.

A partir da década de 90, essas atividades intensificaram-se, e o destaque ficou por conta do movimento zapatista do EZLN- Exercita Zapatista da Libertação Nacional, no México. Nesse período, ONGs como o Greenpeace e a Anistia Internacional começaram a usar a internet para divulgar as suas causas.

No final dos anos 90, com os protestos antiglobalização em Seattle e Praga, houve um fortalecimento do ciberativismo. Surgiram assim os Centros de Mídia

Independente CMI, também chamados de Indymedia, uma rede internacional produtora de informação de ordem política e social independentes dos interesses empresariais ou governamentais.

No Brasil, foi por intermédio do Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre, em 2001, que se possibilitou uma tomada de consciência sobre a importância da internet para a difusão das reivindicações comunitárias. O Fórum foi constituído como um espaço democrático de ideias, aprofundamento da reflexão, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se opõem ao liberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo.

De acordo com André Lemos, o ciberativismo pode ser definido como as práticas associativas de utilização da internet por movimentos politicamente motivados, com intuito de alcançar suas metas. É a busca pela informação, mobilização e ação social, que tem como suporte essencial as novas tecnologias do ciberespaço. Isso, sem que as ações precisem passar por mediações, tornando-se, portanto independentes e livres.

No ciberativismo, o espaço eletrônico é utilizado de forma complementar ao espaço de lugar, complexificando-o. Assim, essa forma de atuação caracteriza-se por redes de cidadãos que criam arenas, até então, monopolizadas pelo Estado e por corporações, para expressar suas ideias e valores, para agir sobre o espaço concreto das cidades ou para desestabilizar instituições virtuais por meio de ataques pelo ciberespaço (hacktivismo) (Lemos, 2004).

*De acordo com Lemos, um dos principais objetivos do ativismo eletrônico é combater o desinteresse pela coisa pública e criar canais de participação autênticos. “Através de sites, blogs e/ou portais mobilizadores, pessoas, não necessariamente de um determinado espaço comum, podem organizar movimentos, difundir opinião e informação, agregar pessoas, promover ações físicas e eletrônicas, expressar seus descontentamentos em relação aos problemas cotidianos. Trata-se de utilizar as diversas ferramentas da Internet (fóruns, chats, websites, email) para difundir informação, reunir pessoas, propor ideias e ações.*

*Essa é a esperança, mas uma esperança alicerçada em experiências concretas e em um fenômeno social planetário* (Lemos, 2004).

A forma de atuação dos movimentos sociais mudou com a internet, e as formas de organização do ativismo digital também. De acordo com Sandor Vegh, há três formas de ciberativismo: a primeira: Conscientização/Apoio consiste em convidar as pessoas a aderir a uma causa, geralmente, por meio de e-mails; a segunda forma consiste no envio de e-mails para autoridades e a terceira forma seria o envio em massa de mensagens ‘em uma quantidade e frequência que sature a capacidade de resposta e, portanto, perturbe e pare o servidor da entidade alvo (Vegh, 2003).

Há ainda outras formas de ciberativismo, que não abarcam a organização de mobilizações, que é a criação de sítios falsos de grandes corporações ou instituições, quando essas instituições estão organizando eventos significativos, como, por exemplo, o site da OMC Organização Mundial do Comércio, no momento de sua reunião em Seattle. Também se vivenciou uma outra forma de ciberativismo durante a Guerra do Iraque, quando presenciou-se uma guerra da informação, que se transformou em um exemplo emblemático das novas formas de atuação dos movimentos sociais. Enquanto a grande mídia estadunidense apontava uma visão pró EUA, agências menores de notícias, mídia árabe, coletivos sociais antiguerra, blogueiros ativistas e a imprensa independente davam outro foco e novas versões do conflito.

A organização Moveon.org, em 15 de fevereiro de 2003, levou 250 mil pessoas às ruas para se manifestarem contra a guerra; e por meio do seu site, levantou recursos para veicular sua campanha publicitária nos canais de TV, rádios e jornais.

Com o uso criativo das Tecnologias de Informação e Comunicação, a imposição de medidas contra os interesses coletivos foi dificultada, pois as TICs possibilitaram a organização e a resistência. São inúmeros os exemplos de resistência e ativismo político em rede. Há os ativistas em direitos humanos (Anistia internacional, American Watch), grupos de apoio aos excluídos da economia global (Palestinian NGOs Network), agências de informação alternativa (mediaindependente.org, indymedia, nodo50). Vale ainda citar o Fórum Social Mundial, por seu espaço de articulação e debate entre redes

de movimentos sociais distintos.

Cabe ressaltar que as organizações mais antigas, da era pré-Internet, como é o caso do Greenpeace, WWF, Anistia Internacional, entre outros, passaram a utilizar a rede para divulgar e promover as suas campanhas. Outro aspecto importante do ativismo político é o hackerismo, que inclui muitas formas diferentes de atuação por meio de um ataque digital, ou seja, o acesso não-autorizado de um sistema, por uma pessoa ou grupo *hacker*, invadindo, modificando, alterando e sabotando. Os ataques de *hackers* aumentam em períodos de conflitos, como na Guerra do Iraque, quando houve um número enorme de ataques digitais por grupos islâmicos e de pacifistas ocidentais, chegando a 30 mil casos, em maio de 2003 (Mi2G, 2003). Ataques semelhantes também aconteceram em outros períodos de conflito: Guerra da Iugoslávia, Tensão entre China e Taiwan e a Intifada Digital, entre Israel e Palestina, e também quando um avião estadunidense ficou retido na China, em abril de 2001 (Machado, 2003).



Figura 14: Site CMI -Centro de Mídia Independente Brasil

Com a Internet, o domínio da Informação, por parte da mídia, a serviço da lógica dominante, passa a ser questionável. Castells ressaltava a importância estratégica de

“se utilizar o enorme potencial da Internet, por exemplo, para reviver a democracia, não enquanto substituição da democracia representativa por meio do voto, e sim para organizar grupos de conversação, plebiscitos indicativos e consultas sobre distintos temas, disseminando informações na

sociedade” (Castells, 1999).

O uso da Internet como ferramenta para o ativismo político sofreu impulso a partir de 1999, quando a organização ATACC promoveu, em Paris, um encontro para definir formas de atuação de diversos movimentos sociais em oposição e resistência ao neoliberalismo. A partir de então, as Tecnologias da informação e da Comunicação, em especial, a Internet, tem se constituído como meio de potencializar diversas lutas de entidades civis.

*Desde já, é preciso desenvolver redes em escala internacional, para facilitar as trocas e fazer circular as informações sobre as lutas e as ações dos distintos movimentos. A Internet é o meio mais econômico e mais eficaz. A lista de discussões via Internet denominada ‘transattac’ deve reassumir seu papel de local de trocas do movimento internacional. Listas específicas e pontuais serão montadas para compartilhar as informações sobre as diferentes ações adotadas (Rodada do Milênio, taxaço dos capitais etc.) (ATTAC.ORG, 2010).*

Organizações Não-Governamentais - ONGS - e entidades civis passaram a utilizar a Internet cada vez mais como meio de difundir reivindicações, desenvolvendo novas formas de interação e mobilização. De acordo com Naomi Klein, está surgindo “um modelo de militância que espelha as vias orgânicas, descentralizadas e interligadas pela Internet” (KLEIN, 2002).

Com esse novo modelo de difusão interativa, assiste-se à criação de uma nova forma de expressão, com potencial para ser muito mais democrática em oposição à estrutura da mídia dominante.

No ciberespaço, há diversos grupos com causas e comprometimentos comuns e uma diversidade de interesses que abrangem desde os direitos humanos das minorias, passando pelos movimentos de apoio às causas ambientais, ecologia, desenvolvimento

sustentável, reforma agrária, educação, arte e cultura. Além de abarcar um leque amplo de interesses, os novos movimentos sociais compreendem uma gama variável de formas de atuação (que podem se estruturar em redes ou de forma autônoma), bem como diferenciadas formas de abrangência (local, regional, nacional ou internacional), também com um limite de tempo diferenciado para alcançar os objetivos, assim, as ações podem ser desencadeadas objetivando-se o retorno em curto, médio ou longo prazo. Com as diferentes articulações possíveis entre essas variáveis, encontram-se inúmeras formas possíveis de atividades e de ativismo.

A organização em redes, dentro e fora da Internet, se mostra inovadora na medida em que facilitam a comunicação entre grupos heterogêneos que compartilham o mesmo objetivo. Para Barbero, as redes se distinguem como lugar de encontro para grupos de trabalho ou para minorias à margem da sociedade

*Nas grandes cidades, o uso de redes eletrônicas está permitindo construir grupos que, virtuais em seu nascimento, acabam, se territorializando, passando da conexão ao encontro, e do encontro à ação (Barbero)<sup>2</sup>.*

Num mundo que anseia por justiça social e, simultaneamente globaliza, diversas formas as desigualdades sociais, Félix Guatari lembra a necessidade de interlocução entre as comunidades e o poder público:

*Precisamos fomentar com êxito uma nova consciência planetária, que se apoie em nossa capacidade coletiva para a criação de sistemas de valores que escapem aos pressupostos morais, psicológicos e sociais do capitalismo, os quais se concentram apenas no benefício econômico. A alegria de viver, a solidariedade e a compaixão pelos outros são sentimentos em*

---

<sup>2</sup> Jesús Martín Barbero. Comunicación y solidaridad en tiempos de globalización. Conferência no 1º Encontro Internacional de Comunicadores Católicos, disponível em: [www.jmcommunications.com/spanish/barbero.html](http://www.jmcommunications.com/spanish/barbero.html).

*vias de extinção e que deviam ser protegidos, reavivados e impulsionados em novas direções. Os valores éticos e estéticos não nascem de imperativos nem de códigos transcendentais, exigem uma participação existencial baseada em uma imanência que se deve reconquistar continuamente (Guatari, 1992).*

A informatização da sociedade é um dos fatores de análise das atuais formas de socialização. Há um crescente número de computadores e tecnologia móveis permeando a vida e as relações, de modo que a informatização do cotidiano não precisa necessariamente ser um privilégio, muito pelo contrário, a disseminação do uso do telefone celular, por exemplo, popularizou o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação. Anteriormente, o mesmo fato já havia acontecido com outras mídias como o rádio e TV, evidenciando como o barateamento da tecnologia torna acessível à utilização.

As fontes de informação e comunicação mediadas por dispositivos de transmissão à distância estão cada vez mais interativos organizando as práticas sociais

*Espaço de fluxos, imagens, sons e sociabilidade são formas de se definir ciberespaço, de maneira a expressar uma organização material das práticas sociais de tempo compartilhado, que funciona por meio de fluxos (Castells, 1999).*

Cabe apenas lembrar que tais redes não estão somente no espaço de fluxos. De acordo com Lévy (1993), elas constituem o próprio espaço.

Quando se fala em ciberespaço, é comum considerar como algo imaterial e virtual em que a concepção do tempo e do espaço se torna subjetiva, assim, os agrupamentos de indivíduos de espaços geográficos distintos constroem novas territorialidades.

*Dentre as mudanças de comportamento do homem urbano contemporâneo, provocadas pela inserção das TIC em seu*

*cotidiano, está a vivência de aspectos importantes da vida no território virtualizado da Internet. De fato, a popularização da rede e a ampliação e diversificação de ferramentas e websites, disponíveis gratuitamente online, permitem que, mesmo sem perceber, partes do habitar das pessoas se desenvolvam mais e mais no espaço virtual. Da criação de laços de sociabilidade ao acesso de serviços, de transações comerciais ao desempenho de tarefas diárias diversas, um número crescente de atividades faz desse novo lugar eletrônico uma extensão necessária e socialmente aceita dos espaços físicos ... comumente chamadas de comunidades, essas associações formadas através de redes telemáticas mostram que as TIC podem desempenhar não apenas o papel que costumeiramente se lhes atribui, de vetores de alienação e de desagregação social, mas também, contrariamente, estimulando o compartilhamento de ideias, sentimentos solidários e laços de coesão social (Tramontano e Requena, 2007).*

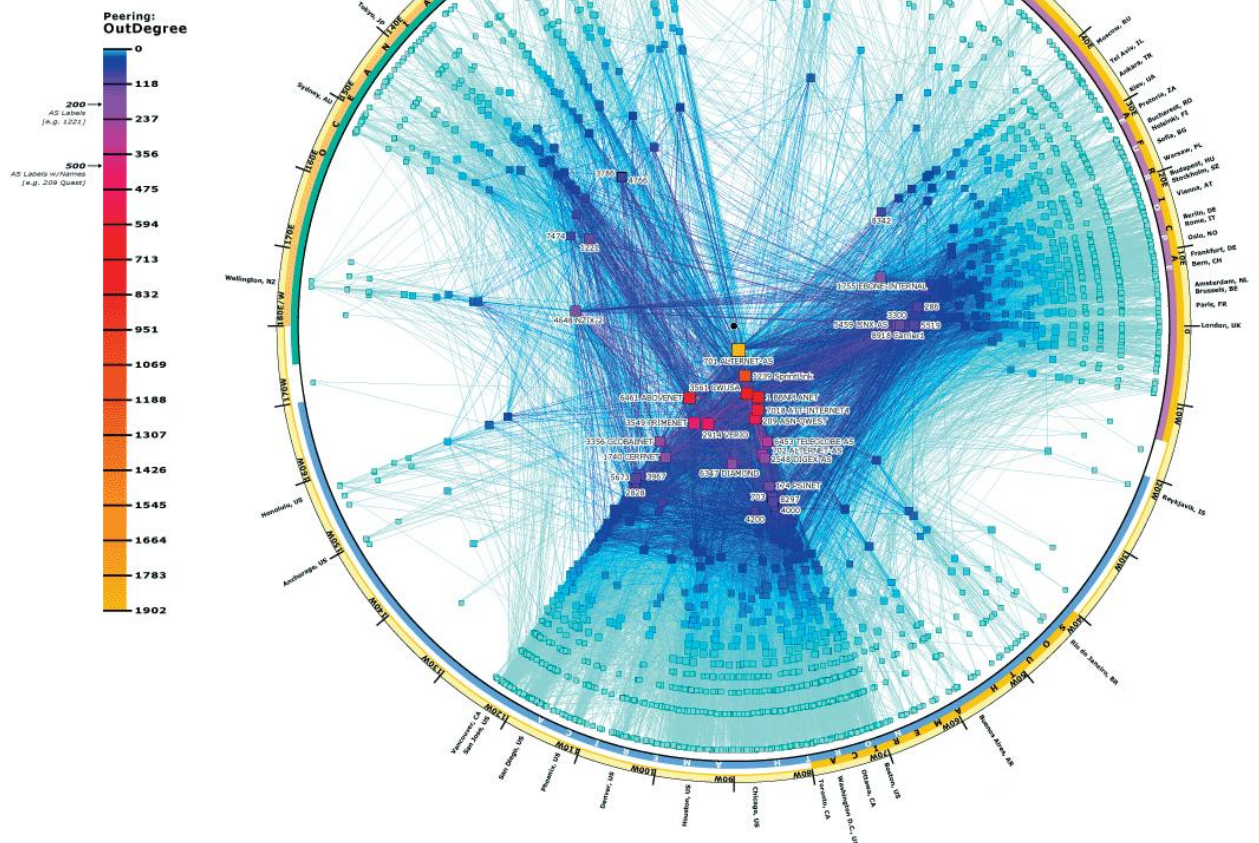


Figura 15: gráfico Internet - Núcleo

cartógrafos chefe: Brad Huffaker, Andre Broido, K. Claffy, Marina Fomenkov,

Sean McCreary, David Moore e Oliver Jakubiec (Cooperative Association for Internet Data

Análise - CAIDA).

objetivo: visualizar a estrutura macroscópica da Internet em um determinado instante no tempo, mostrando relações entre pares e localização geográfica dos provedores.

forma: polar-projetado gráfico.

técnica: dados recolhidos a partir de medições automática da topologia da Internet através do programa. skitter

Data: Janeiro de 2000.

mais informações: [http://www.caida.org/analysis/topology/as\\_core\\_network/](http://www.caida.org/analysis/topology/as_core_network/)

Lévy foi um dos pioneiros a se debruçar sobre o ciberespaço. De acordo com ele, o surgimento do ciberespaço foi decisivo para a unificação da humanidade, por meio da formação do que ele chamou de hipercórtex, ou seja, um grande cérebro similar a um enorme arquivo, onde toda a produção simbólica humana fica à disposição para ser acessada a partir de um computador conectado à Internet. Para Lévy, vive-se, pela

primeira vez na história, a construção de um império não-territorial: o império das redes.

*E pouco importa que este centro esteja lá ou aqui, distribuído ou concentrado, é um centro virtual, um centro de inteligência coletiva. A humanidade encontra-se pela primeira vez em uma situação de quase unidade-política (Lévy, 2001).*

O Autor também se mostra atento aos movimentos que impulsionam o ciberespaço, ou seja: o capitalismo e o mercado, e sobre a nova ordem mundial que engendra toda essa nova realidade, ele aponta:

*Tudo converge: a globalização da economia, um mercado que avança cada vez mais profundamente sobre a vida social, o crescimento de uma tecnociência que sempre produz mais conhecimentos e objetos, um espaço de comunicação mais livre e aberto. Tudo o converge para o virtual (Lévy, 2001).*

### **3.2 – Compressão espaço e tempo.**

Foi por intermédio das máquinas que o homem superou os limites espaço-temporais, aumentando a produção, minimizando o esforço humano, diminuindo as distâncias geográficas. Essas inovações, aliadas ao desenvolvimento dos meios de comunicação suscitaram, alterações significativas no comportamento humano ao ampliarem as possibilidades de atuação no mundo.

*As máquinas introduzidas pela Revolução Industrial maravilharam nossos antepassados porque eram capazes de substituir a força física do Homem. Primeiramente pela utilização do vapor, e, mais tarde, pela utilização da eletricidade, a energia da máquina foi posta a serviço dos*

*músculos humanos, livrando-os do desgaste* (Schaff, 1991).

A partir da segunda metade do século XX, assiste-se a uma nova revolução tecnológica: a revolução pós-industrial, onde a produção em massa culminou com um novo momento histórico, também conhecido como pós-modernidade, em que o tempo e o espaço foram comprimidos, em que há o confronto entre a questão da identidade temporária e as dinâmicas, entre o local e o global. Nesse período, Henry Ford e o engenheiro Frederick Winslow Taylor criaram métodos que aumentaram a eficiência do processo produtivo, reduzindo o tempo de produção. Hoje, vive-se o que se pode chamar de uma Terceira Revolução Industrial na qual informática, microeletrônica e tecnologia nuclear conquistam espaço; vive-se, então, o período da integração dos mercados.

Foi também no século XX que se deram o aprimoramento e o desenvolvimento de equipamentos elétrico-eletrônicos, com máquinas de produção informação e manipulação de imagens (captura, projeção e impressão). Dentre todas as máquinas, o computador foi a que interferiu mais diretamente no cotidiano humano, principalmente a partir da década de 90, quando ligado em rede, via Internet, assistiu-se a transformações nas relações sociais e de trabalho.

Por sua capacidade híbrida de multimídia (aliando imagem, sons) e de se conectar a outras máquinas, esses dispositivos encontraram grande aceitação pela sociedade. As barreiras espaço temporais foram superadas, enviando-se mensagens eletrônicas instantâneas, a possibilidade de escolher trabalhar ou estudar em casa, atuando à distância com baixo custo e em tempo real, criou novos paradigmas: “Gerou novas profissões, introduziu novos termos, multiplicou a demanda por trabalhadores da área e recortou para si tudo quanto é próprio as disciplinas científicas” (Fasciani, 1998).

Silveira (2003) aponta que a nova Revolução Tecnológica tem recebido diversas denominações: Castells se refere a ela como a Revolução das Novas Tecnologias da Informação, Negroponte como Revolução Digital e Jeremy Rifkin como a Era de Acesso.

Desde a antiguidade pré socrática passando por diferentes correntes filosóficas, o estudo do espaço e do tempo estão relacionados. Mas foi a partir do século XIX que espaço e tempo se confrontaram. O desenvolvimento tecnológico provocou profundas

alterações nos campos social, cultural e econômico.

A partir do desenvolvimento dos meios de transporte, a forma de deslocamento colocou em cena uma nova concepção do espaço em que a distância se tornou relativa. A facilidade de acesso tornou a distância relativa, e o tempo, antes dominado mecanicamente pela medida cronológica do relógio, se reduziu.

O tempo, passa então, a ser medido através da técnica empregada para o deslocamento: ferrovias, avenidas, trens, autoestradas, navios, automóveis. O tempo necessário para eliminar uma distância estabelece uma nova cronologia do espaço ou um espaço do tempo, característica da topocronia: quando espaço e tempos se confrontam, e o desenvolvimento tecnológico alcançado pela Revolução Industrial e posteriormente pela Revolução mecânica, trazem consigo novas relações entre o espaço e o tempo, determinando novos rumos à sociedade nos campos social, cultural e econômico. No mundo moderno, as distâncias são relativas, permitindo vivenciar outros espaços e o tempo se tornou uma metáfora no número e na rapidez dos deslocamentos, conforme Lucrécia D'Aléssio:

*(...) é possível identificar o tempo moderno pelas técnicas que assinalam a construção do seu espaço fluido, em deslocamento. Porém, a duração desse tempo exige que à caracterização entre pontos, territórios, continentes e cidades seja adicionada a contabilidade do tempo que se marca pela velocidade com que se percorre a distância. Ao deslocamento e à distância que marcam a diferença entre espaços, se acrescenta a velocidade da distância percorrida entre pontos em deslocamento, ou seja, o tempo com que se elimina a distância. Esse tempo medido estabelece uma cronologia do espaço ou um espaço do tempo, outra característica da topocronia*

<http://www.abciber.org/publicacoes/livro1/textos/o-espaco-liquido/>

A velocidade dos deslocamentos parece transformar o tempo em espaço. Essa topocronia resultante das revoluções industriais e mecânicas marcaram o mundo moderno, de acordo com Paul Virilio :

*Para Einstein o presente é já o centro do tempo. Para ele, o passado do Big-Bang original não é, não pode ser cientificamente esse centro antigo. O centro verdadeiro é sempre novo, o centro é perpétuo, ou mais exatamente ainda, o “presente” é um ETERNO PRESENTE. Aos três tempos da sucessão (cronológica), passado, presente, futuro, Einstein substitui um tempo de exposição (cronoscópico ou dromoscópico) subexposto, exposto, sobreexposto. (Virilio, 2000,).*

A velocidade dos deslocamentos, trouxe consigo a banalização do deslocamento e a percepção do tempo. Essa nova percepção espacial e temporal marca o fim de uma história marcada pela sucessão de eventos no tempo para uma história determinada pelo espaço.

Juntamente com a evolução das máquinas deu-se a evolução da comunicação: a diminuição do tempo entre a transmissão e a emissão mudou os horizontes humanos; o meio se tornou a mensagem e o mundo se tornou uma aldeia, de acordo com Mac Luhan (1999). O impacto nas relações humanas torna-se uma consequência e a chamada globalização impulsiona essas transformações tecnológicas, culturais, sociais e políticas. A nova sociedade apresentada não apenas altera os limites humanos, mas, ao extrapolar a própria noção de limites, amplia o número de horizontes possíveis. Para Duarte (2002), a sociedade contemporânea tem seus processos de geração de conhecimento, economia e de organização política ou militar, balizados pelo paradigma informacional, o que também a distingue da sociedade industrial. Abarcando esses temas Augé, em 1994 cunha o termo supermodernidade e o sustenta em três bases: a superabundância dos fatos e espacial e a individualização das referências. Para Augé, são justamente os deslocamentos, os fluxos de informação e de imagens, chamados por ele de desbastes da consciência, que se materializam como as características mais marcantes da supermodernidade. Podemos entender a supermodernidade como o imediato que é rapidamente descartável.

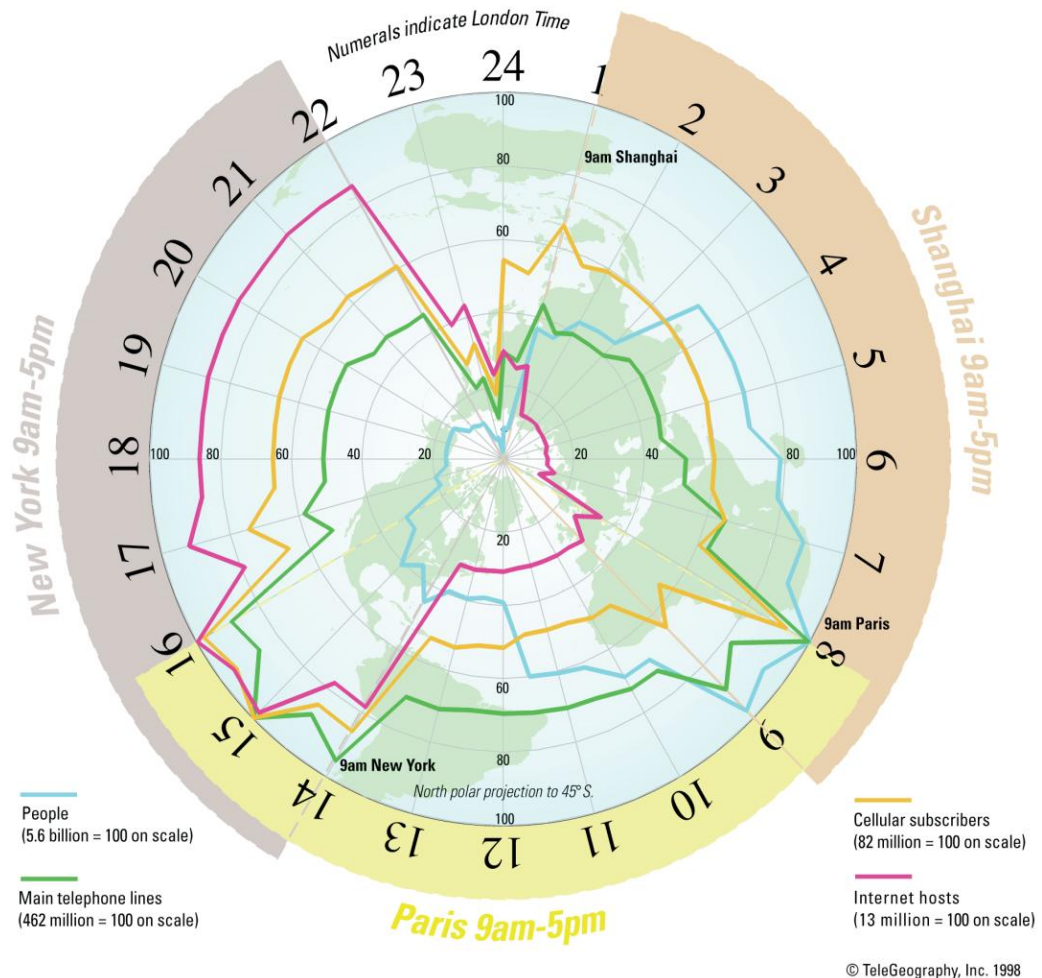


Figura16: Círculo geográfico das redes de comunicação  
 cartógrafos chefe: Zachary Schrage e Gregory Staple (TeleGeography, Inc., Washington DC).  
 objetivo: mostrar quantas pessoas estão conectadas via Internet e via fixa e móvel  
 telefones em todo o mundo durante 24 horas.  
 forma: gráfico radial em uma projeção polar.  
 Técnica: mapa artesanal. data: 1998.  
 mais informações: homepage TeleGeography em <http://www.telegeography.com>  
 leitura adicional: TeleGeography 1999: Estatísticas de Tráfego Global de Telecomunicações e  
 Commentary, editado por Gregory C. Staple, 1998, TeleGeography, Inc., Washington, DC.

Com o conceito de supermodernidade, surgiu uma série de novas formas de organização espacial, que, em geral, não poderiam ser reconhecidas como lugar, como, por exemplo, os espaços midiáticos e os espaços de eventos. Há também outros lugares que, de certa forma, se contrapõem ao conceito de lugar por não desenvolverem as relações humanas e culturais, não favorecendo a identidade, o sentimento de pertencimento e o reconhecimento simbólico com o local. Augé (1994), chama esses espaços de não-lugares, para ele, os não lugares são produzidos para serem funcionais e não acolhem as pessoas no sentido mais puro da complexidade humana, mas as

reduzem a indivíduos, passageiros, usuários, que são codificados assim que acessam ou deixam um desses ambientes.

Os não lugares, como espaços de função bem definida e restrita requerem, regras para seus usuários: passaporte, senhas, assinaturas. Os não lugares, em geral, se apresentam como espaços de função definida porém restrita, na prática, há uma seleção dos usuários. De acordo com Augé (1994), é preciso que o indivíduo tenha uma relação contratual com o não-lugar, provando sua identidade. Enquanto Benjamin afirmava que, para se conhecer a cidade, era necessário se perder, para, assim, descobrir cada esquina com a mesma tensão causada pelo barulho de se pisar um graveto na floresta, a padronização dos não lugares não permite essa possibilidade. Para Augé (2001), os lugares do eu e do encontro, constantemente, têm sido destruídos em nome do progresso, lembram-nos dos antigos mercados, onde as pessoas negociavam diretamente com o comerciante em contraponto aos hipermercados e self services cujas informações chegam por meio das promoções, embalagens ou etiquetas impossibilitando qualquer tipo de intercâmbio real.

É importante ressaltar que é necessário prudência para classificar o ciberespaço como não lugar, pois, longe de manter as pessoas isoladas, as redes e comunidades, em geral, aproximam os seus membros. De acordo com Wellman e Hogan (documento digital), usuários de internet são mais simpáticos à leitura de jornais, à discussão de idéias, a formar associações e a participar de atividades sociais no espaço real. A questão levantada por eles é que, por ironia no design de comunidades virtuais o projeto precisa ser focado no espaço físico, para que seja reconhecido e bem sucedido entre os usuários.

Para Augé, não podemos classificar essa nova configuração como positiva ou negativa.

*Não podemos mais do que ser sensíveis a certas características marcantes do espaço contemporâneo: o parentesco secreto (...) entre espaços e circulação, comunicação e consumo, que, por mais que se ocultem ou reafirmem uns aos outros, possuem formas estéticas que se assemelham (esses espaços refletem uma nova organização do mundo, um sistema planetário que busca seu estilo, se orienta face à uma nova divisão de trabalho e busca regular tanto as diferenças políticas*

*como os fluxos migratórios (Augé, 2001).*

Como pode ser observado, não há a intenção de classificar aqui, prontamente, o mundo virtual, o ciberespaço como lugar ou não lugar, pois o ciberespaço, ao se sobrepor ao espaço urbano, amplia-o e é por ele ampliado, criando novos padrões para as relações humanas, não permitindo o julgamento de um ambiente virtual como real ou não, visto ser incontestável a sua influência no mundo físico. Se levarmos em conta todo o potencial atual e futuro do ciberespaço, teremos de concordar com Negroponte (1995), que considera a expressão realidade virtual como um pleonismo: “Se contemplarmos como duas metades equivalentes as palavras que formam a expressão realidade virtual, então faz mais sentido pensar em realidade virtual como um conceito redundante”.

Para vários autores, é infundado o dualismo entre espaço físico e virtual. Castells (1999) também assegurou que não existe separação entre realidade e representação simbólica, pois todas as sociedades humanas existem e atuam por meio de um ambiente simbólico, e a interconexão entre o espaço físico e ciberespaço é conhecida como o espaço ampliado. De acordo com Negroponte (1995), “O mundo digital é “intrinsecamente maleável. Ele pode crescer e modificar-se de uma forma mais contínua e orgânica que os antigos sistemas analógicos.”

O espaço físico passa por uma enorme influência do meio virtual e toda a sua dinâmica, criando situações híbridas ou ampliadas. Nesse sentido, Mitchell (1999), expôs o conceito de Design recombinante, pautado na arquitetura recombinante. Para ele, as referências das comunidades como por exemplo escolas, bibliotecas, centros culturais ou comunitários precisam se reorganizar para absorver os novos espaços fluídos da informação, favorecendo aos seus membros novas relações entre si no ambiente físico e no ambiente virtual.

### 3.3 Ciberativismo em Territórios Recombinantes.

*A história do tempo começou com a modernidade. De fato, a modernidade é, talvez, mais do que qualquer outra coisa, a história do tempo: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história. (Bauman, 2001).*

De acordo com André Lemos, encontraremos, na cultura contemporânea, três princípios básicos norteadores dessa sociedade de informação. Esses três princípios básicos permeiam a comunicação e as práticas sociais, criando, por sua vez, recombinações na cultura contemporânea. A criação de territórios informacionais em expansão, com as tecnologias de comunicação sem fio, fomentam novas práticas recombinaórias na sociedade contemporânea.

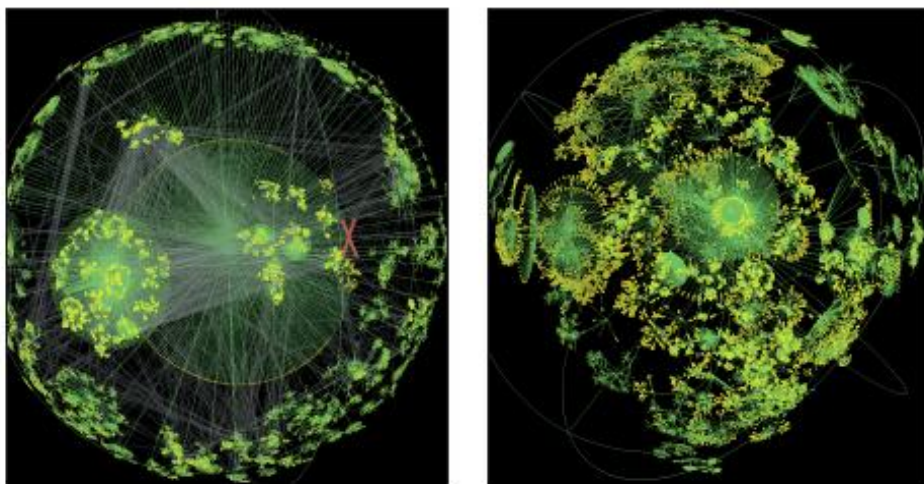


Figura 17: topologias 3-D - visualização hiperbólica de Internet

cartógrafo-chefe: Young Hyun (Cooperative Association for Internet Data Analysis -CAIDA).

objetivo: proporcionar a exploração interativa de grafos grandes (mais de 100.000 nós) mostrando estruturas complexas de roteamento da Internet.

forma: denso e orgânico, água-viva-como gráficos 3-D projetados dentro de uma esfera transparente.

técnica: dados recolhidos a partir de medições automática da topologia da Internet via skitter. Visualização personalizada pelo visualizador gráfico-hiperbólico chamado Walrus.

data: 2000.

mais informações: <http://www.caida.org/~youngh/walrus/walrus.html>

Sabemos que a antropofagia não se limitou ao movimento modernista. Copiar, recombinar, apropriar-se, mesclar elementos diversos, sempre foi uma constante no campo cultural. A cultura, por si só, é híbrida na formação de costumes. A recombinação de elementos é um traço na formação cultural, seja produtiva, religiosa ou artística. Esse processo pode ser encontrado desde as culturas mais primitivas. Na cultura Contemporânea, entretanto, apresenta novidades quanto à forma, velocidade e alcance desse movimento.

As novas tecnologias de comunicação e informação serão vetores de agregação social, de vínculo comunicacional e de recombinação de informações as mais diversas sobre formatos variados, podendo ser textos, imagens fixas e animadas e sons. A cultura pós massiva das redes, em expansão com sites, blogs, redes de relacionamento como o Orkut, troca de fotos, vídeos e música em sistemas como flickr, youtube e redes P2P, mostra muito bem o movimento de recombinação ao cultuarem um território eletrônico de crescimento planetário.

Para compreender esse processo, deve-se buscar encontrar os princípios que o norteiam, pode-se dizer a título de hipótese, que há três leis que estão na base do processo cultural atual da cibercultura, a saber: a liberação do polo da emissão, o princípio de conexão em rede e a consequente reconfiguração sócio cultural a partir de novas práticas produtivas e recombinatórias. (Lemos, 2006)

Pela primeira vez na história da humanidade, qualquer indivíduo pode publicar, produzir, em tempo real, em formatos distintos, colaborando em rede, reconfigurando a indústria cultural massiva.

A Liberação do polo de emissão é a primeira característica da cultura digital pós massiva. De forma livre e multimodal, utilizando-se vários formatos mediáticos, essa característica é inversamente proporcional a um momento cultural anterior, em que os meios massivos de comunicação ao controlavam o polo de emissão. É certo que sempre houve na contramão desse movimento a produção underground da informação através de fanzines, rádios e TVs piratas entre outros. Entretanto a forma era limitada. A cultura contemporânea e a evolução tecnológica eletrônica digital criaram a possibilidade de que cada um seja produtor e emissor de conteúdo, exceto em países de regime totalitário e autoritário como é o caso da China que cerceiam a produção, a emissão, a circulação e o consumo da informação.

Na atual cibercultura, é banal e corriqueiro a circulação de informação. Blogs e podcasts de conteúdos diversos. pessoais, acadêmicos, empresariais, jornalísticos,

comunitários. Já os podcasts são programas sonoros livres passíveis de edição e disseminação pela rede. A arte eletrônica, o desenvolvimento de softwares livres. Todos os códigos são livres para serem alterados e ficam disponíveis para novas combinações através de desenvolvedores mundialmente espalhados. Todos esses exemplos reafirmam a característica da cibercultura recombinate: A liberdade de emissão, que nos leva a um segundo princípio da conexão.

Mediante tecnologias eletrônico-digitais observa-se o uso das redes para a criação de vínculos sociais locais e comunitários. Dessa forma, o princípio de emissão está atrelado ao princípio de conexão generalizada de troca de informações. Esse processo será rico em conseqüências. Dessa forma emitir e conectar levará ao terceiro princípio da cultura contemporânea: a reconfiguração.

Em se tratando de reconfiguração da indústria cultural, a questão emergente é a da autoria para a reprodução de obras e mecanismos legais de recombinação, conhecidos como copy left ou licenças abertas. Um bom exemplo são as licenças creative commons, licenças de uso comum que permitem a cópia, modificação e distribuição das obras. O que se verifica, no momento, é uma crise de sistemas culturais, legais e econômicos por meio da reconfiguração da indústria cultural clássica. Entretanto a cultura não irá representar o fim da indústria massiva, ou seja, o rádio não irá morrer com o crescimento do uso de podcasts, a tv não irá acabar com a web. O que se percebe é uma reconfiguração informacional e comunicacional entretanto não será o fim da cultura de massa.

A compreensão desses três princípios: emissão, conexão e reconfiguração, princípios já em marcha, culminando com novas formas culturais, artísticas, imaginárias, subjetivas, produtivas, econômicas e jurídicas possibilitarão entender o que Lemos chama de território digital informacional. De acordo com ele, a ideia de globalização traz em si a sensação de perda de território, o apagamento das fronteiras, sejam elas culturais políticas, geográficas ou mesmo subjetivas.

Processos de desterritorialização são criados pelos meios massivos à medida que as informações ao vivo são apresentados. Mas nada que se compare a com a cultura digital das mídias pós-massivas e, principalmente, com as tecnologias móveis, percebe-se agravarem-se os processos de desterritorialização e, simultaneamente, novas territorializações.

Os celulares, que, no Brasil, recentemente alcançaram a marca de 100 milhões de unidades, convergem a diversas funções constituindo-se numa espécie de tele tudo

capaz de conectar imagens, vídeos, músicas, textos. A tecnologia em rede via blue tooth, possibilitando a criação de pequenas redes. Formas de conexão wifi, redes sem fio de acesso à internet, com alcance num raio de 100m, e o wimax, prolongamento da tecnologia wifi com alcance de 50 km, estão reformulando as práticas sociais e comunicacionais, desenvolvendo o que Lemos classifica como territórios informacionais, e a interface entre o espaço eletrônico e o espaço urbano formam os territórios digitais informacionais. Esses territórios são formados pela emissão e recepção de espaços híbridos de informação digital mediante dispositivos móveis informacionais e físicos.

*A questão do território, como alguns geógrafos vão definir, tem relação direta com o controle, A noção de território como controle vem da etologia, mostrando como o comportamento dos animais estabelece zonas efetivas de controle. Toda a noção de território tem relação com a noção de acesso e controle no interior de fronteiras. Essas palavras, acesso e controle, são extremamente importantes para a compreensão da sociedade tecnológica contemporânea. O acesso ao Universo Informacional se dá através de senhas. E existe hoje, efetivamente, na rede, um maior controle sobre o que se emite e recebe, diferentemente da prática de consumo de informação na cultura massiva (Lemos, 2006).*

Efetivamente, as mídias de massa criam processos desterritorializantes (jornais, tv, radio). O ciberespaço também estabelece processos desterritorializantes, ao permitir o consumo multicultural. Conforme exemplifica Lemos: Um ativista chinês, por exemplo, pode obter informações e disseminá-las, tentando escapar ao controle policial e político do seu país, estabelecendo uma linha de fuga, uma desterritorialização da internet. O mesmo se pode dizer da coordenação informacional do PCC (primeiro comando da capital, organização criminosa) em recentes ataques a cidade e os Estado de São Paulo. Territorializados pelo poder judicial, dentro de uma prisão, os líderes do PCC conseguem com as tecnologias móveis, mobilizar e atingir diversos pontos não só da capital, mas também de outras cidades do Estado. Vêm-se aqui, processos desterritorializantes através das redes telemáticas, computadores e, principalmente, telefones celulares.

#### **4 – CIBERATIVISMO - ESTUDO DE CASO.**

A partir do estudo de caso do ativismo zapatista e do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, analisar-se-á qual o papel da internet como forma de disseminação e formação dos movimentos sociais na implementação de campanhas, divulgação de causas e mobilização da sociedade.

O Ativismo digital aumentou consideravelmente o poder de ação das mídias sociais. A recente revolta egípcia fomentada através do facebook e do twitter, que culminou com a queda do ditador Hosni Mubarak comprova a força do ciberativismo. Diante dessa perspectiva este estudo se propõe a analisar e comparar essas duas organizações paradigmáticas de combate ao capitalismo na sua face neoliberal: O MST Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra e o EZLN – Exército Zapatista da Libertação Nacional.

A escolha por essas organizações, se deve, primeiro, por se constituírem em associações de resistência, que buscam formas de ação contornando o poder estabelecido, e também por serem associações que se utilizam de estratégias para ocupação espacial.

O MST e o EZLN são organizações bem distintas. O MST é um movimento dos operários trabalhadores no campo, presentes em quase todo o Brasil, a luta pela terra, parte de latifúndios, é o seu principal objetivo. O EZLN é um exército de guerrilheiros, e a sua luta é por democracia, liberdade e justiça para o México. Diferenças a parte, ambas as organizações têm suas raízes revolucionárias no meio rural e nas pessoas que sofreram processo semelhante de exclusão social. Para alguns analistas, inclusive, a guerra informacional iniciada pelos zapatistas, como estratégia de guerrilha, pode ser considerada como um novo movimento político pós moderno.

A internet foi utilizada como ferramenta de luta pelos dois movimentos sociais em tela, conseguindo alcançar a sociedade, por meio da rede mundial de computadores. A linguagem utilizada pelos dois movimentos é distinta enquanto os zapatistas utilizam uma linguagem simples e transparente porém mais poética e metafórica resgatando a história da comunidade indígena de Chiapas o MST- Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra, optou por textos jornalísticos e acadêmicos utilizando a internet como ferramenta para criar novas conexões diminuindo as fronteiras e alcançando a sociedade, de forma a vincular sua luta a uma luta maior contra as formas de dominação social.

Na contramão desses dois movimentos sociais analisaremos também uma ONG, que continuamente aumenta sua popularidade entre os brasileiros. A Avaaz, cuja linha de atuação constitui na assinatura de petições online, com isso pretende se exemplificar uma outra forma de ativismo, que requer um mínimo de esforço, como um clique no mouse ou o envio de um SMS.

#### **4.1 – EZLN – Ejército Zapatista da Libertação Nacional.**

O EZLN - Ejército Zapatista de Libertação Nacional, surgiu na década de 50 em Chiapas, estado mais pobre do México, na Selva Lancadona.<sup>3</sup>

Nessa época, indígenas e sem terra migraram para a selva em busca de novas terras para ali estabelecerem uma agricultura de subsistência, pois haviam sido expulsos de suas terras para no lugar implantarem a pecuária extensiva. Esse período ficou conhecido como Contra Reforma.

Na década de 70, o Bispo Dom Samuel Ruiz, adepto da Teologia da Libertação, criou uma rede de catequistas na base da Selva Lancadona e, com a ajudado bispo, eles realizaram o primeiro Congresso Indígena Frei Bartolomeu de Las Casas, mais de 100 delegados indígenas, discutiram, durante quatro dias, sobre os problemas relacionados a má distribuição de terras, educação, comércio e saúde. (Ortiz, 1997)

No mesmo ano em que ocorreu o encontro, aconteceu um novo conflito com o governo federal. Um decreto do presidente mexicano, Luiz Echeverria, levou mais de vinte mil camponeses a se retirar de uma área de 600 mil hectares, da Selva Lancadona. A partir de então, a insatisfação contra o governo se generalizou, e grupos políticos urbanos de marxistas, inspirados na revolução cubana, começaram a chegar à selva. Entre eles, estava o FLN - Fuerzas de Liberación Nacional.<sup>4</sup> juntamente com os indígenas, formaram o braço armado.

---

<sup>3</sup> Selva Lancadona: situada numa região montanhosa na parte oriental do México, a selva ocupa a sexta parte de Chiapas, e é a maior parte da floresta tropical úmida do México. Nela, encontram-se reservas de Urânio e Petróleo.)

<sup>4</sup> A FLN era uma organização, que possuía células espalhadas por todo o México, cuja ideia era, mediante uma revolução tomar o poder e implantar um governo socialista.

De acordo com entrevista concedida a Pedro Ortiz, o subcomandante Marcos narra como se deu o início da associação entre índios e revolucionários socialistas:

*O EZLN tem duas raízes um grupo político-militar urbano e uma organização indígena. O grupo urbano era pequeno, de orientação marxista-leninista, formado por gente de classe media que viu todas as suas alternativas políticas se fecharem por causa do monopólio de décadas do PRI Partido Revolucionário Institucional no poder, com sua política de partido estado e controle ferrenho da vida nacional. Esse grupo era uma organização clandestina que procurava crescer com trabalho político, sabendo que um dia iria aderir a luta armada. Como precisava de um lugar para se preparar militarmente entrou em contato com indígenas de Chiapas que também haviam concluído que se esgotava a via pacífica. Da convergência de interesses surgiu o EZLN, em novembro de 1983. (Ortiz. 2006 ).*

O EZLN- Exercito Zapatista da Libertação Nacional permaneceu na selva, por cerca de 10 anos. Ao longo desse tempo, a humanidade assistiu à crise do socialismo e a queda do muro de Berlim trouxe consigo a mensagem da vitória do sistema capitalista, com isso, as bases urbanas da FLN-Fuerzas da Libertação Nacional se enfraqueceram. Apesar disso, o movimento zapatista não parava de crescer. O sentimento de frustração pela espera de uma reforma agrária que nunca aconteceu sobrepujou a constatação do fim do socialismo.

Em 1 de janeiro de 1994, enquanto muitos celebravam a chegada do ano novo em Chiapas, os guerrilheiros do EZLN (milhares de índios de diversas etnias, juntamente com mestiços) desceram as montanhas para ocuparem estrategicamente alguns pontos no sul do México, fronteira com a Guatemala.

*O uso do pasamontanas e dos paliacates se transformaram em símbolos da guerrilha zapatista e da rebeldia, e no momento em que foi usada, além de se configurarem como*

*estratégia de marketing possibilitou uma certa camuflagem, uma máscara (Castells 2000)*

A partir de então inicia-se um período de negociações com o governo via imprensa, que esclarecia que “o movimento não se restringia à região de Chiapas, mas se estendia a todos os nossos irmãos e irmãs indígenas, camponeses e grupos marginalizados da nação toda...” “(\*EZLN, 1995)

No momento, a classe média urbana, muito insatisfeita com a corrupção no sistema político mexicano se mostrou a favor do movimento. E foi através da comunicação via internet que uma grande rede internacional de solidariedade foi estabelecida. Alianças foram firmadas em todo o mundo, exercendo pressão sobre a decisão do governo salinas, que ao invés de reprimir a manifestação, aceitou negociar e atender a algumas reivindicações dos zapatistas.

De acordo com Figueiredo, nesse momento, comunidades inteiras aderiram ao EZLN - Exercito Zapatista da Libertação Nacional.

*Marcos afirma que o contato da guerrilha com as comunidades era apenas esporádico até 1988 (...) No final dos anos 80, os guerrilheiros chegam a ser mais de 100 combatentes profissionais vivendo nos acompanhamentos (...) Ainda chegaria a época em que a maioria das comunidades da Selva e dos Altos se converteria a Guerrilha, o que começou a mudar em 1989 (...) Para Marcos, além de ser um êxito do trabalho que realizavam, isso ocorreu por causa da fraude eleitoral contra o cardenismo, que cancelava a possibilidade de uma transição pacífica, a queda no preço do café, uma epidemias muito grandes que atingiram a Selva, e que eles suspeitavam ser a obra de bombardeios químicos realizado na Guatemala e trazidos pelo vento, o aumento da violência praticada pelas guardias blancas, a entrada de soldados na Selva, que ao passar dificuldade nas montanhas transmitiam a imagem de um exército fácil de se combater e, finalmente, o fim da reforma agrária com as mudanças implementadas por Salinas ao artigo 27 da*

Com a participação de líderes indígenas, o movimento tomou outra direção e trocou o discurso revolucionário de esquerda pela busca dos valores democráticos, que buscavam a autonomia das comunidades. Nesse movimento, as principais reivindicações eram eleições sem corrupção, direitos básicos e renúncia do presidente. Para tanto, o exército zapatista resolveu invadir 7 cidades: Ocosingo, Altamiro, Las Margaritas, Chanal, Huixtan e San Cristobal de Las Casas. Foram doze dias de combate contra o exército federal, quando o EZLN decidiu estabelecer um trégua para negociações. O então presidente Salinas de Gotari concedeu anistia aos rebeldes. Entretanto, somente dois anos após o embate, em 16 de fevereiro de 1996, é que o acordo de San Andreas acerca de Direitos e Cultura indígena foi assinado, mas, em setembro do mesmo ano, o EZLN suspendeu as negociações, alegando que o acordo nunca havia saído do papel. A partir de então, a busca do EZLN e pela aplicação, nas comunidades lideradas pelo EZLN, das medidas que foram assinaladas no acordo de San Andreas.

O Movimento zapatista se constituiu, então, como uma forma de governo autônomo sem qualquer tipo de ajuda do governo instituído. O movimento também mantém contato com grupos civis, organizando marchas e encontros. A partir de então, os efeitos do neoliberalismo não têm sido discutidos apenas nacionalmente, a internet passou a ser um meio relevante de mobilizar simpatizantes e outros movimentos sociais em diversas partes do mundo.

Uma das principais características do Movimento zapatista foi o fato de utilizarem a tecnologia como aliada na realização de um conflito comunicativo e mediático, conseguindo ultrapassar os limites geográficos, e a sua ação política passa a atingir o local, o nacional e o global. Nesse contexto, apesar do conflito militar estar centralizado em Chiapas, os zapatistas ultrapassaram fronteiras graças às novas tecnologias de Comunicação

## Internet como Espaço para Mobilização Social.

O movimento zapatista foi um dos primeiros a utilizar os recursos da internet, divulgando e buscando apoio à causa. Até a primeira aparição pública do EZLN - Exercito Zapatista da Libertação Nacional - em 1º de janeiro de 1994, a internet se limitava ao envio de emails, lista de discussões e sites FTP<sup>5</sup>. Até esse momento, a maioria das empresas de comunicação não possuía uma versão on line. O primeiro jornal on line, nos EUA, foi lançado sete meses após a insurreição do movimento indígena.



Figura 18: Um dos sites do EZLN – Exército Zapatista da Libertação Nacional

<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>

Muitos autores apontam o movimento zapatista como o primeiro movimento ciberativista e o subcomandante Marcos como o seu primeiro herói. Apesar disso, o site oficial do movimento ([www.ezln.org](http://www.ezln.org)) surgiu apenas no final de 1996. Antes disso, os zapatistas usavam a internet de forma indireta. Os comunicados eram, em geral, publicizados por meio do jornal mexicano La Jornada, A Revista Semanal Proceso, do

<sup>5</sup> O FTP (File Transfer Protocol) é um protocolo da Internet para transferência de arquivos. Assim como o HTTP é um protocolo utilizado para acessar sites de páginas da Web, o FTP é utilizado para acessar sites de transferência de arquivos.

jornal El Financero e do jornal local San Cristoban Tiempo. Comunicados também eram enviados a imprensa internacional. A partir de então, simpatizantes e ONGS passaram a divulgar voluntariamente os comunicados, cada qual em suas listas de discussão. A partir daí estava formado o embrião ciberativista do EZLN.

Desde o início, uma preocupação constante no movimento zapatista era estabelecer um bom canal de comunicação. De acordo com entrevista concedida a Yvon Le Bot, o subcomandante Marcos explicou a estratégia:

*Para nós a estratégia de Salinas de Gortari dentro do neoliberalismo era construir uma campanha de publicidade, apresentando, no exterior, um país estável, um bom produto que estava vendendo. Se nós conseguíssemos afetar essa campanha publicitária, iríamos conseguir duas coisas: Demonstrar o que realmente estava se passando, o que este projeto político, econômico significava para esse país, para os indígenas mas ademais, iríamos conseguir que o México olhasse a sua parte indígena e se desse conta de que estava esquecendo de uma parte dele. Era uma guerra contra o esquecimento. (...)` (Le Bot, 1995).*

A Empatia entre o EZLN e os movimentos sociais de esquerda que se estruturaram após o fim da bipolaridade socialismo/capitalismo, e outros, que foram surgindo foi fundamental para a formação de uma rede de apoio. Em abril de 1996, o EZLN organizou o Encontro Intergaláctico em Chiapas, com a participação de 5000 pessoas de 42 países diferentes. A delegação brasileira era composta por membros do PT - Partido dos Trabalhadores - da CUT- Central Única dos Trabalhadores - A Intersindical dos Eletricistas do Sul e do CIMI- Conselho Indigenista Missionário. Ao final do encontro, foi aprovada a segunda declaração pela humanidade e contra o liberalismo. Essa declaração afirmava a importância da criação de uma rede de comunicação entre os movimentos de resistência:

*Pela Humanidade declaramos (...) Que faremos uma rede de comunicação entre todas as nossas lutas e resistências. Uma rede intercontinental de resistência, de comunicação alternativa contra o neoliberalismo e pela humanidade. Essa rede buscará os canais para que a palavra caminhe pelos caminhos que resistem. Será o meio para que se comuniquem entre si as distintas resistências. Esta rede não é uma estrutura organizativa, não tem centro diretor nem decisório, nem comando central ou hierarquias. A rede somos todos os que falamos e escutamos (Ortiz, 2006).*

A partir do 2º Encontro Intergaláctico, o EZLN - Exercito Zapatista da Libertação Nacional - já possuía o seu site na internet. Em 2005, o subcomandante Marcos lançou a campanha batizada de 'La Outra Campanha', que consistia em diversas iniciativas para as quais o EZLN pedia a adesão de pessoas e organizações sociais que concordassem com as iniciativas propostas. O subcomandante Marcos foi o primeiro a subscrever a sua adesão, passando a ser chamado de delegado zero. Com isso, foi lançada a Sexta Internacional [www.zetztainternacional.org](http://www.zetztainternacional.org), reunindo adesões de todas as partes do mundo.

Scherer Warren explica essa forma de estratégia organizacional:

*Na sociedade das redes (para usar uma terminologia de Manuel Castells), o associativismo localizado (ONGs comunitárias e associações locais) ou setorizado (ONGs femininas, ecologistas, étnicas e outras) ou ainda os movimentos sociais de base locais (de moradores, sem teto, sem terra, etc.) percebem cada vez mais a necessidade de se articularem com outros grupos com a mesma identidade social ou política, a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera publica e obter conquistas para a cidadania. (Scherer-Warren, 2006)*

Apesar de ser o primeiro movimento a lançar mão do ativismo pela internet, em entrevista concedida a jornalista Laura Castellanos, para a Revista Gatopardo, nº86 dezembro de 2007 - Janeiro de 2008, o subcomandante Marcos informa que a então atual campanha não estava atingindo o resultados desejados. De acordo com ele, o

movimento ‘saiu de moda’, não conseguindo angariar apoios.

Hoje, além do site sexta internacional, o movimento zapatista mantém um site oficial: [www.ezln.org](http://www.ezln.org), pelo qual é possível encontrar as notícias sobre o movimento. Também possuem um perfil oficial no facebook.



Figura 19: Facebook Enlace Zapatista

Pode-se concluir que o EZLN - Exercito Zapatista da Libertação Nacional - desde os primórdios, preocupou-se em combinar o uso das redes eletrônicas em conjunto com a mídia impressa e a organização de encontros e trabalho voluntário ativista. Entretanto, de acordo com o próprio subcomandante Marcos, é possível concluir que falta ao departamento de comunicação do movimento um gerenciamento mais integrado com as novas possibilidades de comunicação.

## 4.2. O MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

No contexto de busca de espaço para as reivindicações sociais, no Brasil, destaca-se o maior movimento social latino-americano: o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.



Figura 20: Site do MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

<http://www.mst.org.br/>

A origem do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra se deu nas décadas de 80 e 90, o mundo passava por grandes transformações: o avanço das políticas neoliberais e da globalização da economia, trazendo o aumento do desemprego, o crescimento das novas tecnologias da informação e comunicação e seus desdobramentos no mercado de trabalho. Nesse contexto o processo de exclusão social se alastra atingindo as camadas populares e as camadas médias da população. A partir desse momento os sindicatos perdem a sua força, consequências das novas configurações do mercado do trabalho. No campo o panorama não é mais animador: o acirramento das lutas que iniciaram na década de 50 e 60, ganhavam novos formatos no cenário político brasileiro, como por exemplo O MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

A luta do MST- Movimento dos Trabalhadores sem Terra tem chamado a atenção de diversos segmentos, por suas características peculiares, dentre eles, podemos citar: a radicalidade do seu jeito de fazer as reivindicações, as múltiplas frentes de atuação que abarcam famílias inteiras, levando a outras reivindicações combinadas que envolvem: educação, saúde, cultura e direitos básicos humanos.



Figura 21: Twitter oficial do MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

Na busca pelo espaço social, o MST destaca-se no Brasil.. Em seu sítio na internet, o MST defende mais oito bandeiras além da reforma agrária: a saúde pública, o desenvolvimento, a diversidade étnica, o sistema político, a soberania nacional popular, a cultura, o combate à violência sexual e a luta pela democratização pela cultura. Na busca para se inserir na mídia, o MST criou um Setor de Comunicação, por meio do qual são organizadas as ações ligadas aos projetos que dão visibilidade ao movimento. Dentre os projetos do MST, o Jornal Sem Terra existe há 22 anos. Há, ainda, um programa de rádio: Vozes da Terra, que surgiu em 2000 em parceria com a Universidade Católica de Santos - UNISANTOS e é distribuído para mais de 500 rádios comunitárias. Além disso, o MST disponibiliza quinzenalmente um boletim eletrônico a milhares de pessoas pelo mundo.

*O fato de termos nossos canais possibilita uma maior credibilidade, uma vez que as notícias neles veiculadas estão sob a ótica das próprias forças progressistas, sem filtragem, censura ou deturpação dos fatos. Uma coisa é ler uma notícia sobre a política de privatizações em um meio de difusão controlado ou influenciado pelo governo, que tem todo o interesse em promovê-las. Outra é ler essa mesma notícia sob a ótica de quem se opõe a tal política. Uma homepage feita pelas*

*forças progressistas possibilita, e muito, a divulgação de seus pontos de vista. Os meios de comunicação massiva funcionam como uma espécie de filtro entre o que deve ser noticiado, destacado, deturpado ou ocultado. A Internet rompe com essa intermediação. Por isso, pode facilitar que os agentes das notícias sejam os agentes que fazem esse acontecimento chegar até o conhecimento da sociedade (Neuri Rosseto, coordenador do MST, em entrevista a MORAES, 2001).*

Se em outras mídias o MST – Movimento dos Trabalhadores sem Terra é criminalizado, pela internet, o movimento pode reagir em pé de igualdade.

*O fato de termos nossos canais possibilita uma maior credibilidade, uma vez que as notícias neles veiculadas estão sob a ótica das próprias forças progressistas, sem filtragem, censura ou deturpação dos fatos. Uma coisa é ler uma notícia sobre a política de privatizações em um meio de difusão controlado ou influenciado pelo governo, que tem todo o interesse em promovê-las. Outra é ler essa mesma notícia sob a ótica de que se opõe a tal política. Uma homepage feita pelas forças progressistas possibilita, e muito, a divulgação dos seus pontos de vista. Os meios de comunicação massiva funcionam como uma espécie de filtro entre o que deve ser noticiado, destacado, deturpado ou ocultado. A internet rompe com essa intermediação. Por isso, pode facilitar que os agentes das notícias sejam os agentes que fazem esse acontecimento chegar até o conhecimento da sociedade (Neuri Rosseto, Coordenador do MST, em entrevista a MORAES, 2001).*

O sitio do MST é direcionado ao público que deseja conhecer melhor o movimento e as ações que estão sendo desenvolvidas. Muito bem organizado, mantém as cores características do movimento: o vermelho contrastando com o branco. O menu fica na parte superior do site. Quanto a interatividade o site possibilita o envio de e-mails, recados no mural, ouvir músicas, sem a possibilidade de download, e adquirir os

produtos da loja virtual. Há também a possibilidade de acessar os boletins informativos o Jornal Sem Terra e uma videoteca virtual. Além do site em português o MST mantém versões aproximadas em outros idiomas, e em cada um dos nove idiomas disponíveis, apresenta um conteúdo distinto.

O MST foi formado a partir da união de vários grupos que reivindicavam a reforma agrária, no início dos anos 80. E em 1984 foi dado o primeiro passo para a consolidação do movimento, quando na cidade de Cascavel, estado do Paraná, cerca de 80 pessoas de 13 estados diferentes se reuniram para definir as propostas políticas e linhas de ação do movimento. Em 1985 aconteceu o primeiro congresso nacional do MST, onde a tônica foi a seguinte palavra de ordem: Ocupação e a única solução! (MST, 2001)

De acordo com os dados do MST, o movimento está representado em 24 estados da federação. O discurso em favor da reforma agrária, no entanto, não é novo e, entre as décadas de 50 e 60, foi tema central na política brasileira, contudo não passou de mero discurso, na prática o modelo de agricultura mecanizada expulsou milhares de trabalhadores rurais para as grandes cidades.

Na década de 70, a luta pela terra, somou-se à luta operária e à luta pela democracia nos centros urbanos. Entretanto um fato marcou o retorno do tema da reforma agrária na agenda política brasileira: O massacre de Eldorado do Carajás, que aconteceu em 17 de abril de 1996. Outra ação do MST, que aumentou a preocupação do poder público brasileiro, foi a Marcha a Brasília, movimento que durou 3 meses: de fevereiro a abril de 1997. A partir de então, o movimento foi ganhando espaço na mídia e repercussão nacional.

É interessante observar que o MST não se apresenta na internet para os trabalhadores rurais, mas para o mundo, principalmente com a intenção de obter adeptos que apoiem a causa. No site, o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, se apresenta como o movimento que, ao realizar a reforma agrária, possibilitaria uma melhor distribuição de renda, solucionando problemas econômicos e sociais existentes no país.

O movimento encontra respaldo para as suas ações em instâncias como a igreja católica por intermédio da comissão pastoral da terra, da constituição federal e de alguns juristas. São destaques no MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, a importância dada a educação e a participação feminina na base do movimento.

#### 4.3. MST e EZLN – objetivos e semelhanças.

*Nossa luta é por terra, e o mau governo oferece cemitérios*

Quarta Declaração da Selva – EZLN.

*Che, Zumbi, Antônio Conselheiro, na luta pela terra somos todos brasileiros*

Palavra de ordem do MST.

Os novos movimentos sociais estão de alguma forma mais próximos da tradição libertária, criando ou recriando formas originais de ação. É comum encontrar referências, na literatura especializada, ao MST e ao EZLN como paradigmas de novos movimentos sociais. Os dois movimentos, num momento em que a exclusão social se apresenta como um dos fatores dominantes da política neoliberal, rebeliões dos excluídos são cuidadosamente planejadas.

Para entendermos os discursos desses movimentos, é necessária a compreensão de um conceito chave: a exclusão social. Perdidas a terra e o trabalho, esses atores sociais são condenados à perda da identidade.

Dessa forma, o MST e o movimento zapatista apresentam duas faces: a luta contra a política excludente da modernização econômica, ou seja, ambos entendem que a luta a ser travada vai além da busca pela terra, mas, sim, por uma nova forma societária. Assim os dois movimentos se manifestam como uma cultura de resistência.

Podemos assim apontar alguns pontos convergentes, como a construção de um modelo que supere o neoliberalismo, a utopia na construção de redes solidárias. Ambos os movimentos não apresentam pretensões de chegar ao poder ou de se tornar um partido político, mas, sim, propõem a mobilização das massas como forma de exercer pressão sobre o poder político estabelecido.

Tanto o MST como o EZLN utilizam estratégias de comunicação de forma a obter visibilidade e apoio junto à opinião pública: o caráter espetacular nas primeiras formas de reivindicação dos movimentos; a ocupação do EZLN em 1994 e a marcha para Brasília do MST em 1997. É interessante ressaltar que o EZLN conseguiu maior inserção internacional, se comparado ao MST, pois o movimento zapatista se propôs a investir mais na internet.

De todas as formas, o MST assim como o EZLN foram bem sucedidos na

intenção de colocar as reivindicações do movimento na agenda governamental dos seus respectivos países.

Os meios de comunicação oferecem novas possibilidades de ação para os movimentos que competem e interagem de forma a tornar as suas demandas assuntos de interesse público.

Se considerarmos as motivações básicas dos dois movimentos, pode-se deparar com experiências semelhantes: exclusão social, luta pela terra e o combate à miséria. Na primeira declaração da Selva Lancadona, em janeiro de 1994, o EZLN enumerou onze demandas básicas: trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Já pela parte do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, encontram-se diversos documentos que divulgam seus princípios básicos. Em um desses documentos, intitulado: “Nossos compromissos com a Terra e com a Vida”, lê-se no oitavo e nono parágrafo:

*8. praticar a solidariedade e revoltar-se contra qualquer injustiça, agressão e exploração praticada contra a pessoa, a comunidade e a natureza.*

*9. Lutar contra o latifúndio para que todos possam ter terra, pão, estudo e liberdade*

Às semelhanças não terminam aí. O inimigo é o mesmo: o neoliberalismo com suas diversas faces: latifundiários, elite, governo corrupto. Mas, sem dúvida, o elemento de identificação principal entre os dois movimentos é a luta pela terra.

Neste aspecto, tanto no México, quanto no Brasil, o processo de desintegração campesina transformou o espaço em mercadoria e trouxe consigo a fragmentação da identidade. Para o indígena ou mestiço no México ou para o camponês brasileiro, terra é sinônimo de tradição cultura e vida, se a análise desses movimentos for realizada unicamente por um viés econômico, mostrará uma perspectiva empobrecida. O movimento zapatista apresenta uma ligação muito forte com as tradições mitológicas maias. Também, no Brasil, é possível verificar uma ligação muito visceral com a terra.

Outro elemento de identificação entre os dois movimentos é o apreço a história e a memória coletiva, personagens e fatos históricos são sempre lembrados:

*Somos produtos de 500 anos de luta: primeiro contra a escravidão, na guerra de Independência contra a Espanha encabeçada pelos insurgentes; depois para evitar sermos absorvidos pelo expansionismo norte-americano; em seguida para promulgar nossa Constituição e expulsar o Império Francês de nosso solo; depois, a ditadura porfirista nos negou a aplicação justa das leis de reforma e o povo se rebelou criando seus próprios líderes; assim surgiram Villa e Zapata, homens pobres como nós. Declaração da Selva Lacandona, janeiro de 1994.*

Já nas publicações do MST, encontramos textos semelhantes:

*É uma questão de verdade histórica. A luta pela terra existe neste país desde que os portugueses aqui chegaram em 1500. Como não reconhecer a herança que nos legaram os mártires de 500 anos de lutas? Não inventamos nada. A burguesia de hoje também não foi inventada, é resultado de 500 anos de exploração do povo brasileiro. Os que vieram antes cometeram erros e acertos. Procuramos aprender com eles, para não cometer os mesmos erros e repetir os acertos. (Stédile, 1999)*

Essa preocupação histórica no MST se estende inclusive ao nome dos assentamentos, ruas e escolas do movimento: Assentamento Antônio Conselheiro, Che Guevara, Carlos Lamarca, Acampamento Nova Canudos, Escola Antônio Conselheiro, são nomes utilizados para manter viva a memória e o sentimento de ruptura com um sistema injusto.

Se forem observados os dois movimentos, encontrarse-á um momento em que a situação econômica e material se tornou insustentável e intolerável e que levou os indivíduos a saírem da condição de vítimas para, com energia e paixão, buscar mudar a realidade.

Na primeira Declaração da Selva Lancadona, a mensagem central é o “Hoje dizemos basta!”. Um basta à exclusão dada pelos

*los hombres pobres a los que se nos há negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañon y saquear las riquezas de nuestra pátria, sin importarles que no tengamos nada, absolutamente nada: ni um techo digno, ni tierra de trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación; sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades.*

Esse sentimento de revolta e indignação ocorre no MST no período de preparação das ocupações e com o Movimento Zapatista o recrudescimento do sentimento se dá no momento do recrutamento dos guerrilheiros.. Ao se rebelarem contra a opressão, por vezes, a própria vida será colocada em risco.

Alguns autores acreditam que, nos escritos do subcomandante Marcos, seja possível encontrar traços dos textos de Albert Camus: O revoltado é sobretudo alguém que diz não, que nega. Alguém que diz: ‘Assim também já é demais’ ou ‘ a partir de agora já basta!’

Nota-se que, nos dois movimentos sociais, não há um objetivo definido, mas, sim, uma proposta: a criação de uma sociedade que seja fundamentada em ideais de dignidade, ou de acordo com o lema dos zapatistas: na democracia, liberdade e justiça. Zapatistas e Sem Terra se concentram na dimensão moral e ética da luta. Um outro aspecto percebido nos dois movimentos é a influência religiosa da Teologia da Libertação, De acordo com Leonardo Boff em *Le Monde Diplomatique*, 2007:

*A Teologia da Libertação é, por um lado, uma teologia polêmica, mal compreendida, difamada e condenada e, por outro, uma teologia saudada como a primeira produção teórica nascida na periferia do cristianismo, que apresenta um novo modo de fazer teologia, a partir dos pobres e contra a sua pobreza, profética e com um apelo à consciência ética da*

*humanidade, por colocar no centro de sua preocupação a sorte das grandes maiorias condenadas à miséria e à exclusão por causa das minorias nacionais e internacionais insensíveis, cruéis e sem piedade. Por isso, membros da Teologia da Libertação, desde os anos 70, desapareceram ou foram perseguidos, presos, torturados e assassinados: bispos, padres, teólogos, religiosos e religiosas, leigos, jovens, homens e mulheres. A causa conquistou, em razão de sua dignidade, admiração e respeito de espíritos generosos do mundo inteiro. Nascida no final dos anos 60 do século passado, ela continua viva e atuante, especialmente na América Latina, na Ásia, na África e em vários centros da Europa e dos Estados Unidos.*

No início do MST o trabalho pastoral desenvolvido pela igreja católica, foi fundamental para a estruturação do movimento. Em 1975, surgiu, em Goiânia, a CPT- Comissão Pastoral da Terra - , vinculada à CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. As referências doutrinárias da Comissão Pastoral da Terra se pautaram na Teologia da Libertação, que consiste nos ensinamentos contidos no Concílio Vaticano II, acrescido das metodologias analíticas da realidade elaborados pelo marxismo. Foram expoentes dessa corrente os brasileiros: Leonardo Boff, Clodovis Boff e Hugo Asmann. A Comissão Pastoral da Terra passou a aplicar, na prática, a doutrina da Teologia da Libertação, conscientizando os camponeses, e suscitou a organização do MST Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

No caso do Movimento Zapatista, grupos religiosos católicos ligados à ordem dos dominicanos, ordem que desenvolveu um trabalho de catequização, formaram diversas lideranças comunitárias.

De acordo com o Bispo Samuel Ruiz: ‘Certamente nós temos a ver com esta rebelião, porque, na raiz da reflexão cristã, instamos aos índios a recuperar a sua dignidade e dar-se conta de que para eles não há somente deveres, senão também direitos’ (Diaz, 1995)

A religião, em particular, o catolicismo, desempenhou um papel relevante no desenvolvimento dos movimentos sociais dos camponeses latino-americanos, apesar de,

algumas vezes, contraditoriamente, exercer um papel de controle social, revelando uma ambiguidade: ora perpetuando ideologias aliadas a estrutura social vigente, ora incitando a mobilização e a ação política.

Se forem analisados os dois movimentos, sob a perspectiva mística que os orienta, no sentido de designar as convicções, comportamentos e atitudes que os norteiam, dir-se-á que ambos são amparados por uma mística rebelde:

*Hoje em dia, para infelicidade dos religiosos, o termo ‘mística’ tem servido para determinar realidades mais prosaicas. Assim, cotidianamente vemos expressões como “mística do futebol”, “mística do partido”, “mística do progresso”, “mística do carnaval”. A utilização moderna do termo para designar convicções e comportamentos ou atitudes, desprovidos de transcendência e circunscritos na realidade cotidiana (inclusive na política), é denunciada, por religiosos, como uma das maiores perversões espirituais que nossa civilização engendrou.*

*Entre algum lugar entre as duas conotações, a clássica e a moderna, acho que repousa algo que podemos chamar de mística rebelde. A problemática definição de uma mística rebelde supõe uma busca da energia da qual ela é constituída. A mística procede de postulados que nossa alma faz para nós e sobre os quais não podemos evitar de pensar e que guiam toda uma existência, uma ética e princípios, um pensamento e ações. A vontade de descrever uma mística de esquerda supõe um desejo de captar energias, ler e ver as forças em ação e acompanhar sua dinâmica, postura e atitude. Em sua obra, Michelet fala do “gênio colérico da revolução”. Talvez seja essa uma das energias animadoras da mística rebelde, pois existe, jacente dentro de dessa tradição que, com algumas ressalvas poderíamos chamar de esquerda histórica, uma irrefragável cólera, uma revolta indivisível, inteira e impossível*

*de se partir. O que a alma, faz seu movimento e justifica suas manifestações é esta cólera destinada a todos que se consolam com a fatalidade das misérias, das explorações e das servidões que são suscetíveis de serem, senão suprimidas, pelo menos atacadas. (Vargas, Sebastião L. Ferreira, 2003)*

No caso do MST, a “mística” assume um caráter ritual. Nas palavras de Bernardo Mançano, concordando com Stédile, *de certa forma (a mística), é o seu alimento ideológico de esperança, ideologia e solidariedade, é o cimento da ação coletiva e um modo de obtenção de identidade e unidade.*

Já no caso dos Zapatistas, a mística está presente na forte religiosidade dos indígenas, no papel do xamanismo e da brujeria, no cotidiano das comunidades da região de Chiapas. Até mesmo o local escolhido como abrigo pelos Zapatistas, conhecido pelo nome de ‘La Pesadilla’, local, de acordo com o subcomandante Marcos, carregado e augoreto para os indígenas, onde só viviam os animais selvagens, mortos e guerrilheiros. O que assegurou uma aura de respeito e mistério aos Zapatistas.

A mística zapatista está presente também na cronologia dos eventos, em conformidade com o Calendário Maia, na crença da história, como ciclos que se repetem de acordo com unidades temporárias básicas: o katune, que corresponde a um período de 20 anos, a crença de que a cada 13 katunes a história se repetiria com a mesma força e, simbolicamente, parecido com o ciclo anterior. Dessa forma, em 1712, houve a guerra de castas em Chiapas, envolvendo mais de 30 comunidades: Tzeltales, Tzotziles e Choles, nesse momento, essas comunidades se rebelaram contra a opressão colonial, que culminou com um massacre das comunidades rebeldes, iniciando um grande “ciclo de noite”, que só terminou depois de 13 katunes, ou seja, 260 anos depois, entre 12 e 15 de outubro de 1974, quando ocorreu o I Congresso Indígena Frei Bartolomeu de Las Casas organizado pelo Bispo Dom Samuel Ruiz, quando cerca de 327 comunidades indígenas reivindicaram a propriedade da terra, educação e saúde em suas comunidades.

*Naquele ano de 1974 acontecimentos opostos e complementares eram celebrados: um sol e outro lua, um águia e outro jaguar, um fogo e outro água, um aberto e outro oculto. Um deles era a celebração do terceiro dia do calendário tzental, dedicado a Votán, o coração por excelência: o coração do povo, o coração do monte, o coração das gentes, o que bate no fundo das montanhas, o primeiro homem que Deus enviou para repartir a terra entre os índios, o que os defendeu da longa noite colonial que ainda não terminara. Naquele emblemático 12 de outubro de 1974, começava a moldar-se nos corações e mentes dos camponeses indígenas chiapanecos o mito Votán-Zapata (Marcos costuma comparar Votán com a divindade afro-brasileira Ogum). Era o início de um novo ciclo, o katún que anunciava o fim da noite secular. Além de importante evento político que impulsionou a organização das comunidades indígenas e camponesas, o congresso desatou as forças ocultas da realidade chiapaneca. Vinte anos, ou um katune, depois o Exército Zapatista de Libertação Nacional desce as montanhas para fazer sua primeira aparição pública ocupando várias cidades em Chiapas. Esses homens que tinham nascido, vivido e que morreriam na noite, prometiam luz e manhã para todos, nada para eles. (Vargas, Sebastião L. Ferreira, 2003)*

A mística dos dois movimentos sociais, acreditando na mudança social, apresenta-se como um contraponto para a sociedade moderna, profundamente niilista, resignada e impotente ante a história, em que o medo de tudo e de todos se alastra, Zapatistas mexicanos e Sem Terra brasileiros mantêm acesa uma chama de esperança: a utopia de que a contestação social fundamente uma renovação social. Segue um trecho do projeto do projeto utópico do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena Comandância Geral (CCRI – CG) do EZLN, 1 de março de 1994:

*Em nossos sonhos temos contemplado um outro mundo. Um mundo verdadeiro, um mundo definitivamente mais justo*

*daquele no qual vivemos agora. Vimos que neste mundo os exércitos não eram mais necessários, que a paz, a justiça e a liberdade eram tão comuns que já não se falavam delas como coisas distantes; do mesmo modo, as coisas boas deste mundo eram mencionadas como quem fala do pão, dos pássaros, do ar, da água, como quem diz livro e voz. Neste mundo, o governo da maioria era razão e vontade; os que mandavam eram pessoas de bons pensamentos; mandavam obedecendo. Este mundo verdadeiro não era um sonho do passado, não era algo que vinha de nossos antepassados. Vinha do futuro, pertencia ao passo seguinte que dávamos. Foi assim que começamos a caminhar para fazer com que este sonho se sentasse à nossa mesa, iluminasse a nossa casa, crescesse em nossas plantações, enchesse o coração de nossos filhos, limpasse nosso suor, sanasse nossa história e se tornasse realidade para todos. É isso que queremos. Nada mais, mas também nada menos.*

### 4.3 – Estudo de Caso: AVAAZ.

O ciberativismo ou ativismo digital no Brasil desponta com um potencial enorme de atuação. Se considerarmos o censo de 2010, cerca de 81 milhões de brasileiros acessam a internet e dentre eles 51 milhões se utilizam das diversas mídias sociais (twitter, facebook e Orkut). Se somarmos a isso a importância da internet nas eleições presidenciais em 2010, é possível prever a importância que alcançará o ciberativismo na política nacional nos próximos anos. Neste panorama há uma modalidade de ativismo muito passivo, que consiste no envio de sms ou cliques de apoio a causas diversas.

Escolhemos a Avaaz para analisar essa forma de ativismo, para exemplificar a forma de atuação da Associação. Também foi verificado através a análise dos índices de mecanismos de busca como o Page rank do Google e do medidor alexa do Amazon, como forma de se avaliar a interoperabilidade do site com outros dispositivos 2.0 .

A Avaaz que, de acordo com a descrição no site, em línguas de países da Ásia, Oriente Médio e Europa, significa ‘voz’ ou ‘canção’, é um site de ciberativismo, criado, em janeiro de 2007, pela junção da Res Publica<sup>6</sup>, um grupo de advocacia da sociedade civil em conjunto com a Associação Move on.org, um grupo estadunidense de ativismo on line. O tipo de ativismo promovido pela Avaaz atrai a atenção das pessoas ao sugerir que com apenas um clique você estará fazendo ‘a sua parte’.

O site está dividido em 14 idiomas, na versão em português, na aba ‘Quem Somos’ no site <http://www.avaaz.org/po/about.php>, a Avaaz descreve sua forma de ação, primando pelo uso da tecnologia no desenvolvimento das campanhas:

*A equipe da Avaaz escreve alertas de e-mail à comunidade de membros da mesma forma que um assessor de presidente ou de primeiro-ministro prepara breves relatórios informativos para o chefe: temos pouco tempo para transmitir as informações vitais de que o leitor precisa para decidir se deseja envolver-se na*

---

<sup>6</sup> <http://therespublica.org/> (acesso em 31/07/2011)  
<http://front.moveon.org/> (acesso em 31/07/2011)

*campanha, e essa decisão é de crucial importância para a campanha.*

*Antigamente, os grupos de cidadãos e movimentos sociais que atuavam em nível internacional tinham de reunir uma base de apoiadores em cada causa, ano a ano e de país a país, a fim de alcançar uma escala suficiente para fazer a diferença.*

*Hoje, graças à tecnologia e à ética cada vez maior de interdependência global, essas restrições não se aplicam mais. Enquanto outros grupos da sociedade civil mundial são formados por redes com nichos de causas específicas e escritórios nacionais, cada um com sua própria equipe, orçamento e estrutura de tomada de decisão, a AVAAZ tem uma única equipe de atuação mundial, com a missão de trabalhar com qualquer questão de interesse público. Isso permite a organização de campanhas com uma agilidade, flexibilidade, foco e escala extraordinários.*

*A comunidade virtual da Avaaz atua como um megafone para chamar atenção para novas questões; como um catalisador para canalizar as preocupações públicas dispersas em uma única campanha específica e concentrada; como um carro de bombeiros que corre para oferecer uma rápida reação a uma emergência súbita e urgente; ou como uma célula-tronco de ativismo que cresce na forma mais adequada para preencher alguma necessidade urgente.*

*(<http://www.avaaz.org/po/about.php> acesso em 25 de julho de 2011)*

A Administração do site fica, de acordo com informações disponibilizadas, a cargo de uma equipe pequena, distribuída em diversos países. Essa equipe realiza pesquisas sobre possíveis campanhas, prepara os alertas e as ações e repassa as

informações sobre as formas de participação nas campanhas. A divulgação e a adesão é rápida e ampla. O objetivo proposto pela Avaaz é mudar a ordem social estabelecida, bem como garantir que não somente a voz das elites sejam ouvidas, mas abrir espaço para a população internacional para as grandes decisões mundiais. Os temas escolhidos pelo Avaaz, em geral, são aqueles que extrapolam o âmbito dos estados nacionais, justamente quando a questão parece não ser possível de ser resolvida localmente.

De acordo com a Avaaz, para se contrapor a decisões que se opõem aos interesses da comunidade a associação busca recursos alternativos, utilizando para isso a tecnologia para permitir que pessoas de todos os continentes entrem em contato com autoridades mundiais e corporações.

As campanhas são desenvolvidas por meio de assinaturas e petições. A Associação também usa outros suportes além da internet, como: redes de TV, jornais e outdoors, protestos presenciais também podem ser planejados para acontecerem no momento da entrega das assinaturas e petições.

Cada campanha possui um cronograma e metas de assinaturas a serem alcançadas. Os apelos são lançados em 14 idiomas diferentes (inglês, francês, espanhol, português, alemão, italiano, árabe, holandês, japonês, hebraico, russo, coreano, chinês e turco), e cada idioma possui uma página própria utilizando o mesmo padrão e design.

Quando a Avaaz desenvolve uma ação em um determinado país, a associação contacta especialistas no tema, há um trabalho de produção material e tradução, bem como o planejamento estratégico para atingir os objetivos propostos. Contatos com pessoas do governo e instituições são constantes. Em 2005, um dos parceiros contatados pela equipe foi o empresário mediático Al Gore. Essa parceria com Al Gore possibilitou a organização de 2.500 eventos chamados de 'Live Earth'. Nesse evento, 139 países se mobilizaram para a conscientização sobre a importância de ações contra o aquecimento global.

As campanhas da Avaaz compreendem o envio de convocações para mobilizações, em que os associados assinam um manifesto digitalizado. O associado pode escolher, então, se repassa ou não a campanha para os seus contatos de e-mail, facebook, twitter ou Orkut. Dessa forma, rapidamente, a campanha vai se disseminando em pouco tempo e com poucos recursos financeiros. Cabe ressaltar que as informações apresentadas sobre cada campanha, apresentam um apelo emocional maior do que um conteúdo informativo, dessa forma as pessoas podem ser influenciadas a assinarem uma petição sem estarem minimamente informadas sobre a campanha.

Além da mobilização mediante assinaturas de campanhas, as pessoas são estimuladas, algumas vezes a escreverem mensagens aos líderes políticos ou mesmo realizarem telefonemas, dessa forma o congestionamento das linhas divulgadas já configura uma forma de exercer pressão. Flashmobs também podem ser combinados, principalmente no momento de entregar as caixas com as petições.



Figura 22: Campanha da Avaaz

<http://www.avaaz.org/po/highlights--corruption.php>

No site da Avaaz, há a informação sobre o número de membros, ações assinadas e países com membros. Lembrando que basta assinar uma petição para ser considerado “membro” da associação. Na data de acesso, haviam sido realizados 633.500 ações (que consistem nos cliques para assinar as ações), desde janeiro de 2007 (<http://www.avaaz.org/po/about.php> acesso em 31/07/2011):

#### AVAAZ OS NÚMEROS

- **9,816,236**  
Membros ao redor do mundo
- **633,500**  
ações desde janeiro de 2007

- 
- **193**  
países com membros da Avaaz

Figura 23: Avaaz - Estatísticas

## **Organização do site AVAAZ.**

Quanto à organização do site, a Associação se divide nas seguintes seções:

‘INÍCIO’: no qual se visualizam todas as campanhas que estão acontecendo no momento, geralmente em conjunto de imagens impactantes e com forte apelo emocional que desencadeia o desejo de contribuir; QUEM SOMOS’: em que se encontra um resumo do movimento; “DESTAQUES’: local onde encontramos resumos informativos das campanhas realizadas, com um registro audiovisual; ‘MÍDIA E IMPRENSA’: local em que estão o registro e a repercussão das campanhas, através de links e ‘ENVIAR’: local onde o usuário pode se cadastrar para contribuir financeiramente;

‘Dois ícones são recorrentes na barra lateral direita de todas as páginas: para colaboração financeira e outro para: avise os seus amigos. Também, há um link específico para quem trabalha com a imprensa, com uma série de perguntas e respostas:

De acordo com a Avaaz, desde 2007, membros da Avaaz geraram:

- Mais de 25 milhões de ações online e offline; incluindo o envio de emails para líderes políticos, fazendo telefonemas, participando de marchas e assinando petições
- Levantaram mais de \$15 milhões online, incluindo milhões em financiamento para apoio high tech na Birmânia, Zimbábue, Tibete, Irã, Haiti e muito mais
- Organizaram mais de 10.000 atos, marchas, flashmobs, vigília e outros eventos públicos sobre assuntos como mudanças climáticas e paz.

De acordo com a instituição anualmente, há uma auditoria independente e os valores que foram arrecadados durante o ano ficam visíveis no site.

Na página acessar publicação, constantemente, são atualizados os dados com os nomes das pessoas que assinaram as ações e de que país essas pessoas são. Assim que a pessoa assina o formulário, automaticamente, é gerado um link para que ela divulgue a ação entre os seus contatos de e-mail ou redes sociais. O Bom desempenho da Avaaz, muito provavelmente, ocorra pela facilidade de interconexão e possibilidade de compartilhamento da ação.

## Avaliação do site AVAAZ pelo Page Ranke.

Avaliando-se o page ranke do site Avaaz por meio de índices, como o Alexa do Amazon, descobrimos que o a Associação está no ranking 4 de sites mais acessados; Por esse rank, o facebook está em primeiro lugar. O Page ranke é o site que avalia a relevância de um site. A ferramenta considera a quantidade de links presentes em outros sites que direcionam para o site em questão, calculando a relação semântica entre as páginas. Dessa forma, se o site for relacionado a economia, e o site é relacionado à sustentabilidade, por exemplo, o page rank não é aumentado, mas, pelo contrário, se for uma referência forte no tema pesquisado, isso irá valorizar a pontuação do mesmo.

<http://www.google.com/insights/search/#q=avaaz.org&cmpt=q> (acesso em 31 de julho de 2011).

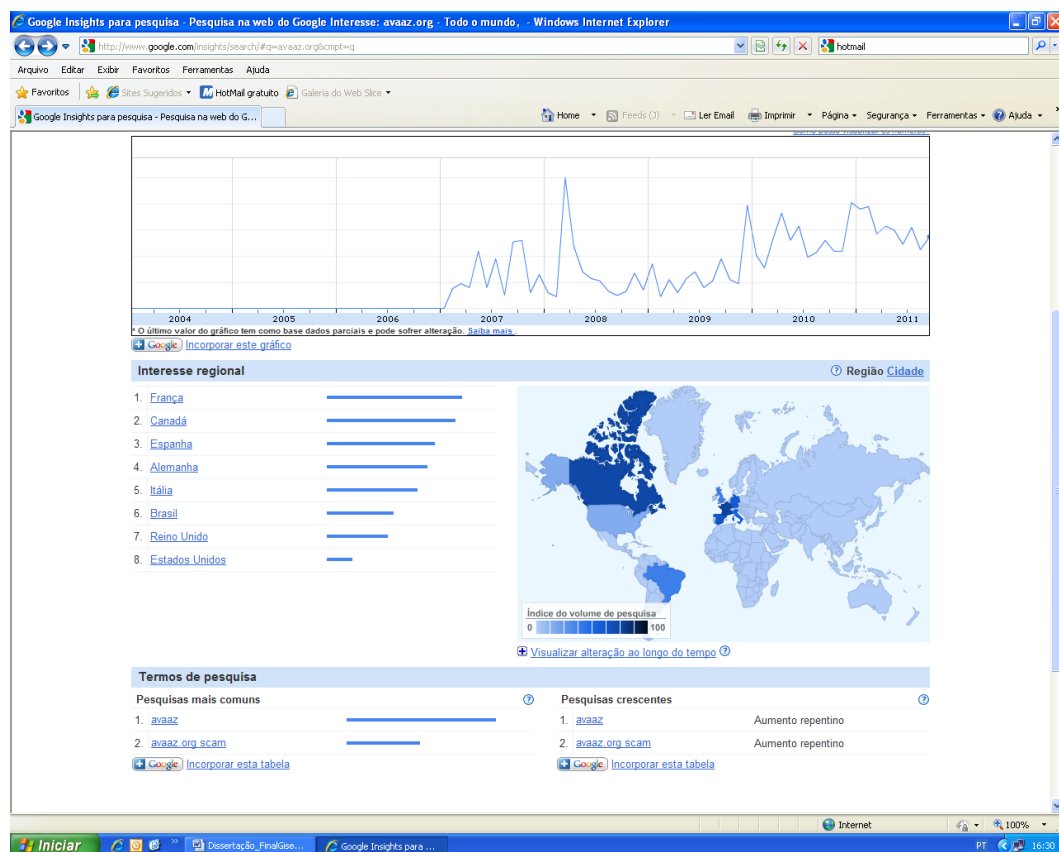


Figura 24: acessos ao site Avaaz pelo índice Google insights, no período de 2006 à 2011

Já pelo índice Alexa, outra ferramenta que mede a trafecabilidade na internet, desenvolvida pela Amazon, que qualifica o site quanto à visitação. Ressaltando que os dados são obtidos por amostragem e aproximação (ou seja, são números aproximados): <http://www.alexa.com/siteinfo/avaaz.org#>

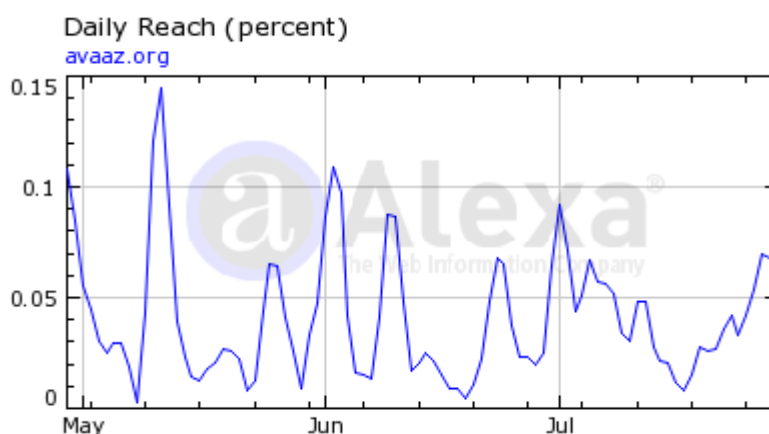


Figura 25: Índice percentual de visitas ao site Avaaz, pesquisa realizada em 31 de julho de 2011

#### Statistics Summary for **avaaz.org**

Avaaz.org's three-month global Alexa traffic rank is 4,697. It is located in the US. Visitors to the site spend roughly 68 seconds on each pageview and a total of two minutes on the site during each visit. Roughly 48% of visits to Avaaz.org are bounces (one page view only). Compared with internet averages, the site's audience tends to be Caucasian; it also appeals more to childless women over the age of 35 who have postgraduate educations and browse from home.<sup>7</sup>

7

Conforme a Alexa traffic rank o tráfego da Avaaz.org é de 4,697 em três meses. Está alocada nos EUA. Visitantes do site gastam cerca de 68 segundos em cada visualização e um total de dois minutos em cada visita. Cerca de 48% das visitas ao Avaaz.org são saltadas (uma visualização apenas). Comparado aos padrões normais da internet, o público do site tende a ser Caucasianos, também atrai mais mulheres sem filhos acima dos 35 anos que possuem pós-graduação e acessam de casa.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Por meio da organização de movimentos sociais, ao longo da história, a humanidade desenvolveu estratégias de sobrevivência. Com o estabelecimento de novos paradigmas norteadores das relações humanas, ajustados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, houve uma ampliação no alcance dos movimentos sociais.

Acredita-se que as definições e classificações apresentadas nesta dissertação possam colaborar como referenciais para planejamentos ou acompanhamento de intervenções diversas, relacionadas às comunidades, ante as novas tecnologias da informação e da comunicação, e aos processos de aceleração neoliberal. Dessa forma, os conceitos de movimentos sociais aqui apresentados se apresentam como mecanismos analíticos na compreensão da realidade, considerando-se os diversos tipos de movimentos sociais que surgiram, garantindo a possibilidade de ampliação local, glocal e global das reivindicações de um grupo. A chave para que comunidades socialmente vulneráveis serem fortalecidas, em tempos neoliberais, parece se concentrar na capacidade de agregarem as novas tecnologias de informação e comunicação às suas ferramentas de divulgação às suas reivindicações. Ao constatarmos que os ambientes virtuais proporcionados pelas tecnologias da informação e comunicação esteja, a cada dia, mais perceptíveis como um universo real, ficam expressas as possibilidades de reconhecimento dos ambientes digitais como território. Assim, os movimentos sociais que não conseguirem estabelecer sua identidade no universo virtual podem ser banidos da realidade social humana, implicando, além da exclusão social, também um ciclo crescente de redução de possibilidades e alternativas.

A exclusão social não é um fenômeno novo, mas a incapacidade de se acompanhar a aceleração dos fluxos causados pelas tecnologias da informação e da comunicação, deixaria a margem entre incluídos e excluídos um tanto maior e mais difícil de ser transposta. No sentido inverso, os novos movimentos sociais que conseguiram se apropriar dessas tecnologias não se limitando ao território físico, mantendo a conexão com membros distantes, criando novos territórios, ampliando o seu alcance.

A despeito de alguns pensadores pensarem o ciberespaço como um não lugar,

considerando-se a possibilidade do mesmo promover o isolamento e a impessoalidade dos seus usuários, é importante ressaltar que ele se apresenta apenas como uma ferramenta e, como tal, pode ser utilizado visando ao encontro entre as comunidades, à troca e à comunicação.

A maneira como se dá o contato com as novas tecnologias da informação e da comunicação irá interferir na relação que se estabelece nas comunidades e o estabelecimento da democracia, para tanto, é necessário que os membros de uma sociedade ou comunidade sejam capazes de participar de forma criativa, crítica e consciente de um fórum de decisões. Assim a falta de acesso pode ser um grande problema, visto que as tecnologias da informação e comunicação alteraram a sociedade em diversas instâncias de forma direta ou indireta.

Entretanto a tecnologia pode acelerar os processos democráticos à medida que a informação circula com maior rapidez e a opinião popular é disseminada rapidamente, de forma rápida e abrangente.

Em uma sociedade democrática, reconhecer as desigualdades é determinante para reduzir as diferenças, garantindo aos indivíduos a possibilidade de criar e lutar pelos seus direitos em diferentes vertentes, nessa ótica o debate e a consciência popular são necessários para quebrar possíveis manipulações da opinião pública.

Se for levada em conta a utilização do mundo virtual no cotidiano, pode-se afirmar que o uso das tecnologias da informação e da comunicação já são parte da infraestrutura básica necessária, assim é possível considerar o acesso a tecnologia e ao uso crítico e consciente do ciberespaço como um direito social. É certo que a inclusão digital, por si só, não garante a conquista de direitos, mas a exclusão digital acarreta a exclusão social.

A inclusão digital deve estar acompanhada de uma apropriação crítica das tecnologias da comunicação e informação, mas, na realidade brasileira, muitas pessoas antes de aprenderem a linguagem dos softwares, ainda necessitam se apropriar, primeiramente, da própria língua mãe. Esse fato, por si só, já se apresenta como um limitador a inclusão digital a indivíduos de forma a torná-los protagonistas ante às novas tecnologias da comunicação e informação. Este estudo leva a acreditar na importância da discussão sobre a inclusão digital.

## Webgrafia

Atlas of Cyberspace, by Martin Dodge & Rob Kitchin. Published by Addison Wesley, August 2001: 260x252: 268pp Hardback ISBN 0-201-74575-5. Disponível em:

<http://www.kitchin.org/atlas/contents.html> Acessado em maio de 2011.

DOWBOR, L. 1998. Conhecimento, educação e comunicação. Disponível em:

<<http://www.clacso.edu.ar/libros/anpocs/dowbor.rtf>>. Acessado em: 05/10/2008.

Ferreira Vargas, Sebastião L.. Mística de resistência: cultura política no Exército Zapatista de Libertação Nacional e no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *En publicacion: Informe final del concurso: Movimientos sociales y nuevos conflictos en América Latina y el Caribe*. Programa Regional de Becas CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2003. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/becas/2002/mov/ferreira> Acessado em maio de 2011.

COGGIOL, Osvaldo **O Movimento Operário nos tempos do manifesto comunista.**

Disponível em <http://www.pucsp.br/cehal/downloads/textos/ATT00599.pdf>. acesso em 29/08/2011.

GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. Scielo. Saude soc. São Paulo, v. 13, n. 2, 2004. Scielo. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902004000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000200003)

Acessado em 24/04/2011

MACHADO, Jorge Alberto S.. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociologias* [online]. 2007, n.18 [cited 2011-09-18], pp. 248-285 . Available from:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222007000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000200012&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 1517-4522.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222007000200012>. Acessado em 08/08/2011.

MORAES, Denis. Comunicação Alternativa e Redes Virtuais: Os Movimentos Sociais na Internet. Disponível em:  
<http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera03/perfil/mat1/txtmat1.htm>  
[Acessado em 08/08/2011.](#)

LEMOES, André. Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão disponível em:  
<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibermob.pdf> Acessado em 04/05/2011.

\_\_\_\_\_. Cibercultura como Território Recombinante. I Simpósio Nacional ABCiber. Disponível em: <http://abciber.org/publicacoes/livro1/textos/cibercultura-como-territorio-recombinante1/> Acessado em 27/07/2011.

ELECTRONIC FRONTIER FOUNDATION. Consulta geral à página. Disponível em:  
<[www.eff.org/](http://www.eff.org/)>. Acessado em 09/09/2002.  
<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>

Mesa Redonda apresentado no do XIII Encontro Nacional de Geógrafos - ENG, João Pessoa, 2002. Disponível em: <[www.tamandare.g12.br/ciber/](http://www.tamandare.g12.br/ciber/)>. Acessado em 05/10/2008.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. O Espaço Líquido. I Simpósio Nacional ABCiber. Disponível em: <http://www.abciber.org/publicacoes/livro1/textos/o-espaco-liquido/>  
Acessado em 27/07/2011.

Ferreira Vargas, Sebastião L.. *Mística de resistência: cultura política no Exército Zapatista de Libertação Nacional e no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. En publicacion: Informe final del concurso: Movimientos sociales y nuevos conflictos en América Latina y el Caribe.* Programa Regional de Becas CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2003. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/becas/2002/mov/ferreira.pdf>

FRANCISQUINI, Renato. *A Política do Espetáculo: as novas formas de interação e suas potencialidades. O Caso do Exército Zapatista de Libertação Nacional e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.* Disponível em:

[http://www.compolitica.org/home/wpcontent/uploads/2011/01/sc\\_scp-renato.pdf](http://www.compolitica.org/home/wpcontent/uploads/2011/01/sc_scp-renato.pdf)

Acessado em 07/07/2011.

LÉON, Antonio García. *Os Zapatistas Hoje.* Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/03leon.html> Acessado em 07/07/2011.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.* Disponível em: <<http://www.uol.com.br/michaelis/>>. Acessado em: 04/11/2002.

MITCHELL, W. J. *City of bits.* Disponível em: <[http://mitpress.mit.edu/e-books/city\\_of\\_bits](http://mitpress.mit.edu/e-books/city_of_bits)>. Acessado em: 03/03/2004.

MORAES, Dênis. *O Ativismo Digital.* Universidade Federal Fluminense, Brasil 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html> Acessado em 07/07/2011.

MST – Movimento dos Trabalhadores sem terra. Disponível em: <http://www.mst.org.br/> acesso em 18/08/2011

NASI, Lara e RADDATZ, Vera Lucia Spacil. Ciberativismo: Espaço de Comunicação e Militância na Internet. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, RS. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1536-1.pdf>

Acessado em 07/07/2011.

NAÇÕES UNIDAS. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: [www.undp.org/hdr2001](http://www.undp.org/hdr2001). Acessado em: 04/03/2004.

NEVES, Bráulio de Britto. Prefiguração de contrapúblicos em Brad – Uma noite mais nas barricadas. Revista Galáxia, São Paulo, 2010. Disponível em:

<https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:wXP69kUfwJ:revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/4718/3283>

PALÁCIOS, M. Mito e potência das cibercidade. Disponível em: [http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-12-16/mat\\_24886.htm](http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-12-16/mat_24886.htm)>. Acessado em: 22/10/2002.

PEREIRA, Débora de Carvalho. O Uso da Rede AVAAZ.org para a construção da crença da “Justiça Global” e a Mobilização Social em Contextos Digitais”. Universidade Federal de MG. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Inovação e Inclusão Social: questões contemporâneas da informação, RJ 25 a 28 de outubro de 2010. Disponível em:

[congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/download/541/57](http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/download/541/57)

Acessado em 08/08/2011.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. Movimentos Sociais: Abordagens Clássicas e Contemporâneas. CSOnline, Revista eletrônica de Ciências Sociais Ano I, Edição 2, Nov.2007 disponível em:

<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline/article/viewFile/358/332>  
[acesso em 08/08/2011](#)

PIRES, H. F. Inovação tecnológica e desenvolvimento da cibercidade: O advento da cibercidade. In: Simpósio Internacional Cybercity, 2003. Anais ... São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.cibergeo.org/artigos>>. Acessado em 05/10/2008.

PIRES, H. F. Internet, software livre e exclusão digital: Impasses e opções no desenvolvimento de políticas públicas de alcance social no Brasil. Revista Geouerj, 12, Rio de Janeiro, p.11-22, 2002. ISSN 1415-7543. Disponível em: <[www.cibergeo.org/artigos](http://www.cibergeo.org/artigos)>. Acessado em: 05/10/2008.

<http://zeztainternazionalezln.org.mx/>

RIBEIRO De Souza, S.M. THOMAZ Júnior, A. O MST e a mídia. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (45), 2002. [ISSN: 1138-9788]. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-45.htm>

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rgitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf> Acessado em 05/05/2010.

RIVELLO, Ana Paula Avellar Francisco e PIMENTA, Paolielo Ciberativismo e zapatismo. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Juiz de Fora - Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste , São Paulo, 07 a 10 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0215-1.pdf> Acessado em 05/05/2011.

ROCHA, Maria Neblina Orrico. A Internet como aliada dos movimentos sociais na América Latina: o caso dos sem-terra no Brasil e dos zapatistas no México. Disponível em: [www.corredordelasideas.org/docs/sesiones/.../neblina\\_orrico.doc](http://www.corredordelasideas.org/docs/sesiones/.../neblina_orrico.doc). Acessado em 07/07/2011.

SCHULER, D. Evergreen State College, EUA é um dos líderes do Seattle Community Network. Disponível em:

<[www.digitalcity.jst.go.jp/conferences/200110\\_dckm/schuler.html](http://www.digitalcity.jst.go.jp/conferences/200110_dckm/schuler.html)>.

Acessado em: 04/11/2002.

SILVA, M. T. C. A (ciber) geografia das cidades digitais. Disponível em: <<http://www.tamandare.g12.br/cidadedigital>>. Acessado em 05/10/2008.

SILVA, M. T. C. Internet, Geografia e *software* livre Mesa Redonda apresentado no do XIII Encontro Nacional de Geógrafos - ENG, João Pessoa, 2002. Disponível em: <http://www.tamandare.g12.br/ciber/> Acessado em 05/10/2008.

TRAMONTANO, Marcelo e REQUENA, Guto. Habitaes: processos de projeto de uma espacialidade híbrida . Artigo originalmente publicado em inglês no IJAC – International Journal of Architectural Computing, 2007 (Issue 3, vol. 5). Disponível em: [http://gutorequena.com.br/site\\_mestrado/IJAC\\_portugues.pdf](http://gutorequena.com.br/site_mestrado/IJAC_portugues.pdf) Acessado em 05/05/2011.

## **Bibliografia**

AUGÉ, Marc Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 1994. Campinas: Papirus.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e técnica. Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994, vol.

CASTELLS, M. Local y global, la gestión de las ciudades em la era de la información. Ed. Taurus. 1997.

\_\_\_\_\_. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional. In: Novas perspectivas críticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

\_\_\_\_\_. A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

FASCIANI, Roberto. Novas tecnologias informáticas, mass media e relações afetivas. In: PELUSO, Angelo. Org. Informática e Afetividade: A evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos: Bauru: EDUSC, 1998

GOHN, M. da G., Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos, 4.ed., São Paulo: Loyola, 2004.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.

KUMAR, Krishan. Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1992

LEFEBVRE, H. La production de l'espace. Paris, Maspero.

LE MOS, A. Cibercidade. Disponível em:

<[www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/cibercidades](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/cibercidades)>. Acessado em: 05/10/08.

LÉVY, P. Cibercultura. Editora 34, 2ª Edição. SP, 2000.

LÉVY, P. O que é virtual? São Paulo, Ed. 34 Literatura. 1996

LISBOA, T. K. Referencial teórico. In: Referencial teórico - A Luta dos Sem-Terra no Oeste Catarinense. Florianópolis. UFSC, 1988

MAQUIAVEL, N. O Príncipe. 4ª ed. São Paulo, Nova Cultural, 1987 (Coleção Os Pensadores).

Mc LUHAN, Marshall. [O meio é a mensagem](#). Ed. Record. 1969. Tradução: Ivan Pedro de Martins. (com Quentin Fiore)

MELUCCI, Alberto. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Trad. M. do C. Bomfim. Petrópolis: vozes, 2001.

MITCHELL, W. J. E-topia: A vida urbana - mas não como a conhecemos. São Paulo. Ed. SENAC. 2002.

NEGROPONTE, Nicholas. A Vida Digital. 1995. Companhia das Letras

ORTIZ, Pedro. Zapatistas – A velocidade do sonho. Brasília : Entrelivros: Thesaurus, 2006

PIRES, H. F. O advento da cidade informacional. Encontro Regional de Estudos Geográficos, 1, 1991. Anais ... Recife, AGB/NAEG, UNICAMP, 1991, p. 231-237.

REZENDE, V. Planejamento urbano e ideologia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

SANTOS, M. A cidade nos países subdesenvolvidos. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, Brasil, 1965.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo. HUCITEC, 1996.

SANTOS, M. Território e sociedade - entrevista com Milton Santos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, p.60.

SHERER, Warren I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Sociedade e Estado, Brasília, UNISC, 2006

SCHAFF, A. Sociedade informática. Trad. Carlos E. J. Machado e Luiz Obojes. São Paulo: Brasiliense, Editora UNESP, 1985

SILVA, M. T. C. A (ciber) geografia das cidades digitais. Rio de Janeiro. Niterói: UFF, Tese de Mestrado, 2002.

SILVA, P. C. Da cidade a cidade eletrônica. Departamento de Geografia Sorocaba, 1998. (Texto).

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Exclusão digital: a miséria na era da Informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003

TOFFLER, A. A terceira onda. Trad. João Távora. 20 ed. São Paulo: Record, 1995.

TORU, I. ISBISTER, K. (Eds.). Digital cities: experiences, technologies and future perspectives. Lecture Notes in Computer Science, 1765, Springer-Verlag,

VIRILIO, Paul. O espaço crítico. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

VEGH, S. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). cyberactivism: online activism in theory and practice. London: Routledge, 2003

ZANCHETI, S. M. Cidades digitais e o desenvolvimento local. RECITEC, Recife, v.5, n.2, p.311-329, 2001. Acessado: 10/03/2004.

NEVES, Bráulio de Britto. Prefiguração de contrapúblicos em *Brad – Uma noite mais nas barricadas*. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 20, p. 134-145, dez. 2010.